



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS SOCIOECONÔMICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Larissa Ferreira Tavares

Em busca da melhor versão contra si mesmo: sobre o *coaching*, a verdade e o governo pela
liberdade no neoliberalismo

Florianópolis
2021

Larissa Ferreira Tavares

Em busca da melhor versão contra si mesmo: sobre o *coaching*, a verdade e o governo pela liberdade no neoliberalismo

Tese submetida ao Programa de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutora em Administração.
Orientador: Prof. Renê Birochi, Dr.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Tavares, Larissa Ferreira

Em busca da melhor versão contra si mesmo : sobre o coaching, a verdade e o governo pela liberdade no neoliberalismo / Larissa Ferreira Tavares ; orientador, Renê Birochi, 2021.

151 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Administração, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Administração. 2. Coaching. 3. Empresário de si. 4. Governo pela liberdade. 5. Estudos foucaultianos. I. Birochi, Renê. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

Larissa Ferreira Tavares

Em busca da melhor versão contra si mesmo: sobre o *coaching*, a verdade e o governo pela liberdade no neoliberalismo

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Alfredo José Veiga-Neto, Dr.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Eloise Helena Livramento Dellagnelo, Dr^a.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Fabio Bittencourt Meira, Dr.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Nei Antônio Nunes, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Administração.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Renê Birochi, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2021.

Dedico essa tese a minha Mãe, a minha tia Lemoa e a minha Dinda que me ensinaram a lutar pela educação desde quando eu estava na barriga, e ao Marcio, que, ao meu lado, me ajuda a lutar até hoje.

AGRADECIMENTOS

O processo de doutoramento é solitário. Um dia temos uma turma, vários professores, disciplinas, entregas de trabalhos e prazos a cumprir. No outro, estamos sozinhos de frente para ela: a tese. Na maior parte do tempo, nem tese temos ou nem sabemos se ela está ali. Divagamos sobre a teoria, nos cansamos do objeto de pesquisa, esgotamos as ideias e também o emocional, num lamento que oscila entre o querer terminar a tese, mas, também não deixá-la ir embora. Nesse vai e vem, refletimos também sobre nosso momento de vida e as tarefas listadas numa coluna intitulada “quando eu terminar o doutorado”.

Há quem diga que a tese é terapia, pois, através dela, começamos a pensar sobre o que nos causa dor de estômago e as escolhas que faremos em relação à teoria e objeto. Esse conjunto parece dizer muito sobre a maneira de enxergar a vida e nossa forma de estar no mundo. Nesse processo, muitas vezes é preciso “endurecer” a alma para não sentir, não falhar, não desmoronar. E talvez, nessa imersão cheia de reflexões e escolhas, a gente se perca de nós mesmos. Pode ser. Eu mesma, antes de chegar ao doutorado andei tão rápido e tão a frente buscando conquistar algo que muitas vezes eu até esqueci o que era. Em algum momento eu parecia ser aquele indivíduo que denuncio.

Apesar de meus desencontros na vida, foi no doutorado que eu me reencontrei comigo mesma. Foi onde consegui parar e pensar sobre essa minha corrida desenfreada (e insustentável) e o quanto em algum momento eu parecia ter perdido meu olhar no horizonte. Hoje, pensando sobre isso tudo, eu percebo que talvez o doutorado não seja solitário, e sim, um momento em que estamos sozinhos, conversando somente conosco e o espelho é a tela do computador. Digo isso, pois nesse estar sozinha, estive perto de pessoas que ajudaram nesse meu resgate, me lembrando quem eu era, o que eu queria e o quanto um doutorado pode ser uma fase feliz e estudar pode ser leve. Por isso, deixo aqui registrado meu agradecimento às pessoas que estavam junto comigo nesse processo de reencontro tão necessário e bonito.

Agradeço a minha Mãe e minha tia Lemoa (que me protegem lá de cima) e a minha Dinda que sempre estiveram ao meu lado me dando carinho, amor e proteção. Meu eterno agradecimento e admiração a vocês que são a razão de tudo o que sou, acredito e luto. Em uma casa que sempre teve três “mães” professoras há agora uma filha professora doutora com o coração feliz e grato por tudo que vocês me proporcionaram e ensinaram.

Ao meu amado Marcio, meu melhor amigo, o professor que sigo os passos, o meu amor puro e divertido que me acompanha nos choros e risadas, nos desafios e nos sonhos.

Que nossos corações estejam juntos e cuidando um do outro e que a vida continue (e ela continua!) nos brindando com momentos tão alegres e de tanto amor! Sou muito grata a tudo o que temos e ao quanto aprendo e vivo contigo todos os dias.

Ao meu orientador Renê Birochi, por me apoiar nessa aventura e me fazer refletir sobre cada conversa, frase escrita nesse trabalho ou leitura realizada. Meu respeito e admiração pela pessoa e profissional que és e meu eterno agradecimento pelos ensinamentos. Fico muito feliz que nossos caminhos tenham se cruzado, que seu nome e apoio estarão impressos nessa pesquisa e que juntos, ao longo de todo esse tempo, construímos uma trajetória com sintonia, leveza, alegria e muito aprendizado.

À professora Eloise Dellagnelo, pela acolhida já nos primeiros dias, deixando essa caminhada mais tranquila e feliz. Nossos debates em sala de aula e fora dela me ensinaram a argumentar, a defender uma ideia e a refletir de forma mais aprofundada sobre várias questões da academia e também da vida. Vocês nas disciplinas obrigatórias, dadas também pelos professores Sílvio Cario e Maurício Serva, que guardo no coração com carinho, me lembraram que estudar exige dedicação e esforço, mas, que é assim que nos tornamos bons pesquisadores e profissionais.

Aos meus amigos, de infância ou de agora, que, mesmo distantes se fizeram tão próximos acompanhando junto comigo esse trabalho. Vocês que estiveram sempre ali me apoiando e me resgatando nas vezes em que fiquei distante e imersa por tempo demais nos estudos. Em especial, registro aqui meu agradecimento ao Érico, irmão de alma, e a sua mãe, tia Carmen por me acolherem em suas casas e em seus corações; às amigas: Isa, Carol, Popô e Bitá por vibrarem com cada etapa desse trabalho como se fossem delas me mostrando que amigos são a família que escolhemos. A minha cunhada e amiga Maristela pela revisão desse documento e pela amizade, amor e apoio nessa nossa caminhada. Agradeço ainda as minhas amigas pesquisadoras que me encorajam a seguir essa trajetória e me incentivam, a junto com elas, defender a ciência: Juliana Coimbra, Ana Paula D'Ávila, Helena Peres, Amanda da Luz, Ana Paula Krolow, Janiele Peres, Danielle Trentin, Marina Pereira, Nacieli Marini, Patrícia Tometich, Cristiane Costa, Marília Segabinazzi e Patrícia Louzada.

Aos meus colegas (e amigões) de doutorado da turma de 2017, em especial à Kamile que mesmo com a distância se fez tão presente dividindo comigo as angústias, vitórias e essa amizade verdadeira; à Chayne e Diego, minha dupla amiga e porto seguro, que levo no coração pra sempre; à Monique pela cumplicidade, amizade acolhedora e pelo cuidado em todos os momentos; ao Danilo e ao Juliano pelas reflexões, risadas e companheirismo desde o

primeiro até o último dia dessa caminhada. À Angélica pelo abraço a cada vitória, ao Bruno e à Daiane que faziam eu me sentir em casa mesmo quando eu estava longe. Agradeço ainda à Larisse, minha dupla que antes mesmo de eu ter chegado no curso me acolheu de uma forma tão sincera, amiga e amável; à Marina pela alegria, gargalhada e pelo coração sempre em sintonia; à Tássia pelas dicas e parceria e às amigas do grupo de pesquisa Observatório da Realidade Organizacional pelo apoio nessa caminhada. A todos vocês meu eterno carinho e a alegria das boas lembranças.

Aos colegas da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em especial, à Patrícia e Audrei, e às colegas-amigas do campus São Lourenço do Sul, Adriana, Marcia e Liandra, que me encorajaram e apoiaram na realização desse doutorado. Aos colegas do Grupo de Estudos Foucault (GEF) da Universidade Federal de Pelotas pela acolhida e aprendizado. À professora e amiga Francielle Molon da Silva por estar junto em todas as etapas da minha caminhada profissional, ao professor Márcio Barcelos pelas reflexões sobre o tema e pela amizade sincera ao longo desses anos e às professoras Rosimeri Carvalho e Sueli Goulart por todo apoio sempre e por vibrarem comigo a cada conquista.

Agradeço ao professor Nei Nunes, professor Alfredo Veiga-Neto, professora Eloise Dellagnelo e professor Fabio Meira, pelo aceite em ser banca examinadora desse trabalho. Meu carinho, admiração e agradecimento pelas contribuições na tese e por me darem motivação e a coragem que eu precisava para cumprir essa caminhada.

Por fim, por ser uma tese escrita na maior parte do tempo durante a pandemia de COVID-19 agradeço ainda aos profissionais que dedicaram e dedicam seus esforços para o enfrentamento da pandemia do coronavírus. A todos vocês, meu apoio e minha eterna admiração.

A UM PASSARINHO

Para que vieste
Na minha janela
Meter o nariz?
Se foi por um verso
Não sou mais poeta
Ando tão feliz!
Se é para uma prosa
Não sou Anchieta
Nem venho de Assis.
Deixa-te de histórias
Some-te daqui!

(Vinícius de Moraes, 1946)

RESUMO

A ampliação da lógica econômica para todas as esferas da vida e o estabelecimento da concorrência como norma de conduta são elementos do avanço do neoliberalismo que contribuíram para tornar cada vez mais necessário o investimento em si mesmo. Ao compreender que a competição se dá em todos os aspectos de sua vida, o indivíduo no neoliberalismo recorre a variadas técnicas e estratégias de luta. Neste cenário, cresce o número de treinadores, consultores, administradores do eu ou, simplesmente, *coachs* que sugerem, em tom religioso, que “mostrar” a alma é a receita do sucesso. Desse modo, tomando o cristianismo e o neoliberalismo como regimes de verdade (FOUCAULT, 2014), este estudo objetiva analisar como o *coaching* atua na constituição do indivíduo empresário de si no Brasil. Para tanto, foram coletados dados primários (observação participante em dois grandes eventos de *coaching*: Tony Robbins Brasil e Desperte seu Poder) e secundários (materiais dos eventos, sites e redes sociais), ambos tratados mediante análise de conteúdo (BARDIN, 2016). A partir das categorias do reconhecimento das faltas (FOUCAULT, 2014) evidenciou-se que o fenômeno do *coaching* segue a ordem das três práticas do cristianismo primitivo: 1) o batismo, morte voluntária para a vida, que no *coaching* é o olhar para dentro de si; 2) a penitência eclesial, essa segunda chance do perdão dada por Cristo, e no *coaching*, a transformação e expulsão desse outro eu; e 3) a direção de consciência, no cristianismo as técnicas para entrar na ordem estabelecida, e no *coaching* os exercícios para manifestar/confessar o que se sente. Neste processo, a ideia de salvação através da perfeição e da cura e ainda a promessa de felicidade, transformação e vida extraordinária a curto prazo, dão espaço ao indivíduo empresário de si: um ser iluminado e espiritualizado que recorre ao otimismo para suportar o fracasso ou dilemas do mundo real. Também foi possível observar que o cristianismo primitivo aparece de forma atualizada no neoliberalismo e, com isso contribui para constituir o empresário de si, que precisa se mostrar como pecador para vencer. Neste contexto, esses empreendedores do eu fazem do *coaching* o suprassumo da cura rápida e através do ato de confissão possibilitam ao indivíduo se perdoar (parar de sofrer) para então, competir com todo seu potencial. Intensifica-se, assim, a indústria da cura e a da felicidade, uma vez que ser infeliz é sinônimo de fracasso. No processo, o empresário de si, carrega e é, em si, uma nova forma de organização que enriquece através de sua história e concorre com ele mesmo. Isso implica que, embora no neoliberalismo a ideia de empresa seja um referente, ela não é central, pois, tal indivíduo, como organização, pulveriza a ideia de coletivo, competindo contra si próprio. No ritual de produzir felicidade e robôs-alegres, o *coaching* se mostra como uma forma atualizada de conduzir os vivos e o neoliberalismo opera como regime de governo pela verdade, uma vez que, a confissão é pensada como serviço público e coloca a obediência não mais nos corpos, mas na subjetividade.

Palavras-chave: *Coaching*. Empresário de si. Governo pela liberdade. Estudos foucaultianos.

ABSTRACT

The expansion of the economic logic to all spheres of life and the establishment of competition as a standard of conduct are elements of the advance of neoliberalism that have contributed to making investment in itself more and more necessary. By understanding that a competition takes place in all aspects of their life, the individual in neoliberalism resorts to various fighting techniques and strategies. In this scenario, the number of coaches, consultants, administrators of the “I” increase, or, simply, coaches that advocate, in a religious tone, that “showing” the soul is the recipe for success. Thus, taking Christianity and neoliberalism as regimes of truth (FOUCAULT, 2014), this study aims to analyze how coaching acts in the constitution of the self-entrepreneur in Brazil. For this purpose, primary data (observation in two major coaching events: Tony Robbins Brazil and *Desperte seu Poder*) and secondary data (event material, websites, and social networks) were collected, both treated through content analysis (BARDIN, 2016). From the categories of recognition of absences (FOUCAULT, 2014) it was evident that the phenomenon of coaching follows the order of the three practices of primitive Christianity: 1) baptism, voluntary death for life, which in coaching it is the looking within yourself; 2) ecclesial penance, the second chance for forgiveness given by Christ, which in coaching it is the transformation and expulsion of that other self; and 3) a direction of conscience, in the Christianity these are the techniques for entering into establish order, which in coaching would be the training exercises to manifest/confess your feelings. In this process, the idea of rescue through perfection and healing, and even the promise of happiness, transformation and extraordinary life in the short term, gives space to the entrepreneur of himself: an enlightened and spiritual being who uses optimism to support failure or dilemmas of the real world. It was also possible to observe that primitive Christianity appears in an updated form in neoliberalism and, with this, it contributes to constitute the self-entrepreneurs, who needs to show themselves as sinners in order to win. In this context, these entrepreneurs of the self make coaching the epitome of quick healing and through the act of confession enable the individual to forgive himself (stop suffering), to then compete with his full potential. Thus, the healing and happiness industry is intensified, since being unhappy is synonymous with failure. In the process, the entrepreneur of the self carries and is, in itself, a new form of organization that enriches through its history and competes with itself. This implies that, although in neoliberalism the idea of the company is a reference, it is not central, since an individual as an organization, pulverizes the idea of the collective, competing against himself. In the ritual of producing happiness and joyful robots, coaching is shown as an updated way of leading the living and neoliberalism operates as a government regime for the truth, since confession is thought of as a public service and places obedience no longer in bodies, but in subjectivity.

Keywords: *Coaching*. Self-Entrepreneur. Government for freedom. Foucauldian Studies.

SUMÁRIO

	PRÓLOGO	13
1	INTRODUÇÃO	19
1.1	OBJETIVOS	27
1.1.1	OBJETIVO GERAL	27
1.1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	27
1.2	JUSTIFICATIVA	28
2	SOBRE O EMPRESÁRIO DE SI, O FENÔMENO DO <i>COACHING</i> E O REGIME DE VERDADE	33
3	MÉTODO	48
4	ANÁLISE	57
4.1	COMEÇANDO A NARRATIVA: ENTRANDO NOS PALÁCIOS DA VERDADE.....	59
4.2	A PREPARAÇÃO PARA O BATISMO E PARA A TRANSFORMAÇÃO: OS CATECÚMENOS E O EMPRESÁRIO DE SI.....	75
4.3	DIZ-ME QUEM TU ÉS: O BATISMO E O OLHAR PARA DENTRO DE SI... 88	
4.4	A SAGA EM BUSCA DA TRANSFORMAÇÃO: O MOMENTO DA PENITÊNCIA.....	103
4.5	TORNAR-SE OUTRO? A PRÁTICA DA DIREÇÃO DE CONSCIÊNCIA	114
4.6	EXAUSTA, PORÉM PLENA: REFLEXÕES SOBRE O PALCO E OS BASTIDORES DO FENÔMENO DO COACHING.....	124
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
	REFERÊNCIAS	146

PRÓLOGO

Caía a noite e a rotina era praticamente a mesma: ligar o computador e começar a estudar. Naquele dia, ao verificar a caixa de entrada dos e-mails, notei que havia recebido um estranho e curioso. No assunto estava escrito: “Caio Carneiro tem uma síndrome”.

No primeiro minuto, fiquei pensando quem seria Caio Carneiro e por que eu estaria recebendo um e-mail daqueles. Achei que poderia ser algum tipo de *spam* já que não sabia do que se tratava, tampouco conhecia essa pessoa. No minuto seguinte, o objetivo de quem o enviou havia sido alcançado: eu, curiosa, acabava de abrir o e-mail.

Em um texto não tão pequeno, o autor dirigia-se a mim como “*querida pessoa*” afirmando, logo em seguida, que o “*objetivo de quase todas as pessoas é ser rico, abundante e próspero*” e questionava-me “*o porquê de algumas pessoas enriquecerem mais rápido do que outras*”. Nessa hora, eu parei e reli aquela pergunta. Minha testa foi ficando franzida e eu me questionava onde o autor queria chegar. Continuei lendo. Sim, meus olhos não conseguiram parar e foram para a linha seguinte que dizia: “... *esse grupo de pessoas sofre da insatisfação positiva progressiva permanente*”.

Parei novamente. Olhei para o branco da parede ainda com a testa franzida. Voltei os olhos para a tela do computador e reli. Era um nome muito comprido para eu conseguir assimilar, afinal eu estava só verificando meus e-mails e recém começando a estudar. Sim, o nome da síndrome era INSATISFAÇÃO POSITIVA PROGRESSIVA PERMANENTE. Ok. Na hora não sei se entendi, mas na teimosia segui lendo. Ele sabia que eu estava lendo. Tinha todo um jogo de palavras e questionamentos que me mantinham ali. Foi então que ele escreveu: “*Ficou curioso pra saber o que é? O Caio Carneiro também sofre dessa síndrome*”.

Ora, é claro que eu fiquei curiosa! Pensei: Coitado do Caio Carneiro! Do que ele sofre mesmo? Ah sim, da síndrome da insatisfação positiva progressiva permanente. Mas quem é Caio Carneiro? E por que eu estou recebendo isso? O autor seguia “conversando” comigo e o texto já havia passado de muito mais do que três linhas, mas eu senti que precisava ler. Nesse nosso mundo tão dinâmico e imediatista, para enviar um e-mail com mais de três linhas o autor tem que saber nos deixar curiosas/os e envolvidas/os naquele tema, mas ele sabia!

Consegui me manter atenta ao que falava e ainda refletindo sobre onde ele queria chegar. Parecia esperto na escrita. Sabia que eu continuaria lendo! Meus olhos seguiram fixados no texto, até porque eu já achava que precisava de uma resposta. Foi então que ele afirmou: *“As pessoas que são ímãs de prosperidade estão em sincronicidade com os sistemas nos quais fazem parte. Antes de acumular riqueza material, elas são ricas em relacionamentos, inteligência emocional e visão sistêmica”*. Pronto! Sincronicidade com os sistemas? O que seria isso? Ainda assim, noto que a expressão “ímãs de prosperidade” estava destacada em negrito, ou seja, entendi que ele queria indicar naquele grande texto as questões que para ele precisavam de atenção. E então, na frase seguinte, ele anuncia também em negrito uma *“dica simples para enriquecer mais em menos tempo: Quanto mais você agrega valor na vida de outras pessoas, mais movimento você gera e mais o universo te devolve em oportunidades. Quanto mais oportunidades, mais crescimento, evolução e abundância”*.

Ah, aí eu já desconfiava qual a mensagem que ele queria passar. Pensei que ele poderia querer me vender alguma coisa, mas não entendi muito bem o que era e nem por que o universo estava ali, presente naquele texto. Então ele segue: *“É com essa reflexão que te convido a ver o vídeo que eu gravei com um grande amigo, o Caio Carneiro, para entender como um milionário pensa. É um conteúdo literalmente enriquecedor. Clica aqui ou clica na imagem abaixo para ver”*. A imagem que ele queria que eu clicasse era de um *coach*¹ muito conhecido no Brasil, o José Roberto Marques. Adivinha? Era ele quem estava escrevendo aquele e-mail e me chamando de querida pessoa.

José Roberto é presidente do Instituto Brasileiro de *Coaching* (IBC), foi citado em uma novela do horário nobre da Rede Globo e foi consultor do empresário Roberto Justus no programa “O Aprendiz” da Rede Bandeirantes em 2019, edição em que os participantes eram celebridades/influenciadores da internet. Para meu espanto, qual era o título do vídeo que eu deveria clicar? “Milionário antes dos 30”. Na foto do vídeo, ele estava abraçado no tal Caio Carneiro (aquele da tal síndrome). Pareciam felizes, sorridentes, com a boca aberta e fazendo gestos com a mão igual esses jovens fazem, sabe?! Mas quer saber? Com a boca aberta estava eu. Afinal, nessa hora, eu pensei que não estava milionária, já tinha passado dos 30 anos há um tempo, não sabia quem era o Caio Carneiro e estava até agora pensando se eu tinha a tal síndrome dele.

¹ Neste trabalho me refiro a *coaching* como o processo, *coach* o profissional e *coachee* o treinado, isto é, o cliente/aluno.

E então o autor do e-mail me conta: *“O Caio Carneiro é um jovem fora da curva! Saiu do zero, conquistou seu 1º milhão aos 25 anos e se tornou amplamente conhecido pelo livro Seja Foda. Hoje ele viaja o mundo todo compartilhando suas experiências, insights de empreendedorismo e fazendo conexões com grandes players. O cara só entrevista gente fudidovsky como Flávio Augusto, Rick Chester, Robinson Shiba (China in Box), Erico Rocha e por aí vai”*. Aqui eu percebi que, apesar de ser formada em Administração e estudar empreendedorismo, talvez eu não seja uma *“player”*, afinal não fazia ideia de quem eram essas pessoas citadas.

Além disso, ainda querendo me convencer, ele encerra o e-mail dizendo que *“Nosso papo foi foda! O Caio trouxe um insight extraordinário sobre pessoas inspiradoras que se dividem em dois grupos: pessoas aviso ou pessoas exemplo. O Caio tem uma visão de vida muito evoluída sobre sucesso, família, riqueza, empreendedorismo e sonhos. Ele é a definição viva do que eu sempre digo: Ouse ir além e o poder lhe será dado. Bye, byeee”*. Ao se despedir no e-mail, ele pedia que, depois de eu assistir ao vídeo, contasse nos comentários se também sofro da insatisfação positiva progressiva permanente e marcasse meus amigos que sofrem dessa síndrome comigo.

Confesso. Nessa hora, comecei a pensar: onde eu estava nos meus 25 anos? Não era ganhando meu milhão. Sou um indivíduo inspirador, evoluído e de sucesso? Quais são os meus sonhos? José Roberto Marques conseguiu! Percebi que eu queria, ou melhor, *“precisava”* clicar no vídeo do Caio e saber mais sobre essa síndrome. Cliquei. É claro que eu cliquei! Como eu disse, o autor do e-mail sabia como deixar alguém curioso e garanto que o leitor deste trabalho também está.

O vídeo se inicia. Noto que os dois estão sentados bem próximos um ao outro em cadeiras elegantes, em frente a uma prateleira lotada de livros. Ao olhar para a tela, identifico que o vídeo no Youtube tem, até o momento, 2,5 mil curtidas e apenas 23 curtidas em *“não gostei”*². Ao que parece, Caio Carneiro é um jovem de fala e pensamentos rápidos, que gesticula muito, usa termos em inglês e é empolgado. Em sua fala, faz uso de gírias, palavrões e termos que mostram intensidade em suas ações, como, por exemplo, *“sou viciado em desenho animado”* e *“sou um eterno insatisfeito”*. O corte de cabelo é estiloso. Ele usa

² Vídeo intitulado *“Caio Carneiro ficou milionário aos 25 anos e contou como tudo começou | Papo com Zê”*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tU5Ht0Ua-rI> Acesso em: 7/03/2021.

camiseta preta lisa e tem uma tatuagem no braço. Já o José Roberto Marques, que se define ali como *coach* e entrevistador, usa camisa e calça social, seu tom de voz é professoral e está encantado com o que ouve. Em alguns momentos, eles parecem estar em uma sessão de terapia ou em um confessionário.

Ao iniciar a entrevista, José Roberto Marques apresenta o entrevistado e afirma que *“as histórias nossas inspiram outras histórias e o coaching é um processo de inspirar histórias”*. Caio Carneiro, complementando a ideia de José Roberto, afirma: *“não gosto de falar com gente que é normal e a gente não é normal. A gente é fora da caixa. É bom você ter esse pensamento. A gente tava conversando um pouco antes e acho que não tem melhor maneira de você às vezes passar um input, um insight do que através de uma história”*.

Já nessa primeira fala começo a entender que *coaching* tinha a ver com inspiração e histórias e que talvez, para alcançar o que Caio Carneiro tinha alcançado, era preciso fazer uso de termos/expressões em inglês, ser um indivíduo fora da caixa e não uma pessoa “normal”, apesar de eu não entender muito bem o significado disso. E assim, ele inicia a entrevista contando que sofre *“de algo chamado insatisfação positiva progressiva permanente e é um eterno insatisfeito”*. O entrevistado explica: *“Por que eu falo isso? Porque tem a insatisfação negativa que todo mundo sabe que é derivada da reclamação, do resmungo, da chateação e isso é uma merda. Agora quando tem aquela insatisfação que você não está contente com o cenário atual, mas tá te movendo pra fazer de um próximo, um melho, é uma parada que te move”*. E ainda complementa: *“No meu negócio é assim, na minha vida é assim. Porque a satisfação meio que te paralisa, você tá satisfeito você acomoda, você retrai, você cochila, você adormece, você apodrece. Então eu tenho essa insatisfação desde que eu era muito moleque”*.

A conversa continua e José Roberto Marques segue encantado com o que ouve na entrevista e eu, embasbacada, continuava ali assistindo. Questionado sobre suas inspirações, Caio afirma que existem dois tipos de pessoas que inspiram: as que são exemplo e as que são aviso: *“Meu avô sempre foi o exemplo na minha vida, mas naquela hora ele foi o aviso. Quando ele teve aquele baque (referindo-se ao infarto do avô na frente dele na empresa) eu comecei a pensar: será que aqui é o meu lugar? É aqui a minha história? É aqui que eu tô 100%?”*.

É então que José Roberto Marques complementa: *“eu acho que tem muitos pirados no mundo. Aqui tem mais um (risos). Você teria coragem, peito, de criar um movimento no Brasil e no mundo escrito ‘Seja foda’? (nome do livro). Porque fala sério, isso foi do caralho,*

fala sério". Nesse momento, Caio Carneiro garante que o nome do livro foi um ensinamento, pois acredita que muitas "*pessoas condenam quando você não segue a boiada, o caminho tradicional*". O entrevistado relata ainda que sempre foi uma pessoa boa, mas perdeu a sensibilidade dos pequenos gestos e que as coisas aconteceram com ele para que ele pudesse ensinar mais gente. Hoje ele percebe que "*nenhum sucesso nos negócios justifica o insucesso na família ou na saúde*".

Ao ser questionado sobre "*O que mais te move, Caio? O que mais te motiva, que te faz acordar de manhã cedo e te faz dizer assim 'uhuul'?*", ele responde que é a dupla de palavras: crescer e contribuir; que ele é do "*game*", que gosta de crescer, mas o senso de contribuição é uma coisa que o move. Após ouvir isso, José Roberto Marques, menciona um de seus livros intitulado "*4 ciclos da prosperidade*" e que, segundo ele, a essência desta obra parte da questão: "*O que é ser próspero? Começa em conjugar dois verbos e é o que você conjuga: dar e receber, crescer e contribuir*". Logo após, o *coach* agradece ao entrevistado usando o termo gratidão e a entrevista encerra.

Desliguei o computador. Fiquei cansada, afinal, como eu havia mencionado, eu estava recém começando os meus estudos e aquilo tudo foi muito intenso: primeiro, o susto inicial de que Caio Carneiro tinha uma síndrome. Logo, as reflexões que o *coach* trouxe ao longo daquele texto longo e envolvente e ainda aquela "chuva" de características para vencer, narradas na voz intensa e ansiosa do tal Caio Carneiro, milionário antes dos 30 anos. Realmente eu estava cansada para começar a estudar, mas eu não consegui parar de pensar nas questões que José Roberto Marques e Caio Carneiro tinham trazido no e-mail e na entrevista: afirmações de que todos queremos ser ricos, abundantes e prósperos; de que sofremos de uma insatisfação positiva que nos move e nos torna pessoas ímas de prosperidade; de que, se estivermos em sincronicidade com os sistemas, teremos riqueza material e nos relacionamentos, inteligência emocional e visão sistêmica; e ainda o quanto fora da caixa os indivíduos estão ou precisariam estar para vencer. Além disso, penso que quando Caio Carneiro diz não ser uma pessoa normal, ser um jovem fora da curva, que gosta de crescer e é um eterno insatisfeito, indago sobre os significados dessas afirmações tão inusitadas e deslocadas de minha visão de mundo e compreensão da realidade. Fiquei me questionando se esse comportamento padrão a ser seguido seria um garantidor de sucesso e realização ou seria apenas mais uma receita que contribui para uma ansiedade generalizada e uma sociedade cada vez mais individualista?

Nessa hora, em uma folha eu estava rascunhando as características do Caio Carneiro e pensando o quanto ele se aproximava do conceito de empresário de si, mencionado por Michel Foucault no curso de 1978-1979 intitulado “Nascimento da Biopolítica”. Mas eu não estava convencida por total. Duas palavras mencionadas pelo *coach* José Roberto Marques não saíam da minha cabeça e eu não tinha entendido porque elas estavam naquela entrevista. As palavras eram: universo e evolução. No momento, comecei a pensar que, além de fazer a gestão de si mesmo, tornar a vida um investimento, o indivíduo precisa não só vencer no mercado de trabalho, mas também na vida; necessita dominar a técnica para melhorar economicamente, mas também investir no desenvolvimento espiritual.

Isso despertou em mim a vontade de estudar mais sobre isso e tentar responder a essas várias questões que surgiam. Com isso em mente, adentrei o mundo dos *coaches* com o objetivo de aprofundar a investigação sobre a construção de narrativas baseadas em pretensas receitas para o sucesso, promessas de prosperidade e evolução presentes nesse universo do *coaching* e que parecem se relacionar com a ideia de empresário de si no Brasil.

1 INTRODUÇÃO

*Tudo pode ser e se quiser será
O sonho sempre vem pra quem sonhar
Tudo pode ser só basta acreditar
Tudo que tiver que ser, será
(Lua de Cristal, Xuxa)*

Mais do que uma filosofia política (ROSE, 1990), nas últimas três décadas, o fenômeno neoliberal tem gerado profundas transformações sociais. Como argumentam Dardot e Laval (2016), ao ampliar a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida, tal fenômeno não destrói apenas regras, instituições e direitos, mas produz certos tipos de relações sociais, maneiras de viver e subjetividades; determinando em todas as sociedades que almejam o caminho da “modernidade”, certa norma de vida e a forma como somos levados a nos comportar.

Diferente do liberalismo econômico clássico, em que o foco era a troca mercantil, no neoliberalismo quem organiza o mercado é a concorrência (LAZZARATO, 2011) e o discurso da fé na gestão faz com que os indivíduos não consigam se imaginar sem ser organizados por ela (PARKER, 2002). Essa “mercantilização da sociedade”, como definem Dardot e Laval (2016, p. 145), generaliza a concorrência como norma de conduta, instituindo um novo modelo de subjetivação expresso pela organização de tipo empresarial. Como consequência, a racionalidade de mercado é expandida para outras esferas da vida por meio da forma-empresa e o mercado se transforma em um “processo de formação de si”.

Esse cenário indica que os “trabalhadores sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais” (SENNET, 2009, p. 9), ou seja, o indivíduo deve se sentir responsável pelos resultados, por desenvolver suas competências, talentos e criatividade. Nesse contexto, “a mobilização pessoal torna-se uma exigência e cada indivíduo deve ser motivado para cumprir seus objetivos com entusiasmo e determinação” (GAULEJAC, 2007, p. 109).

Lazzarato (2011) sugere que essa sociedade essencialmente empresarial convoca o indivíduo a tornar-se, igualmente, um empreendimento, uma empresa, a mais valiosa que existe, e o mercado se torna a vitrine onde ele se expõe, se negocia e se vende. Conforme Gaulejac (2007, p. 177), é preciso investir, “tornar-se gestor de sua vida, fixar-se objetivos, avaliar seus desempenhos, tornar seu tempo rentável”. Dessa forma, esse indivíduo,

pautado pelo desejo de eficácia e de ascensão, adere a esse discurso empresarial e busca tornar-se empresário da própria vida (EHRENBERG, 2010).

Obedecendo às mesmas leis da gestão empresarial, a gestão de si gera a rentabilização do humano, o qual, para enriquecer, precisa saber se vender. Para Binkley (2011), nessa subjetivação neoliberal, os indivíduos, nesse cenário de competição, precisam agir de forma estratégica para desenvolver suas qualidades como capital humano, buscando obter vantagem competitiva e, nesse processo, o desejo é solicitado permanentemente: “desejo de sucesso, gosto pelo desafio, necessidade de reconhecimento, recompensa e mérito pessoal” (GAULEJAC, 2007, p. 109).

Dessa forma, a lógica empresarial é vista como um princípio do governo dos homens e governo de si, pois, ao extrapolar essa ideia de mercado a outras esferas que não somente a econômica, a empresa, conforme Dardot e Laval (2016) é entendida como norma a ser seguida, desde o Estado até a subjetividade. Tal fenômeno pode ser definido como uma racionalidade governamental, que estrutura/organiza a ação dos governantes e também a dos governados através da “concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação” (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 17).

Tendo como foco a interação entre o neoliberalismo e o indivíduo e como isso acontece, é possível perceber uma generalização da empresa como norma de conduta em todos os espaços sociais, instituições e organizações. Tal ação provoca um esvaziamento da ideia de coletivo, solidariedade, sendo que as formas de “gestão na empresa, o desemprego, a precariedade do trabalho, a dívida e a avaliação” (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 9) são algumas estratégias que alavancam essa concorrência interindividual, definindo novos modos de se comportar.

Nesse cenário, pelo fato desse indivíduo estar destinado a uma competição em todos os espaços, surge o que Foucault (2008, p. 318) chamou de capital humano, isto é, um “conjunto de investimentos que foram feitos no nível do próprio homem” que dá espaço para o surgimento desse empresário, empresário de si mesmo, que faz dele seu próprio capital. Dessa forma, conforme afirmou Kovács (2001, p.62), com a crescente “responsabilização dos indivíduos pela criação do seu próprio emprego e pelo desenvolvimento de suas competências”, esse indivíduo neoliberal, pautado pelo desejo de eficácia, adere a esse discurso empresarial tornando-se empresário da própria vida, ou seja, o gerente de si mesmo que se vende para chegar ao sucesso (GAULEJAC, 2007).

Não só o Estado, como também a mídia e outras instituições ecoam um discurso de que, para sobreviver é preciso tornar-se um empreendedor da própria carreira (COLBARI, 2007), alavancando a ideia do empreendedorismo como salvação. É nesse cenário que, no Brasil, nas últimas três décadas, o empreendedorismo ganha cada vez mais espaço. Disseminado como um valor, o espírito empreendedor é visto como uma forma de se comportar: seja em relação ao sucesso/pertencimento ao mundo do trabalho, abrindo uma empresa e realizando o sonho de ser seu próprio patrão, ou internalizando as características empreendedoras para vencer ou ter sucesso.

Porém, ao que parece, é especificamente na última década que esse “espírito do empreendedorismo” tem se baseado não mais apenas na técnica/gestão e no controle do corpo. Atualmente, há uma gama de manifestações orientadas à consolidação de uma nova forma de estar no mundo, que extrapola o campo econômico e sugere que usemos essa “receita” para todos os espaços da vida. Em relação ao mercado de trabalho, é preciso que esse sujeito neoliberal o veja não mais como um espaço para um trabalho ou carreira, mas sim, como uma missão, um chamado. Quanto ao indivíduo, além dessas características empreendedoras, ele é instado, a todo o momento, a transcender, mostrar a alma, falar de si, confessar seus segredos, buscar a prosperidade em todos os aspectos da vida.

No entanto, é preciso ressaltar que esse indivíduo é também “um ser inevitavelmente endividado, culpado, em falta, e cuja dívida e/ou culpa, através de uma ascese que não cessa, nunca pode ser paga” (STIMILI, 2012, p. 249). Nessa busca constante, seja por sucesso, qualificação, lugar no mercado, aumento de produtividade, abundância, prosperidade ou até mesmo felicidade; esse indivíduo sente-se culpado o tempo todo, uma vez que não vence a competição.

Isso cria um novo cenário: de que para vencer no mercado de trabalho, mas também na vida, é preciso olhar para dentro de si, ou seja, para a “alma”, para que, dessa forma, o indivíduo descubra sua missão, tenha um propósito e deixe um legado. Além disso, há também, em vários campos profissionais centrados no governo humano, uma incessante exaltação da busca por ser feliz. Esse cenário tem como foco a “otimização, coordenação e integração do comportamento humano” (BINKLEY, 2011, p. 393) e responsabiliza os indivíduos pela criação do seu emprego, pela busca de sucesso, enfrentamento do fracasso e ainda pela sua felicidade.

Dessa forma, há um apelo para que tais indivíduos utilizem técnicas de controle do pensamento, percebam as situações de forma positiva, exaltando o otimismo, sugerindo que a

autoestima pode ser intencionalmente cultivada pelos próprios indivíduos. Em busca de legitimar a si próprio, o sujeito neoliberal torna-se vulnerável e necessariamente competitivo (empreendedor), indicando que essa ideia disseminada de espírito empreendedor, e, agora, de espírito terapêutico, como ressaltam Brunila e Siivonen (2016), surgem em conjunto com o espírito neoliberal (BRUNILA E SIIVONEN, 2016).

Como consequência, há um crescimento de estratégias para legitimar esse cenário: “uma crescente indústria caseira de treinadores, consultores e executivos da felicidade, visionários que se voltaram para a marca da psicologia positiva como o elixir para tudo isso que aflige a vida moderna” (BINKLEY, 2011, p. 375), isto é, nesse movimento de constituição/legitimação de robôs-alegres, ganham espaço, cada vez mais, os administradores do eu ou governadores da alma (ROSE, 1988). Neste trabalho, eles serão chamados de *coaches*.

No Brasil, esse mercado ganha cada vez mais força. Uma pesquisa pelo termo *coaching* no Google evidencia o grande número de instituições/escolas que oferecem diferentes cursos de formação em *coaching*. Nessa revisão, é possível verificar que muitos se dizem os precursores da prática no Brasil, o que torna complexo determinar a origem do termo/processo no país. Ainda assim, cada escola tem um método diferente e pioneiro e o conceito de *coaching* não é único, mas gira em torno da ideia de transporte de um lugar a outro, isto é, de onde a pessoa está até onde ela quer chegar. Nesse apanhado de ideias, o *coaching* ainda perpassa pelas noções de empoderamento, prosperidade, mudança de *mindset* (traduzido por programação mental/crenças) e abundância.

Levando em conta a divulgação, o número de alunos formados e a quantidade de livros lançados, cheguei a três nomes de escolas/instituições no Brasil: o Instituto Brasileiro de *Coaching* – IBC, fundado em 2007, por seu atual presidente José Roberto Marques; a Febracis *Coaching* Integral Sistêmico, de Paulo Vieira, fundada em 1998; e a Sociedade Brasileira de *Coaching* (SBC), de Villela da Matta e Flora Victoria, fundada em 1999.

Além disso, esse tema tem liderado as vendas de livros mais vendidos nos últimos anos e estampado vitrines de livrarias. Conforme o *ranking* da revista *Veja*³, os títulos mais vendidos no ano de 2018, ano em que comecei a esboçar essa Tese, foram: “A sutil arte de ligar o F*da-se”, do autor Mark Manson, que liderou o ranking, trazendo a discussão de que a positividade faz mais mal do que bem (413.383 unidades vendidas); logo após, o livro “O

³ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/os-10-livros-de-autoajuda-mais-vendidos-de-2018-quantos-voce-leu/>. Acesso: 12 de setembro de 2019.

milagre da manhã” de Hal Elrod, que defende os benefícios de acordar cedo para alcançar o sucesso (184.230 unidades vendidas); em terceiro lugar, o livro “Combate espiritual”, do padre Reginaldo Manzotti, que trata dos “combates” travados diariamente pelas pessoas (139.541 unidades vendidas); em quarto lugar, o livro “Propósito: A coragem de ser quem somos”, do autor Sri Prem Baba, defendendo o autoconhecimento para a cura do egoísmo (105.830 unidades vendidas); por fim, em quinto lugar, “O poder da autorresponsabilidade”, do *coach* Paulo Vieira, que preconiza que, para ter sucesso, é preciso assumir as rédeas da vida (95.434 exemplares vendidos).

Além desses, “O poder do agora” de Eckart Tolle, ressaltando a importância de se dedicar ao presente; “Crer ou não crer”, em que Fábio de Melo e Leandro Karnal travam um debate sobre fé e espiritualidade; “*Mindset*: a nova psicologia do sucesso”, de Carol Dweck discutindo a maneira de encarar a vida; “A sorte segue a coragem”, de Mario Sergio Cortella, numa abordagem sobre a culpa; e ainda “Como fazer amigos e influenciar pessoas”, de Dale Carnegie, que oferece conselhos de como se relacionar melhor, compõem a lista dos dez livros mais vendidos de 2018, ano em que iniciei a escrita deste trabalho.

Para atualizar essa pesquisa para os dias de hoje, em Abril de 2021, conforme o ranking da mesma revista, os livros mais vendidos são: “+esperto que o Diabo” (o mistério revelado da liberdade e do sucesso), de Napoleon Hill; “Do mil ao milhão, sem cortar o cafezinho”, de Thiago Nigro; “O homem mais rico da Babilônia”, de Georgie S. Clason; “A hora da Essência”, Padre Fábio de Melo; “O poder do Hábito”, de Charles Duhigg; “Pai Rico, Pai Pobre”, de Robert Kyosaki e Sharon Lechter; “A coragem de ser imperfeito”, de Brené Brown; “Os segredos da mente milionária”, de T. Harv Eker; “O poder da ação”, de Paulo Vieira; e, em 10º lugar, “O milagre da manhã – diário”, de Hal Elrod.

Os livros “*Mindset*”, de Carol Dweck; “A sutil arte de ligar o F*da-se”, de Marl Manson e “O poder da mente milionária”, de Paulo Vieira, que aparecem em 2018 como alguns dos mais vendidos, compõem a lista até a data de 21/04/2021, aparecendo, respectivamente, em 11º, 16º e 17º lugar na lista dos campeões de venda no gênero autoajuda da Revista Veja⁴.

Na mídia, também se evidencia o crescimento do *coaching* e o contexto em que ele tem lugar no país. Conceituado como “um pilar primordial para impulsionar a economia do

⁴ Disponível em <https://veja.abril.com.br/livros-mais-vendidos/autoajuda-e-esoterismo/>. Acesso em: 21/04/2021.

país”, conforme o site do G1⁵, o processo de *coaching* “tem chamado a atenção de quem está em busca de uma primeira ou segunda carreira, mas é diferente do papel do consultor, uma vez que é o próprio cliente que resolve o problema”. Para a revista *Exame* tal atividade é considerada a profissão do futuro no mercado brasileiro. Porém, o brasileiro demorou para buscar o serviço, pois “naturalmente tem uma dificuldade de se responsabilizar pelos próprios atos. A metodologia do *coach* costuma diminuir a mania de colocar a culpa nos outros e incentiva o autoconhecimento⁶”.

A matéria⁷ intitulada “Tendência no exterior *coaching* ganha mais adeptos no Brasil” e apresentada pelo Instituto Brasileiro de *Coaching* (IBC) em uma das revistas de maior circulação no país, a Revista *Veja*, define o fenômeno do *coaching* como uma metodologia que estimula o aumento da autoconfiança e a quebra de barreiras para que as pessoas possam atingir o seu potencial máximo. O texto evidencia que, com o dinamismo do mercado de trabalho, o autoconhecimento passa a ser importante tanto para a carreira profissional quanto objetivo pessoal, já que, é a partir dele que se consegue traçar propósitos e potencializar o foco. Ainda assim, nessa matéria, o termo propósito é trazido novamente no texto quando afirmam que:

Nos últimos anos, o *coaching* também tem sido muito procurado por pessoas que buscam evoluir, identificar novos talentos, habilidades e descobrir uma missão de vida. Os treinamentos também fazem sucesso entre trabalhadores insatisfeitos com seus atuais empregos e que buscam nos cursos uma nova carreira como *coach*, aliando realização profissional a um propósito de vida.

Dada a repercussão do *coaching* no Brasil e se considerarmos que, na racionalidade governamental do neoliberalismo, o que está em jogo é a nossa forma de existência (DARDOT E LAVAL, 2016), dentre as tantas manifestações de um Estado pautado por uma agenda neoliberal, é possível supor que o *coaching*, no contexto brasileiro, ganha espaço e aparece como um desdobramento do empreendedorismo e contribui para a construção do

⁵ Matéria site G1 “*Coaching* o mercado que movimenta mais de 2,3 bilhões ao ano”. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/especial-publicitario/instituto-brasileiro-de-coaching-ibc/coaching-e-desenvolvimento/noticia/coaching-o-mercado-que-movimenta-mais-de-u-23-bilhoes-ao-ano.ghtml>. Acesso em: 21/04/2021.

⁶ Matéria do site Terra intitulada: “93 das empresas estadunianenses aderiram ao *coach*. Brasil segue o mesmo caminho. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/93-das-empresas-estadunidenses-aderiram-ao-coach-brasil-segue-pelo-mesmo-caminho,7ed9d0c7791ec83ff581f54e5b41b8ecen0v95kz.html> Acesso em: 21/04/2021.

⁷ Matéria da Revista *Veja* intitulada “Tendência no exterior *coaching* ganha mais adeptos no Brasil”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/tendencia-no-externo-coaching-ganha-mais-adeptos-no-brasil/>. Acesso em: 21/04/2021.

indivíduo empresário de si. Ao que tudo indica, essa crescente valorização do eu e essas manifestações em torno da responsabilização do indivíduo prescrevem o comportamento desejável a ser seguido e a forma aceitável de subjetividade (BRUNILA E SIIVONEN, 2016).

Esse campo de batalha em que o indivíduo se encontra, indica que é preciso investir nas competências para a carreira, mas também é preciso ser um indivíduo iluminado, que foge da sombra, da má conduta e tenta resolver todo e qualquer obstáculo da vida. A ideia de “vencer na crise” parece que extrapolou a questão financeira e sugere qualquer crise da vida. Para isso, é preciso mudar hábitos, posturas, atitudes, adaptar o que precisa ser adaptado, reprogramar. Com a ajuda do *coaching*, numa mistura de conhecimentos que apelam para a religião, física quântica, psicologia positiva, neurociência, técnicas da Administração, cursos rápidos, biografias, literatura de autoajuda ou até mesmo em frases rasas e genéricas, os indivíduos buscam se encaixar nesse padrão e obter soluções efêmeras que vendem a ideia de que ele será o protagonista de sua história. Assim, nesse movimento carregado de certo tom religioso, esse indivíduo (culpado e endividado), para vencer, precisa “mostrar” a alma, olhar pra dentro de si e confessar seus segredos.

Considerando tais questões, a abordagem proposta por Foucault (2014), em seu curso realizado em 1979-1980 e intitulado *Do Governo dos Vivos*, é oportuna para refletir sobre esse fenômeno. Digo isso, pois, fazendo fronteira entre os temas sobre o poder e o sujeito (AVELINO, 2012), através de uma (an)arqueologia⁸ dos saberes, nessa discussão, o autor desloca “o eixo de análise poder-saber para o governo dos homens pela manifestação da verdade sob a forma de subjetividade” (AVELINO, 2010, p. 139). É nessa relação de subjetividade, verdade e governo pela liberdade, adotada no curso de 1980, que vou me deter neste trabalho de tese. Apesar dessa centralidade, em diversos momentos do texto resgato alguns conceitos presentes na obra de 1979, “Nascimento da Biopolítica”, como por exemplo, as noções de neoliberalismo e empresário de si.

Afirmo isso, pois é no curso de 1980, que o autor relaciona o cristianismo primitivo (a religião dos perfeitos) com as faltas e propõe-se a estudar essa “arqueologia da confissão” (FOUCAULT, 2014, p. 304). Colocando a noção de verdade em xeque, o objetivo central do curso é discutir o cristianismo, sob o ponto de vista dos atos de verdade que o caracterizam -

⁸ Foucault (2014, p. 72) sugere um procedimento diferente do “procedimento filosófico de estabelecer uma dúvida metódica que suspende todas as certezas”. O autor propõe “tentar fazer intervir sistematicamente, não a suspensão de todas as certezas, portanto, mas a não-necessidade de todo o poder, qualquer que seja” e para que não se pense que isso seria uma anarquia, ele propõe, um jogo de palavras apresentando nesse curso o termo “anarqueologia”.

mais precisamente, os atos de reconhecimento das faltas, que se organiza em torno de três grandes práticas: o batismo, a penitência eclesial e a direção de consciência (FOUCAULT, 2014). Em sua análise, surgem também dois conceitos: a exomologese e a exagoreusis.

A exomologese, para Foucault (2014), é uma espécie de manifestação dramática de si, pela qual o pecador, no rito da segunda penitência ou penitência canônica, pede sua reintegração na igreja. Para o autor, “há todo um regime de verdade no cristianismo que se organiza, não tanto em torno do ato de verdade como ato de fé - aderir a um conteúdo de verdade -, mas em torno do ato de verdade como ato de confissão - explorar os segredos individuais” (FOUCAULT, 2014, p. 78).

Tal conceito pode ser relacionado à manifestação de todos os sentimentos que afastam a construção de um homem ideal no neoliberalismo, como por exemplo, o medo, a procrastinação, a preguiça, a insegurança, a indisciplina, a falta de foco, ceder às tentações, os desejos não produtivos, enfim, tudo aquilo que nos constitui enquanto humanos e, portanto, frágeis pecadores. Dito de outra maneira parece que todas as paixões, os pecados e os desejos não econômicos (por exemplo, a culpa por não produzir/trabalhar) devem ser manifestados. Já a exagoreusis, ou manifestação dos pensamentos, correspondente, para Foucault (2014), à prática do exame de consciência no marco da direção monástica. Tal conceito sugere a reflexão sobre a internalização do neoliberalismo enquanto regime de verdade, que aproxima o indivíduo do ideal de *Homo oeconomicus* foucaultiano.

Discutindo acerca da ideia de poder e prática de si, conforme Avelino (2012, p. 48), Foucault, nesse curso, sofisticava o debate “acerca da problemática do governo ou da governamentalidade”. Assim, refletindo sobre o cristianismo e o neoliberalismo, é possível prever que tais regimes de verdade se organizam em torno do ato de verdade como exploração dos segredos individuais, isto é, da confissão, e que a “arte de governar os homens e essas formas de manifestação da verdade giram em torno da primeira pessoa, em torno do eu e do eu mesmo” (FOUCAULT, 2014, p.49).

Com o objetivo de encaminhar a discussão, destaca-se que o homem neoliberal tem como características: ser competitivo, ser aquele que maximiza seus resultados, expõe-se aos riscos e assume a responsabilidade tanto pelo seu sucesso como pelo seu fracasso. Para sobreviver nesse contexto, dissemina-se a ideia de que o indivíduo deve se aventurar, buscar sempre mais, estar à frente, e, além disso, desenvolver o espírito.

Partindo dessas associações do fenômeno do *coaching* com o cristianismo primitivo, percebe-se que as ações do *coaching* extrapolam/transcendem a lógica do empreendedorismo

como um conjunto de conhecimentos restritos ao espaço econômico e se ligam à ideia da alma e purificação do ser. Mais do que isso, como esse processo é essencialmente experiencial, as ações proporcionadas pelo *coaching* são carregadas de explosões sensoriais que parecem um culto e que caracterizam a marca do empresário de si, como um ser ativo e menos reflexivo (DARDOT E LAVAL, 2016).

É possível perceber também nessas ações de *coaching* que o teatro, a dança, o choro, os gritos, a alegria, a meditação, os exercícios, os gestos, a música, o ambiente e as palavras são partes de uma promessa de libertação, de expurgo, mas, são também uma forma de entretenimento que se propõe a produzir um sentido à vida das pessoas. Toda essa trama sugere a compreensão do *coaching*, como uma catarse⁹ neoliberal que reforça a ideia de indivíduo empresário de si. Para tanto, parte-se da seguinte pergunta de pesquisa: Qual o papel do *coaching* na constituição do indivíduo empresário de si? Diante da referida pergunta, apresentam-se a seguir, os objetivos que norteiam este trabalho.

1.1 OBJETIVOS

Com o intuito de responder ao problema supracitado, traço o objetivo geral e os objetivos específicos, com os quais se pretende balizar este projeto de tese.

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar como o *coaching* atua na constituição do indivíduo empresário de si.

1.1.2 **Objetivos Específicos**

- Identificar e selecionar os sujeitos/organizações do *coaching* no Brasil;
- Analisar, a partir dos dados empíricos coletados, o fenômeno do *coaching* no Brasil;

⁹ A origem do conceito de catarse em grego significa purificação/purgação. Na origem, em certas religiões tal termo designa os ritos de purificação aos quais os candidatos se submetiam. Um exemplo disso é a confissão na Igreja Católica. Na filosofia, o termo remete a Aristóteles a propósito da tragédia no teatro, e faz uma analogia à purificação, à purgação das paixões, fornecendo um objeto fictício de descarga (JAPIASSU E MARCONDES, 2001).

- Discutir as manifestações dos *coaches* selecionados e sua relação com o empresário de si.

Como forma de alcançar os objetivos estabelecidos, o trabalho foi organizado da seguinte maneira: neste primeiro capítulo, além da introdução, da delimitação do problema e dos objetivos, também consta a justificativa para a realização do trabalho. No segundo capítulo, apresentam-se as principais referências teóricas que irão constituir o marco teórico da tese, a saber: neoliberalismo, o empresário de si, *coaching* e regime de verdade de Foucault (2014). Logo após, é descrito o percurso metodológico da pesquisa e análise dos dados. Por fim, nos capítulos que seguem, apresentam-se as considerações finais e as referências.

1.2 JUSTIFICATIVA

Este estudo nasce da ideia de continuar a investigação sobre o discurso do empresário de si no Brasil. Durante o mestrado, as primeiras reflexões se deram em torno das transformações ocorridas no Estado e no mundo do trabalho, que contribuíram para um cenário de insegurança e instabilidade, como também para a sensação de que o indivíduo é responsabilizado pela sua condição de empregabilidade e sobrevivência no mercado. Dessa forma, a partir da ideia de que estamos condenados a vencer, a dissertação de mestrado em Sociologia teve como objetivo analisar o papel do SEBRAE na disseminação e reprodução do empreendedorismo no Brasil (TAVARES, 2014). À época, a inquietação e motivação do estudo era a ideia de empreendedorismo como uma força social responsável por desencadear “comportamentos, atitudes e valores que conduzem à inovação, à mudança, potencializando a geração de riqueza e a ação transformadora das condições sociais e políticas” (COLBARI, 2007, p. 76).

Porém, passados cinco anos desde a defesa da dissertação, parece que o tema sobre o processo de transformação do trabalhador-empREENDEDOR, que almeja tornar-se o patrão de si mesmo; ou o tema sobre as características empreendedoras individuais, ambos, por si, não são suficientes para aprofundar a compreensão expressa na máxima “vencer no mercado de trabalho”. Exige-se desse trabalhador-empREENDEDOR algo mais de si. E, nesse sentido, é preciso, também, ir um pouco mais além.

Ao que tudo indica, o eu ideal é o de um ser humano pretensamente evoluído, representado por um ideário em torno da imagem de alta *performance* profissional e pessoal,

um trabalhador que almeja uma vida extraordinária e de abundância. Assim, se antes, conforme as cartilhas do SEBRAE, instituição que era/é tida como a “voz” do Estado, estimular, apoiar e educar para o empreendedorismo devia estar no topo das prioridades de um governo (ESCARLATE, 2010), agora, ao que parece, a subjetividade se tornou um recurso na administração dos problemas da nação (ROSE, 1988). Digo isso, pois, o olhar para dentro de si, ou conforme Dardot e Laval (2016, p. 342), o “domínio de si mesmo e das relações aparece como contrapartida de uma situação global que ninguém mais consegue controlar”.

No Brasil, tal processo parece ter uma íntima relação com o *coaching*, uma vez que esses, ao venderem uma forma de estar no mundo, contribuem para disseminar a ideia do empresário de si enquanto fenômeno social. Tendo em mente a importância desses fenômenos no processo de desenvolvimento econômico e social, convém elucidar as implicações extra-econômicas de tomá-los como elementos centrais da organização social.

No contexto internacional, é vasta a literatura sobre *coaching* em vários campos do conhecimento, tais como psicologia, gestão, educação e sociologia. No entanto, boa parte dos trabalhos está voltada a abordagens funcionalistas que exaltam a prática do *coaching*, sendo poucos os trabalhos que colocam uma lente crítica sobre esse fenômeno: como, por exemplo, o trabalho de George (2013), que discute a profissionalização do *coaching* de vida (*life coaching*); enquanto o termo *Life Coaching and Enterprising* é abordado nos estudos de Brunila e Siivonen (2014) ao trazerem a discussão sobre a subjetividade auto-responsável, empreendedora, flexível e autocentrada na educação e o discurso terapêutico e empreendedor no neoliberalismo. Já os autores Bröckling (2002; 2005), discutem o eu empreendedor, Maitra (2017) a criação de trabalhadores empreendedores, Mäkinen (2014) volta os seus estudos para a ideia de *coaching* e *enterprising self*, discutindo sobre *coaching* de vida.

Há ainda alguns autores que relacionam *Coaching* e Foucault como, por exemplo, os trabalhos de Cushion (2018) sobre discurso de reflexão e prática reflexiva em *coaching*, Mills e Denison (2018), discutindo poder e *coach*, Fodge (2011), Nielsen Norreklit (2009, 2011) analisando o discurso e poder disciplinar. Potrac e Jones (2009) discutem a adoção da micropolítica de *coaching* esportivo; e o termo *coaching* e governamentalidade são abordados nas pesquisas de Dahlestedt e Fejes (2014) ao pensarem a reforma da família o *coaching* e a responsabilidade parental. Fodge (2011), Shoukry e Cox (2018) abordam o *coaching* como um processo social e como dispositivo ideológico e instrumental, e Cushion (2018) e Garratt,

Piper e Taylor (2013) discutem a prática discursiva fazendo um relato genealógico da proteção no esporte.

No que se refere ao âmbito nacional, as pesquisas sobre o fenômeno do *coaching* e suas variantes (epistemologias funcionalistas ou críticas) nas bases de dados Spell e Scielo, bem como no banco de teses e dissertações da CAPES, na área de ciências sociais aplicadas, mostraram que, em se tratando do termo *coaching*, existem trabalhos na área da administração e em outras disciplinas (sociologia, psicologia, educação).

Ainda que existam autores trabalhando temas como neoliberalismo e governamentalidade, a discussão do empresário de si relacionada à ideia de *coaching* e toda a crítica que ela carrega, ainda é pouco explorada no Brasil. Na área de Administração é reduzido o número de trabalhos que adotam uma abordagem crítica sobre o referido fenômeno. Destacam-se as dissertações de Burlamaque (2013) sobre o trabalho imaterial na perspectiva do *life coaching*; e de Soares (2017) sobre o *coaching* executivo e sofrimento psíquico no trabalho.

Especificamente na área de Estudos Organizacionais, não foram encontrados textos que realizassem a relação entre os temas empresário de si e *coaching*. Por isso, este trabalho parece suprir uma lacuna teórica e empírica na área. Nesse sentido, ao realizar a crítica ao empresário de si dentro da própria Administração, este projeto se liga à tradição de estudos organizacionais críticos, tal como definido por Faria (2009):

análise crítica em estudos organizacionais que se baseia em estudos segundo novas dimensões, como o pós-estruturalismo de Foucault, o pós-modernismo de Lyotard, as análises institucionais de Lourau e Lapassade, o simbolismo de Bourdieu, o imaginário de Castoriadis e a teoria da complexidade de Morin, entre outros. São análises críticas não marxistas e não frankfurtianas que estudam as organizações, do ponto de vista das relações de poder (FARIA, 2009, p. 511).

A motivação teórica desse estudo se deu a partir das discussões colocadas por Dardot e Laval (2016) no livro “A nova razão do mundo” e as reflexões propostas por Foucault em seu curso de 1979-1980, intitulado *Do Governo dos Vivos* (2014). Nesse curso, Foucault (2014, p. 69) questiona a nossa civilização e “as relações de governo dos homens, a manifestação da verdade na forma da subjetividade e a salvação para todos e cada um”. O autor, ao introduzir o termo governo (condução das condutas), visa entender “como as práticas de governo funcionam como reveladoras do modo pelo qual um poder é efetivamente exercido” (AVELINO, 2012, p. 48).

Essa genealogia da subjetividade, conforme afirmou Rose (2001b), isto é, essas relações consigo mesmo devem ser pensadas na perspectiva de governmentação. Para o autor, a relação dos indivíduos com eles mesmos tem sido objeto de esquemas que moldam as formas de compreensão e de vivenciar a existência “em nome de certos objetivos - masculinidade, feminilidade, honra, reserva, boa conduta, civilidade, disciplina, distinção, eficiência, harmonia, sucesso, virtude, prazer” (ROSE, 2001b, p. 36). Para isso, apoiada nas discussões foucaultianas (2014), pretendo refletir sobre a disseminação dessas manifestações do eu ideal no neoliberalismo.

Ao colocar em evidência o *coaching* como um processo que possibilita produzir/criar “uma melhor versão” dos indivíduos, este estudo tem como foco a figura do empresário de si. No entanto, a análise desse indivíduo, por não estar descolada do neoliberalismo, também permitirá discutir as implicações sociais do fenômeno do *coaching*, como, por exemplo, a atualização das formas de governo decorrentes do neoliberalismo.

Ainda assim, por se tratar de um estudo crítico na área de Estudos Organizacionais, também é possível mencionar os desdobramentos da empiria no processo do organizar e nas organizações. Digo isso, pois, ao que parece há no cenário de constituição do empresário de si, a lógica econômica e empreendedorística, como por exemplo, a ideia de enriquecer através dos traumas/experiências/segredos e, a partir daí, pensar o indivíduo-empresa como uma nova forma de organização.

A análise desse fenômeno no Brasil também poderá contribuir para reforçar as críticas às práticas do *coaching*, especialmente, as promessas diariamente disseminadas que exploram as fragilidades (muitas delas produzidas pelo próprio sistema capitalista), prometendo a cura psicológica e, inclusive, física. Nesse embate, alguns órgãos de classe e instituições já se mobilizaram para limitar a atuação do *coaching*.

O Conselho Federal de Psicologia, por exemplo, emitiu uma nota¹⁰ orientativa a respeito da disseminação do *coaching*, os princípios, métodos e técnicas que são de caráter da área de Psicologia. Nessa nota, o conselho evidencia que o psicólogo que utilizar o *coaching* como prática profissional, deve seguir os princípios fundamentais e artigos do Código de Ética Profissional do Psicólogo (Res. CFP nº 010/2005).

Na nota o CFP ainda destaca

¹⁰ Disponível em: <https://site.cfp.org.br/cfp-publica-nota-orientativa-sobre-coaching/>. Acesso em 02/08/2019.

embora não exista regulamentação legal específica para a utilização do *coaching*, tal prática é caracterizada por ser um processo breve que se propõe a auxiliar o indivíduo a alcançar objetivos previamente definidos a partir de metodologias que envolvam a conscientização de elementos da vida, da história, interesses e potencialidades, e que transita em campos de atuação que permeiam o autoconhecimento e o desenvolvimento humano (CFP, 2019).

Até a elaboração desta Tese, tramitam no Senado¹¹ dois projetos em relação ao *coaching*: por iniciativa da população brasileira, um projeto para a criminalização da atividade do *coach*; e um outro projeto, contrário, pedindo a regulamentação da atividade de *coach* (PL 3550/2019). Até o momento,¹² esse último projeto de Lei aguarda parecer do Relator na Comissão de Trabalho Administração e Serviço Público (CTASP).

Nesse sentido, os estudos de Tavares (2017, p. 75), em relação ao cenário do *coaching* no Brasil, chamam a atenção para o fato de que, nas publicações da mídia de negócios e também das pesquisas acadêmicas, o perfil dos profissionais que atuam como *coach* no cenário brasileiro parecem indicar baixa qualidade nos cursos de formação e ausência de experiência profissional para exercer a atividade.

Assim, este estudo pretende, ainda, ampliar e aprofundar o debate sobre o fenômeno que legitima a compulsão por sucesso e molda um estilo de vida na esperança de promover a felicidade pessoal, resultante de uma trajetória pretensamente evoluída. No limite, a discussão aqui, não é apenas sobre a competição entre indivíduos. É também uma reflexão sobre como as práticas do *coaching*, ao explorarem a ideia de que o indivíduo é o seu maior oponente, constituem uma batalha constante e sem fim do eu contra si mesmo.

¹¹ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/23/criminalizacao-ou-regulamentacao-do-coaching-esta-em-discussao-no-senado>. Acesso: 27/04/2021.

¹² Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2208213>. Acesso: 27/04/2021.

2 SOBRE O EMPRESÁRIO DE SI, O FENÔMENO DO *COACHING* E O REGIME DE VERDADE

*Tudo que eu fizer
Eu vou tentar melhor do que já fiz
Esteja o meu destino onde estiver
Eu vou buscar a sorte e ser feliz
(Lua de Cristal, Xuxa)*

Apesar do pouco consenso sobre o termo neoliberalismo, tal fenômeno é citado quando nos referimos a questões políticas, econômicas, modelos de desenvolvimento, ideologia e paradigmas acadêmicos. Conforme afirmou Andrade (2019) em seus estudos sobre o tema, ainda que existam várias lentes para analisar o fenômeno, o debate se dá através de dois eixos: de um lado, as principais correntes sociológicas que tentam trazer a essência ou características do fenômeno, como a foucaultiana, a marxista, a bourdieusiana e a weberiana; e, de outro, correntes que trazem o olhar do neoliberalismo a partir das manifestações geográficas e históricas em seu processo: pós-colonialista, neorregulacionista e hibridismo governamental. Refletindo como o neoliberalismo contribui para examinar questões do nosso modo de estar no mundo, neste estudo, a perspectiva adotada é de inspiração foucaultiana, uma vez que busca discutir o fenômeno do *coaching* e sua relação com o indivíduo empresário de si.

Foucault (2008), em seu curso intitulado Nascimento da Biopolítica, continua seus estudos sobre a arte de governar, considerando o governo dos homens como exercício da soberania. Para o autor, o termo governo não se refere à maneira como os governantes governam (prática governamental real), mas sim em “determinar a maneira como se estabeleceu o domínio da prática do governo, seus diferentes objetos, suas regras gerais, seus objetivos de conjunto, a fim de governar da melhor maneira possível” (FOUCAULT, 2008, p. 4). Nesse curso, o autor discute a conexão entre prática de governo e regime de verdade, discorrendo sobre o liberalismo em suas versões alemã e americanas.

Revelados em contextos não muito diferentes, o ordoliberalismo alemão defende um governar a sociedade em nome da economia e o neoliberalismo americano estende a inteligibilidade econômica para todas as dimensões da sociedade (ANDRADE, 2019). Nessas perspectivas, Foucault (2008) afirma que a forma empresa é generalizada e o neoliberalismo

aparece como o retorno do *Homo oeconomicus*, que não é o homem da troca, mas sim um empresário de si mesmo.

A partir desse ponto de vista, o neoliberalismo se mostra não apenas como um tipo de política econômica ou uma ideologia, mas um sistema normativo (DARDOT E LAVAL, 2016) ou fenômeno (ROSE, 1990) que influencia o mundo inteiro, uma vez que estende as premissas da economia de mercado a todas as relações sociais e esferas da vida, transformando, assim, a sociedade em todos os seus aspectos. Nunes (2012, p. 226) afirma que “o que pretendem os neoliberais é fazer do mercado, da concorrência e, em decorrência, da empresa o poder enformador da sociedade. A meta neoliberal seria, então, a multiplicação da ‘forma empresa’ no interior do espaço social”.

Para Rose (2008), a empresa

forjou um novo “link” entre as maneiras pelas quais somos governados por outros e as maneiras pelas quais devemos nos governar. Designou uma coleção de regras para a condução da existência cotidiana de uma pessoa: energia, iniciativa, ambição, cálculo e responsabilidade pessoal. O “self empreendedor” faria de sua vida um empreendimento, projetaria um futuro e procuraria adequar-se na intenção de se tornar aquilo que desejasse. Empresa designa uma forma de regular que é intrinsecamente “ética”: um bom governo é aquele baseado nas maneiras pelas quais as pessoas se governam (ROSE, 2008, p. 162).

Tal afirmação nos faz refletir sobre essa transformação da sociedade, isto é, as formas que foram inventadas para nós mesmos e a possibilidade (ou não) de nos inventarmos de maneira diferente. Dessa forma, com o intuito de aprofundar as investigações sobre nosso modo de estar no mundo, neste trabalho parte-se da ideia de que o neoliberalismo, além de disciplinar as condutas, promove um autogoverno dos indivíduos e a forma como somos pressionados a nos comportar (DARDOT E LAVAL, 2016). Refletindo sobre o contexto turbulento de condições instáveis e fragmentárias, Sennet (2006) afirma que apenas um tipo de ser humano é capaz de prosperar nessas condições.

Para ele, este indivíduo ideal enfrenta três desafios. O primeiro seria o tempo. Ele questiona como é possível cuidar de relações de curto prazo, de si mesmo e ainda migrar de uma tarefa, de um emprego ou de um lugar para outro. O indivíduo, ao saber que as instituições já não proporcionam um contexto de longo prazo, é obrigado então “a improvisar a narrativa de sua própria vida” (SENNET, 2006, p.13). Já o segundo desafio para este indivíduo ideal diz respeito ao talento, ou seja, como é possível acompanhar e desenvolver novas capacitações conforme as exigências da realidade? Enfim, o terceiro e último desafio indica que é preciso descartar as experiências já vivenciadas, isto é, abrir mão do passado.

Para ele, esse indivíduo ideal só pode ser encontrado “em seres humanos nada comuns” (SENNET, 2006, p. 14). Esses seres humanos nada comuns estão imersos em um cenário que intima o indivíduo a se aventurar, buscar sempre mais, estar sempre na frente, uma vez que

correr riscos pode ser em muitas circunstâncias diferentes, um teste de alta carga do caráter, já que nos romances do século dezenove, figuras como Julien Sorel, de Stendhal, ou Vautrin, de Balzac, se desenvolvem psicologicamente correndo grandes riscos, e em sua disposição de arriscar tudo, tornam-se figuras heroicas (SENNET, 2009, p. 94).

Tais figuras heroicas e o espírito desses romancistas, segundo Sennet (2009), são inspiração para Schumpeter ao argumentar sobre a criação destrutiva do empresário, já que os seres humanos excepcionais se desenvolvem vivendo no limite, correndo riscos para gerar riqueza. A ideia de herói se estabelece e faz emergir o discurso do espírito empreendedor: seja abrindo uma empresa e sendo seu próprio patrão, ou internalizando as características empreendedoras para vencer no mercado de trabalho. Porém, ao contrário da definição clássica, é preciso mencionar aqui que esse empreendedor

não é um capitalista ou um produtor nem mesmo o inovador schumpeteriano que muda incessantemente as condições da produção e constitui o motor do crescimento. É um ser dotado de espírito comercial, à procura de qualquer oportunidade de lucro que se apresente e ele possa aproveitar, graças às informações que ele tem e os outros não (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 145).

Considerando essa “ideologia do empreendedorismo que extrapola as fronteiras das empresas e se entrelaça no tecido social”, isto é, essa cultura empreendedimentista nas palavras de Harvey (PAES DE PAULA, 2002, p. 142), para continuar pertencendo ao mercado de trabalho, emerge nesse cenário também não só o empreendedor que abre sua empresa, mas aquele que abandona ou é abandonado no mundo das organizações para fazer o seu autogerenciamento, mas agora como empreendedor da própria carreira (COLBARI, 2007). No contexto neoliberal, a generalização da forma-empresa sugere ao indivíduo internalizar os requisitos que são impostos pelo mercado, fazendo com que sua realização, tanto profissional quanto pessoal (e até sua sobrevivência), dependa cada vez mais desse espírito do empreendedorismo, que passa a fazer parte de todos os aspectos da vida desse indivíduo e não faz distinção entre econômico e não econômico.

Dessa forma, a figura desse trabalhador flexível, que precisa virar-se por conta própria e é fruto de uma busca constante por qualificação, está imersa nessa cultura/ideologia

do empreendedorismo, que agora sai da empresa e se torna disponível “para quem quiser conhecê-la, reforçando um culto sem culpa à personalidade e ao sucesso” (PAES DE PAULA, 2002, p. 142). Nas palavras de Dardot e Laval (2016, p.146), na dimensão do empreendedorismo, “somos todos empreendedores, ou melhor, aprendemos a ser empreendedores. Apenas pelo jogo do mercado nós nos educamos a nos governar como empreendedores”.

Tomado como verdade adaptável a qualquer indivíduo, o espírito empreendedor é disseminado pelas mais variadas instituições. O Estado, por exemplo, estimula tal comportamento a partir de políticas públicas que tornam o cenário cada vez mais favorável à “arte de empreender”. A mídia, por sua vez, com sua linguagem clara e simples em relação ao tema, busca atingir o maior número de pessoas divulgando uma ideia “irreal” de que tudo é fácil e de sucesso quando se trata de empreender, e assim, mesmo aquele indivíduo que não tem um perfil empreendedor acredita que tenha (DANTAS, 2011). Já as instituições de ensino contribuem para que tal discurso atinja as massas cada vez mais cedo, buscando despertar/desenvolver as características empreendedoras em cada indivíduo: tanto nos cursos gratuitos e *on line* de algumas instituições como nas grades curriculares das escolas e faculdades.

Esse “culto” ao empreendedorismo, que sugere um comportamento que relaciona competição, superação e negócios, lembra o estudo de Alain Ehrenberg (2010) sobre o culto da *performance* em que o autor discute a junção dos discursos esportivos, do consumo e empresarial. Conforme indica o autor, a partir dos anos 80, com a rápida ascensão do individualismo, constitui-se ao mesmo tempo a ideia de que o econômico se ocuparia das iniciativas que a política já não poderia fazer. Assim, delinea-se, conforme afirma Gaulejac (2007),

um verdadeiro projeto de sociedade: transformar o homem em empreendedor para um mundo produtivista. O *manager* emerge como figura ideal do homem que empreende, capaz de assumir riscos, decidir, resolver problemas complexos, suportar o estresse, desenvolver sua inteligência cognitiva e também emocional, pôr todas as qualidades a serviço da rentabilidade (GAULEJAC, 2007, p. 179).

Ao colocarmos o olhar sobre a interação entre indivíduo e sociedade, o que se configura é que a “subjetividade faz parte dos cálculos das forças políticas no que diz respeito ao estado da nação, às possibilidades e aos problemas enfrentados pelo país, às prioridades e às políticas” (ROSE, 1988, p. 31). Assim, o foco na subjetividade ou sobre o governo da intimidade, conforme afirmou Binkley (2012), desenvolve-se em um contexto de tecnologias

interessadas em aumentar a produtividade na sociedade com o intuito de promover a otimização da solidariedade social e formas de agir moldadas a partir da competitividade econômica.

Para o autor, esse projeto de intimidade atual, que opera nos mais variados níveis, pode ser visto como uma forma de “sustentar os vínculos de dependência emocional mútua, através de padrões compartilhados de vida cotidiana” (BINKLEY, 2012, p. 3). Sendo assim, conforme o autor, na agenda neoliberal, a ideia de autogoverno vem à tona e capacita-se cada indivíduo a responsabilizar-se pelas escolhas e também comportamentos, sinalizados/conduzidos de cima.

Foucault (2008) argumenta que, do ponto de vista do trabalhador, em termos econômicos, o trabalho comporta um capital, ou seja, uma aptidão, uma competência (uma máquina). Além disso, o trabalho é uma renda, um salário ou, ainda, um conjunto ou fluxo de salários (FOUCAULT, 2008). Por isso, para além do empreendedor, o neoliberalismo aparece como

o retorno do *Homo oeconomicus*. Na concepção clássica esse *Homo oeconomicus* é o homem da troca, é um dos parceiros no processo de troca, teoria da utilidade a partir da problemática das necessidades. No neoliberalismo, o *Homo oeconomicus* é um empresário, e um empresário de si mesmo, sendo ele seu próprio capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de sua renda. Logo, chega-se a ideia de que o salário não é mais nada que a remuneração, que a renda atribuída a certo capital, capital esse que vai ser chamado de capital humano na medida em que, justamente, a competência-máquina de que ele é a renda não pode ser dissociada do indivíduo humano que é seu portador (FOUCAULT, 2008, p. 308).

Como mencionado anteriormente, no receituário neoliberal, a empresa começa a ser entendida como um modelo ideal de conduta para os indivíduos e estes não conseguem mais se imaginar sem ser organizados por ela (PARKER, 2002). Assim, “todos os problemas são solucionáveis dentro do espírito da gestão e da atitude gerencial; todos os trabalhadores devem olhar para sua função e seu compromisso com a empresa com os olhos de gestor” (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 154), e esse indivíduo age como um líder, chamando para si a responsabilidade de decidir. É exigida dele competência para analisar, investigar, negociar, persuadir e influenciar pessoas. O indivíduo neoliberal se torna um empreendimento, uma empresa, a mais valiosa que existe, e o mercado se torna a vitrine onde ele se expõe, se negocia e se vende, indicando que a gestão de empresa e a gestão de si mesmo obedecem às mesmas leis (EHRENBERG, 2010).

Gaulejac (2007, p. 186) afirma que se deve “racionalizar a produção dos homens com o modelo da produção de bens e de serviços e tornar os indivíduos produtivos no modelo empresarial”. Para o autor, a ideia agora não está mais em tornar os corpos “úteis e dóceis”, mas “canalizar o máximo de energia libidinal para transformá-la em força produtiva” (GAULEJAC, 2007, p. 110).

Isso se manifesta através também das políticas de recursos humanos as quais, conforme Pagés (1997, p. 100), “ilustram as práticas de poder da organização”. Para ele, tais práticas de mediação contribuem no nível econômico (gerenciamento de vantagens), político (conformidade às regras), ideológico (encarnam os valores de consideração para a pessoa) e no nível psicológico (gestão de afetos e dominação do aparelho psíquico). Além disso, essas políticas alavancam ainda outros processos, que Pagès (1987) definiu como: abstração (que reduz as relações sociais à lógica abstrata do dinheiro); a objetivação (confronta cada um na medida da utilidade); desterritorialização (separa o indivíduo das raízes sociais e culturais) e a canalização (transformação do máximo de energia individual em força de trabalho, através da carreira).

Assim, o indivíduo é instado a investir. Se pensarmos no mundo dos executivos, a palavra “investimento” talvez seja uma das, se não a mais, utilizada por esse grupo. Para eles, é preciso investir em capital que aumenta rendimentos, ações, fundos de riscos variáveis. É preciso ainda, investir em curso de idiomas, em uma pós-graduação ou no desenvolvimento da própria carreira. E mais: investe-se na amizade, na relação com os filhos e em tudo aquilo que pode se tornar objeto de investimento (LÓPEZ-RUIZ, 2009). Dessa forma, é possível entender que tais transformações no mundo do trabalho e no modo de vida sugerem grandes investimentos pessoais: é um cenário onde até mesmo a família é vista “como uma pequena empresa que deve fabricar um indivíduo empregável” (GAULEJAC, 2007, p. 181). Para Gaulejac (2007), os pais desses novos indivíduos do mercado de trabalho preparam

seu filho para enfrentar contradições maiores da sociedade hipermoderna: tornar-se um indivíduo autônomo, desabrochado, bem em sua própria pele, ativo e, ao mesmo tempo, empregável, capaz de se submeter às exigências do mundo do trabalho e, portanto, de aceitar a dependência, a submissão às normas, as obrigações do trabalho, as exigências da empresa que aceitará empregá-lo (GAULEJAC, 2007, p. 184).

Foucault (2008) argumenta que esse capital humano é composto de elementos inatos e elementos adquiridos. Para ele, os neoliberais observam que, na verdade, o que se deve chamar de investimento educacional, que entra na constituição de capital humano, envolve

elementos muito mais amplos e numerosos que o simples aprendizado profissional. Esse investimento que vai formar uma competência-máquina será constituído pelo tempo que os pais consagram aos filhos fora das atividades educacionais. O simples tempo de criação, “o simples tempo de afeto consagrado pelos pais a seus filhos, deve ser analisado em termos de investimento capaz de constituir o capital humano” (FOUCAULT, 2008, p. 315). O autor ainda defende que, em algum momento, iremos chegar a toda uma análise ambiental “da vida da criança, que vai poder ser calculada e, até certo ponto, quantificada, em todo caso, que vai poder ser medida em termos de possibilidades de investimento em capital humano” (FOUCAULT, 2008, p. 316). Na esteira de Foucault, Dardot e Laval (2016, p. 31) entendem que

trata-se, na verdade, de produzir uma relação do sujeito individual com ele mesmo que seja homóloga à relação do capital com ele mesmo ou, mais precisamente, uma relação do sujeito com ele mesmo como um “capital humano” que deve crescer indefinidamente, isto é, um valor que deve valorizar-se cada vez mais.

Considerando a perda de centralidade das referências políticas e sociais instituídas e que o cálculo utilitário de consequências norteia o comportamento dos indivíduos (DELLAGNELO e MACHADO DA SILVA, 2000), ao refletirmos sobre o indivíduo da atualidade, é possível notar que sua forma de sociabilidade se dá através da iniciativa individual. Dessa forma, noções como “flexibilidade, mudança, rapidez de reação, motivação, comunicação, domínio de si, agilidade psíquica e afetiva, capacidade de ação” (BENDASSOLLI, 2000, p. 207) impõe aos indivíduos a tarefa de adaptação constante e a tudo escolher e ter que decidir (EHRENBERG, 2010).

Como consequência, nesse cenário, é imposto a cada um de nós que vivamos em um universo de competição generalizada: os indivíduos e as populações entram em luta econômica uns contra os outros, as relações sociais devem ser pautadas segundo o modelo do mercado, as desigualdades justificadas pelo discurso da meritocracia e o indivíduo, nesse contexto, é “incitado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 16). Dessa forma,

a concorrência e o modelo empresarial constituem um modo geral de governo, muito além da esfera econômica no sentido habitual do termo. E é precisamente o que se pode observar por toda parte. A exigência de “competitividade” tornou-se um princípio político geral que comanda as reformas em todos os domínios, mesmo os mais distantes dos enfrentamentos comerciais no mercado mundial. Ela é a expressão mais clara de que estamos lidando não com uma “mercantilização

sorradeira”, mas com uma expansão da racionalidade de mercado a toda a existência por meio da generalização da forma-empresa (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 27).

Este cenário, como dito, vai além do que estávamos presenciando. Atualmente não basta apenas internalizar o espírito do empreendedorismo, isto é, incorporar as características empreendedoras, já que:

as ações e cálculos das autoridades são dirigidas para novas tarefas: como maximizar as forças da população e de cada indivíduo no seu interior, como minimizar seus problemas, como organizá-los da forma mais eficaz. O nascimento e a história dos saberes sobre a subjetividade e a intersubjetividade estão intrinsecamente ligados a programas que, a fim de governar os sujeitos, descobriram que precisam conhecê-los (ROSE, 1988, p.37).

Nikolas Rose, em seus estudos sobre o governo da alma, afirma que “a alma do cidadão entrou de forma direta no discurso político e na prática do governo” (ROSE, 1988, p.31). Em um cenário que leva em conta esse contexto organizacional mais orgânico e diferente das “formas organizacionais dominadas pelos desenhos burocráticos da modernidade” (CLEGG, 1998, p. 212), e considerando que o controle não é mais no corpo e sim deslocado para a “psique, da atividade física para a atividade mental: mais que enquadrar corpos, procura-se canalizar as pulsões e controlar os espíritos” (GAULEJAC, 2007, p.120).

Para Shoukry e Cox (2018, p.3), o projeto de governamentalidade neoliberal tenta “reconstituir todos os domínios da vida dentro de uma estrutura baseada no mercado” e, ao que tudo indica, “os poderes multiplicadores desses ‘engenheiros da alma humana’ parecem expressar algo profundamente novo nas relações de autoridade sobre o eu” (ROSE, 1988, p. 35), reconstruindo mundos mentais, trazendo novas formas de pensar e falar sobre os sentimentos pessoais e a forma como administramos nossas emoções. Percebe-se que essas novas condutas visam o autogoverno do indivíduo, isto é, uma relação consigo mesmo (DARDOT E LAVAL, 2016).

Além disso, Rose (1988) afirma que a organização moderna tem como tarefa central administrar a subjetividade e anuncia uma *expertise* da subjetividade. Para ele,

tem surgido e se multiplicado uma família inteira de novos grupos profissionais, cada um afirmando seu virtuosismo no que diz respeito ao eu, ao classificar e medir a psique, ao predizer suas vicissitudes, ao diagnosticar as causas de seus problemas e ao prescrever remédios. Não apenas psicólogos – psicólogos clínicos, ocupacionais, educacionais - mas também trabalhadores do serviço social, gerenciadores pessoais, pessoas encarregadas de acompanhar condenados em liberdade condicional, conselheiros e terapeutas de diferentes escolas e orientações têm baseado sua reivindicação do direito à autoridade e

legitimidade social na sua capacidade de compreender os aspectos psicológicos da pessoa e de agir sobre eles, ou de aconselhar outros sobre o que fazer (ROSE, 1988, p. 33).

Nesse cenário, presenciam-se diversas promessas de evolução, desenvolvimento do espírito, prosperidade e salvação, que garantem/vendem êxito tanto no mercado de trabalho como na vida. Para os indivíduos neoliberais, a vida é um jogo competitivo; e a mente, o corpo e o estado emocional são recursos, uma força a ser desenvolvida/estimulada para alavancar uma vantagem (SHOUKRY E COX, 2018). As técnicas de transformação do indivíduo e que visam à conduta de si e dos outros se apresentam “como saberes psicológicos, com um léxico especial, autores de referência, metodologias particulares, modos de argumentação de feição empírica e racional” (DARDOT E LAVAL, 2016, p.338). Conforme afirmou Rose (2008 p. 162),

essas maneiras de se pensar sobre “selves”, e de julgá-los, estavam ligadas a certas maneiras de agir sobre “selves”. A orientação dos “selves” não era mais dependente da autoridade da religião ou moralidade tradicional; estava alocada a “especialistas da subjetividade” que transfiguraram questões existenciais sobre o propósito da vida e o significado do sofrimento em questões técnicas, em maneiras mais efetivas de se administrar o mal.

É nesse contexto e legitimando esse modo de estar no mundo, que os *coaches* vêm ganhando um espaço cada vez maior, ajudando a disseminar e lapidar a ideia de um eu ideal e uma vida transformadora e extraordinária. Shoukry e Cox (2018, p. 1) afirmam que o *coaching* é frequentemente “oferecido como uma promessa de melhor desempenho e eficácia”. Para eles, é preciso entender como os *coaches* agem, de forma consciente ou inadvertidamente, como um dispositivo ideológico. Dentro da perspectiva de tais autores, o *coaching* pode ser visto como uma necessidade social que, apelando para um altruísmo, preenche esses vazios da sociedade, essa forma contemporânea da experiência que Hannah Arendt denominava desolação (DARDOT E LAVAL, 2017 p. 16).

Assim, conforme afirmou Rose (1988),

as tecnologias da subjetividade existem, pois, numa espécie de relação simbiótica com aquilo que poderíamos chamar de "técnicas do eu": as formas pelas quais nós somos capacitados, através das linguagens, dos critérios e técnicas que nos são oferecidos, para agir sobre nossos corpos, almas, pensamentos e conduta a fim de obter felicidade, sabedoria, riqueza e realização. Através da auto-inspeção, da autoproblematização, do automonitoramento e da confissão, avaliamos a nós mesmos de acordo com critérios que nos são fornecidos por outros (ROSE, 1988, p. 44)

Nessa trama, os indivíduos são forçados a confiar nos seus recursos e compreender/controlar seu próprio eu. Em um ambiente de risco, uma vez que esse indivíduo pode não alcançar o esperado, se é constantemente forçado a melhorar esse eu, frágil e vulnerável (BRUNILA E SIIVONEN, 2016). Isso favorece uma competição não somente com outros indivíduos, mas uma luta constante do indivíduo com ele mesmo.

A partir do momento

que o sujeito é plenamente consciente e mestre de suas escolhas, ele é também plenamente responsável por aquilo que lhe acontece: “a irresponsabilidade” de um mundo que se tornou ingovernável em virtude do seu próprio caráter global tem como correlato a infinita responsabilidade do indivíduo por seu próprio destino, por sua capacidade de ser bem-sucedido e feliz (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 344).

Essa audiência que busca a receita de sucesso e felicidade cresce a cada dia, dando cada vez mais espaço para *experts* da subjetividade, ou seja, os *coaches*. Conforme Binkley (2008), a terapia pressupõe que o cliente/paciente precisa de cura, trabalhando eventos passados para que tais pessoas, explorando a raiz dos problemas, consigam atingir a autocompreensão e, portanto, a cura emocional. Em contrapartida, o processo de *coaching* foca sua atenção para eventos do futuro, assumindo que esse cliente está completo, trabalha com a mente consciente e soluções externas para superar barreiras, aprender novas habilidades e escolhas afetivas. Dessa forma, os problemas são corrigidos através de uma iniciativa de empoderamento do indivíduo.

Esses “engenheiros da alma”, “empreendedores de palco” ou *coaches*, que advogam a favor de que temos que ser o protagonista da nossa história, parecem atuar como pastores do neoliberalismo que propagam uma nova forma de se comportar, uma nova crença. Digo isso pois, nesse cenário neoliberal, isto é, nesse contexto imerso por um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens, pautado no princípio universal da concorrência, que emprega técnicas de poder inéditas sobre as condutas e as subjetividades e torna o mercado um “processo de formação de si” (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 145), os conselhos desses *experts* na administração do eu ganham espaço e parecem vir carregados, como dito, de certo tom religioso.

De certa forma, essa compreensão/associação do mundo dos negócios com a religião foi abordada por Pagès *et al* (1987) em seus estudos sobre o poder das organizações. Ao analisar a empresa TLTX, os autores discutem sobre a fé que todos têm na empresa e que se essa fosse apenas algo que gerencia as questões do capitalismo, não teria tanta admiração e

adesão/submissão dos seus empregados. Para o autor, essa relação vai além: a empresa oferece algo não somente relacionado à matéria, mas sim “uma satisfação de ordem ideológica e espiritual” (PAGÈS *et al*, 1987, p. 76), em que os indivíduos se reconhecem nela, a identificam como referência, concepção de mundo ou moral de ação. Com isso, o autor afirma que há uma passagem da religião tradicional para a religião da empresa, ou seja,

os valores da ideologia humanista cristã (respeito ao indivíduo, valorização do esforço e do sacrifício, perseverança, integridade...) são alegados para mascarar as condições reais de exploração. A estes valores tradicionais são acrescentados valores modernos, como a mudança, o progresso técnico, a eficácia, o sucesso individual (PAGÈS *et al*, 1987, p. 79).

É então que o poder da organização é substituído pelo poder divino: é preciso respeitar as regras para receber seus benefícios e, como todo sistema religioso, o objetivo é a salvação da humanidade, oferecendo um mundo melhor através da exaltação da empresa como forte, superior e generosa. Além disso, o autor ainda apresenta um paralelo dessa inculcação ideológica da empresa e os ritos religiosos responsáveis por essa propagação da fé, são eles: a confissão, isto é, as entrevistas de avaliação; a missa, que seriam os encontros; o batismo, a admissão; o catecismo, por exemplo, a formação; a liturgia, no caso, as regras; e o direito canônico, os manuais (PAGÈS *et al*, 1987, p. 84).

Ainda que Pagès *et al* tenham trazido esse olhar em relação às organizações, a ideia aqui é resgatar o curso de Foucault intitulado *Do Governo dos Vivos*, realizado no ano de 1979-1980, no Collège de France, e utilizá-lo para evidenciar as questões colocadas neste trabalho acerca da ideia de empresário de si e o fenômeno do *coaching*.

Através de uma discussão em torno da noção de governo, apoiada em análises realizadas em anos anteriores, o autor discorre sobre o exame de consciência e o reconhecimento das faltas. Conforme afirma Avelino (2012), Foucault, ao enfatizar a condução dos vivos nesse curso, aborda a maneira pela qual somos dirigidos individualmente para a salvação, nessa relação de dependência (submissão) de um indivíduo a outro (dirigente e dirigido), entrando em um estado de obediência indefinida e renúncia de qualquer vontade individual. E então Foucault (2014) parte do seguinte questionamento:

Como é que na cultura ocidental cristã, o governo dos homens exige, de parte dos que são dirigidos, além dos atos de obediência e de submissão, “atos de verdade” que tem como particularidade o fato de que se requer que não apenas o sujeito diga a verdade, mas diga a verdade a propósito de si mesmo, das suas faltas, dos seus desejos, do estado da sua alma, etc? Como se formou um tipo de governo dos

homens em que não se requer simplesmente obedecer, mas manifestar, enunciando, o que somos? (FOUCAULT, 2014, p. 291).

Recorro a essa obra em específico já que é ali que o autor relaciona obediência e confissão entre os primeiros cristãos (LANDRY, 2007) e o que está em jogo neste curso é um “poder pastoral com procedimentos e técnicas de individualização” (AVELINO, 2012, p. 50). Tomando como fio condutor da discussão a “história genealógica e a problematização da obediência, da conformação ao governo¹³ (como condução das condutas), na nossa tradição ocidental” (VEIGA-NETO, 2011, p. 13), Foucault (2014) se ocupa da noção de governo como um conjunto de técnicas e procedimentos que dirigem a conduta dos homens: “governo das crianças, governo das almas ou das consciências, governo de uma casa, de um Estado ou de si mesmo” (FOUCAULT, 2014, p. 291).

Um governo pela verdade que desloca a noção de “ideologia dominante para essa noção de poder-saber e um segundo deslocamento da noção poder-saber para noção de governo pela verdade” (FOUCAULT, 2014, p.12), e não contra a liberdade ou a despeito da liberdade, no sentido de que são os próprios indivíduos que se conformam por eles mesmos a certas normas de conduta (DARDOT E LAVAL, 2016).

Foucault (2014) afirma que o exercício do poder se acompanha de uma manifestação de verdade (hegemonia¹⁴ em grego). Para ele, a produção da verdade na consciência dos indivíduos pelos procedimentos lógicos e experimentais é uma forma possível de aleturgia. Essas maneiras de dizer o verdadeiro, ou seja, esses tipos de aleturgia são explicados por Foucault (2014, p. 45-46) a partir de uma peça de Sófocles e se dão de duas maneiras: a aleturgia oracular, “porque eu sou servidor que eu posso dizer aquilo que eu digo”; e a aleturgia judiciária, que se autoriza pelo fato de dizer eu, eu mesmo estive lá, eu mesmo vi.

Esse elemento do “eu” é estudado pelo autor em 1980. Em suas reflexões, Foucault busca evidenciar como se estabeleceram as relações não entre a arte de governar os homens e a aleturgia, mas sim no que chamou de “autoaleturgia, ou seja, as formas de manifestação da

¹³Veiga-Neto (2005) propõe uma distinção elucidativa em relação aos termos foucaultianos, governo e governo. O autor afirma: “É justamente nesse ponto que passo a sugerir que o vocábulo governo – o único usado em textos foucaultianos, seja nas traduções para a língua portuguesa, seja nos textos escritos por autores de língua portuguesa – passe a ser substituído por governo nos casos em que estiver sendo tratada a questão da ação ou ato de governar” (VEIGA-NETO, 2005, p. 82).

¹⁴ O autor explica que o termo hegemonia em grego tem um sentido diferente do que damos hoje: é o fato de se encontrar, “em face dos outros, na possibilidade de conduzir, de algum modo, suas condutas” (FOUCAULT, 2014, p. 8).

verdade que giram em torno da primeira pessoa, em torno do eu e do eu mesmo” (FOUCAULT, 2014, p. 49).

Nesse sentido, o autor questiona sobre esse jogo do eu mesmo no interior dos procedimentos de verdade, isto é, nessa economia das relações de poder, o regime de verdade é indexado à subjetividade e pede “para os indivíduos dizerem não apenas ‘eis-me aqui, eis-me aqui, que obedeco’, mas lhes pede, além disso, para dizerem ‘eis o que sou, eu que obedeco, eis o que sou, eis o que vi, eis o que eu fiz’” (FOUCAULT, 2014, p. 76). É um regime definido pela obrigação de descobrir/manifestar essas verdades secretas e individuais que lhes escapam e os libertam.

Um regime de verdade é aquilo que constrange os indivíduos aos atos de verdade, “é aquilo que determina as obrigações dos indivíduos quanto ao procedimento de manifestação do verdadeiro” (FOUCAULT, 2014, p. 85). E ato de verdade, para Foucault (2014), é a parte que retorna ao sujeito no procedimento da aleturgia para que se possa defini-lo: 1) pelo papel que ele desempenha como operador; 2) pelo papel que ele desempenha como espectador (sim, eu vi, eu estava lá); 3) pelo papel que ele desempenha como objeto mesmo da aleturgia (FOUCAULT, 2014, p. 75).

Nesse curso, Foucault (2014) apresenta como exemplo de regime de verdade o cristianismo primitivo, o qual explora os segredos individuais, gira em torno do ato de verdade como ato de confissão, encontrando-se no ponto de contato que o embasa: o regime da fé e o regime do conhecimento das faltas. Para o autor, o cristianismo articula a manifestação da verdade individual e a remissão das faltas em torno de três grandes práticas: batismo, penitência eclesial ou canônica e a direção de consciência.

A instituição batismal é para ele a primeira relação entre a manifestação individual da verdade e o perdão das faltas (LANDRY, 2007), sendo o batismo um ato de purificação, um segundo nascimento, uma iluminação. A penitência, ou disciplina de penitência, é a tradução latina clássica de metanoia que é

o movimento pelo qual a alma pivoteia em torno de si mesma ou mais precisamente, o movimento pelo qual ela se desvia do que olhava até então – as sombras, a matéria, o mundo, as aparências – e a que ela estava amarrada. A alma se vira para a luz, para o verdadeiro. [...] essa iluminação que lhe oferece tudo o que há de visível no invisível esse movimento de luz que a perpassa por inteiro e a torna transparente a si mesma também é claro que vai purificar na medida em que a impureza é a sombra, é a nódoa e é a mancha (FOUCAULT, 2014, p. 118).

Ou seja, a metanoia, “é um estado de ruptura pelo qual você se desprende do seu passado, das suas faltas e do mundo para se voltar para a luz, a verdade e o outro mundo” (FOUCAULT, 2014, p. 164). O cristianismo, tido até meados do século II, como a religião dos perfeitos, pensou a falta, não tanto em termos de queda, mas de recaída “de se produzir algo como a recaída do conhecimento no não-conhecimento, da luz na escuridão e da perfeição na imperfeição e na falta” (FOUCAULT, 2014, p. 172). Sobre o termo penitência, Foucault (2014) afirma que os textos dessa época estavam relacionados à noção de conversão e não de penitência. Nesse debate, surge o conceito de *exomológesis*, que significa reconhecer (*confessio*), ou seja, um ato em forma de oração, dirigido a Deus, em que o catecúmeno se reconhece como pecador. Isto é,

não lhe pediam para fazer um reconhecimento detalhado da falta cometida. Não era isso que estava em jogo. Pediam-lhe para manifestar dramaticamente por sua atitude, seus gestos, suas roupas, seu luto, seus jejuns, suas preces, suas súplicas, suas genuflexões, o fato de que era o pecador (FOUCAULT, 2014, p. 278).

Segundo Foucault (2014, p. 282), a direção é mais importante do que o batismo e a penitência, porque a direção passa por essa obrigação de falar, pois, “pôr a si mesmo em discurso é, de fato, uma das grandes linhas de força da organização das relações entre subjetividade e verdade no Ocidente Cristão”. O conceito de *exagoreusis*, traduzido por enunciação, revelação, é mencionado aqui pelo autor, definindo-o como discursivização de si mesmo, relação consigo mesmo por uma atividade discursiva, ou seja, exteriorização pela palavra. Feitas tais considerações, é importante mencionar aqui, conforme afirmou Avelino (2012, p. 57), a publicização de si é

um meio de revelar o pecador enquanto tal. Esse é o paradoxo que está no coração da *exomologese*: ela apaga o pecado, mas revela o pecador. O mais importante, no ato de penitência, não é revelar a verdade do pecado, mas de mostrar a verdadeira natureza pecadora do pecador. Não é um meio para o pecador de explicar seus pecados, mas um meio de revelar seu ser de pecador.

Rose (1988) evoca sua preocupação não com a verdade, mas sim, com as formas pelas quais os sistemas de verdade são estabelecidos: “os conceitos, regras, autoridades, procedimentos, métodos e técnicas através dos quais as verdades são efetivadas” (ROSE, 1988, p. 35). Nesse processo, em que é preciso tudo manifestar, tem-se a obediência exaustiva ao outro e a verbalização de si, presente não apenas na instituição monástica, “mas em toda uma série de práticas e de dispositivos que se destinarão a configurar a subjetividade

ocidental” (AVELINO, 2012, p. 56). Assim, é importante examinar o contexto atual que coloca o eu como responsável pelas suas escolhas tanto no mercado como na vida. Esse

ser psicológico está agora colocado na origem de todas as atividades de amar, desejar, falar, trabalhar, adoecer e morrer: a interioridade que tem sido dada aos humanos por todos esses projetos que buscam conhecê-las e agir sobre eles a fim de dizer-lhes sua verdade e tornar possível seu aperfeiçoamento e sua felicidade. É esse ser, cuja invenção é tão recente, embora tão fundamental à nossa experiência contemporânea, que buscamos hoje governar sob o ideal regulativo da liberdade - um ideal que impõe tantas cargas, ansiedades e divisões ao mesmo tempo em que inspira projetos de emancipação e no nome do qual viemos a autorizar tantas autoridades para nos ajudar no projeto de sermos livres de qualquer autoridade menos a nossa própria (ROSE, 2001a, p. 198).

É nesse sentido que reafirmo a tese mencionada na introdução deste trabalho. Partindo da compreensão de que o empresário de si, entendido como um desdobramento do neoliberalismo, não é apenas um homem de troca mercantil, mas sim um homem que pretende fortalecer o espírito para vencer essa competição. A catarse estimulada pelo *coaching* parece ser um caminho frutífero para fazer esse indivíduo prosperar, pois o que está em jogo nesse processo não é apenas incorporar técnicas, métodos e conhecimentos para travar essa luta de todos contra todos (inclusive contra si mesmo), antes e acima de tudo, é preciso reconhecer suas faltas (de uma forma semelhante à compreensão de que no empreendedorismo o fracasso está previsto), para, logo após, purificar o espírito e então redefinir sua direção. Tudo isso, é claro, pode ser realizado, de acordo com os *coaches*, em um evento de um dia ou de um final de semana, conforme será discutido na análise.

3 MÉTODO

*Tudo que eu quiser
O cara lá de cima vai me dar
Me dar toda coragem que puder
Que não me falte forças pra lutar
(Lua de Cristal, Xuxa)*

A presente proposta tem início em fevereiro do ano de 2018, ao ouvir pela primeira vez o nome do Instituto Brasileiro de *Coaching* (IBC). Isso aconteceu na novela “O Outro lado do paraíso” de Walcyr Carrasco, apresentada no horário nobre da maior emissora televisiva do Brasil: a TV Globo.

Na cena¹⁵, a personagem Adriana, advogada e *coach*, é questionada por Clara, personagem principal da novela, sobre o que seria o processo de *coaching*. E ela responde: “Para entender melhor, segundo José Roberto Marques, o principal *coach* do Brasil, a palavra *coaching* talvez venha de *coach*, um meio de transporte antigo em inglês. É como levar a pessoa de um lugar ao outro”. Na situação, Clara pergunta: “Não é uma terapia convencional né?” e Adriana responde: “Não. O *coaching* usa ferramentas mais rápidas, por exemplo, se uma pessoa quer emagrecer. Eu já fiz muito *coaching* quando eu me certifiquei no Instituto Brasileiro de *Coaching*. O IBC é referência na área”.

Essa cena ocorreu após um capítulo da novela em que Adriana, se declarando como *coach*, tentou tratar um trauma de uma das personagens aplicando uma técnica de hipnose/regressão. Na época, a polêmica nas redes sociais chamou a atenção e a Confederação Brasileira de Psicologia se posicionou através de uma carta aberta¹⁶:

Mesmo compreendendo o caráter de uma obra de ficção, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) entende que a telenovela “O outro lado do paraíso”, por se tratar de uma obra capaz de formar opinião, presta um desserviço à população brasileira ao tratar com simplismo e interesses mercadológicos um tema tão grave como o sofrimento psíquico de personagem cuja origem é o abuso sexual sofrido na infância (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).

¹⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=31&v=VyH6WRamXM. Acesso em: 11 de Maio de 2021.

¹⁶ Matéria Estadão: Conselho de psicologia critica novela da Globo em comunicado. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv.conselho-de-psicologia-critica-novela-da-globo-em-comunicado-leia,70002180180> Acesso em: 11 de Maio de 2021.

Para rebater as críticas, o IBC fez uma matéria em sua página¹⁷ informando que era a primeira escola de *Coaching* do Brasil a levar a metodologia a um patamar tão alto. Na nota, eles afirmam “Diante da iniciativa de Waleyr em introduzir o assunto em horário nobre na TV, surgiu a oportunidade de realizarmos uma ação junto a Globo, e que, de fato, acreditamos na contribuição da disseminação da metodologia no Brasil” (IBC, 2018).

Dada essa disseminação do fenômeno do *coaching*, comecei a perceber que cada vez mais os discursos giravam em torno de que somos os únicos responsáveis pelo nosso êxito (legitimando a ideia de empresário de si foucaultiano) e que esse discurso propaga a cura imediatista e nos mostra que as histórias agora parecem ter mais poder do que a técnica/conhecimento. Foi então que meu olhar sobre o tema adquiriu um contorno mais científico. Paralelamente à busca por informações sobre o processo de *coaching*, bem como os principais institutos de *coaching* no Brasil, comecei também a pesquisar trabalhos acadêmicos que dessem sustentação às minhas reflexões e contribuíssem para delinear o objetivo deste trabalho.

Após coletar informações que permitissem um recorte mais preciso, entendi que, para analisar o fenômeno do *coaching* e sua relação com a ideia de indivíduo empresário de si, seria preciso uma abordagem predominantemente qualitativa, uma vez que ela busca verificar “de que forma”, “por que”, “como” e “quais as consequências” de determinado fenômeno (VIEIRA E ZOUAIN, 2004; GODOY, 1995). Essa abordagem envolve, conforme afirmam Denzin e Lincoln (2006), o estudo do uso e coleta de materiais empíricos - estudo de caso; experiência da pessoa; história de vida, textos, entrevistas, e intitula esse pesquisador como um “*bricoleur*” e colecionador de colchas, isto é, “uma pessoa que reúne imagens transformando-a em montagens” (DENZIN E LINCOLN, 2006, p. 18).

Para construir a referida montagem, o passo seguinte foi tentar identificar as instituições/escolas de *coaching* que tinham maior representatividade no Brasil. Assim, ao comparar algumas questões como o número de alunos formados, formas de divulgação e livros lançados (tanto a quantidade, quanto as listas em *rankings* importantes do país), cheguei a três nomes: o Instituto Brasileiro de *Coaching* – IBC (mencionado na novela), Febracis *Coaching* Integral Sistêmico e Sociedade Brasileira de *Coaching* (SBC).

¹⁷ Matéria “*Coaching* na novela O outro lado do paraíso”. Postado em 2 de Fevereiro de 2018. Fonte: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/coaching/coaching-na-novela-o-outro-lado-do-paraiso/>. Acesso em: 11 de Maio de 2021.

Ao mergulhar nesse mundo através da rede social Instagram, soube pela página do IBC que um palestrante de grande renome mundial no tema estaria pela primeira vez na América Latina. Acessei a página do evento¹⁸ e descobri que ele era Tony Robbins. Desconfiando que esse *coach* era alguém de muita visibilidade na área, devido ao seu documentário no Netflix intitulado “Eu não sou seu guru”, esse era anunciado naquele momento “como o maior estrategista de vida e carreira, mundialmente conhecido como líder em desenvolvimento de pessoas e empresas, e que gera bilhões de dólares anualmente em seus negócios”. O nome do Evento era Tony Robbins Brasil¹⁹ e ocorreu em São Paulo, no dia 9 de Agosto de 2018, das 10h às 19h, na São Paulo Expo.

A página oficial do evento²⁰ anunciava esse “Day training” com o *coach* e mentor de grandes nomes mundiais como: Princesa Diana, Nelson Mandela, Oprah Winfrey, Serena Willians, Bill Clinton, Hugh Jackman e Aerosmith. Segundo a página, nesse dia, iríamos entender os verdadeiros problemas que nos impedem de crescer e nos tornarmos a pessoa que realmente desejamos ser: “Este evento é pra quem tem fome!!! Fome de crescer, fome de querer ser mais, querer ser grande. Fome de querer ser gigante e se tornar autor da sua própria história” (TONY ROBBINS, 2018).

Os ingressos do evento eram divididos entre as categorias Gold, Vip, Diamond e Platinum, e todos tinham acesso à tradução simultânea, certificado digital de participação, e poderiam ser parcelados em até 10x no cartão de crédito. O ingresso mais barato era o Vip, com uma promoção de primeiro lote no valor de R\$ 1300,00, que encerrou em seguida. Já o ingresso Gold era vendido por R\$ 1700,00, o Diamond, pelo valor de R\$ 3200,00, incluindo um kit com material exclusivo e acesso ao *lounge* da empresa que trazia o evento: a Indústria do Conhecimento (IC). O ingresso mais caro e o primeiro a esgotar as vagas era o mais perto do palco: o setor Platinum, que era vendido por R\$ 5562,00, esse, além de oferecer o mesmo que o ingresso Diamond, incluía um almoço exclusivo.

Após pesquisar um pouco sobre Tony Robbins, percebi que ele era altamente representativo nesse segmento (e considerado por muitos *coaches* como o maior *coach* do mundo). Foi por isso que comprei o ingresso: por entender que essa era uma grande

¹⁸ Disponível em: <https://industriadoconhecimento.com.br/tony-robbins-brasil-2018/> Acesso: 11 de Maio de 2021.

¹⁹ Devido ao sucesso do evento no ano de 2018, Tony Robbins veio novamente ao Brasil em 2019, na cidade do Rio de Janeiro, mas dessa vez em um evento maior em um estádio de futebol.

²⁰ Disponível em: <https://industriadoconhecimento.com.br/tony-robbins-brasil-2018/> Acesso: 11 de Maio de 2021.

oportunidade para avançar com as minhas indagações iniciais. Com o objetivo de dar forma e corpo à pesquisa, essa primeira experiência no campo empírico teve um propósito exploratório, a fim de conhecer melhor o campo e aprofundar minhas investigações. Dessa forma, acompanhada de um gravador e caderno de campo para anotações, a coleta de dados iniciou um dia antes do evento.

No dia, ao chegar ao local, pude perceber a magnitude do que estava presenciando: pessoas das mais variadas regiões do país, das mais variadas classes sociais e com as mais variadas atividades (de empresários a *digital influencers*, passando por desempregados e artistas do ramo musical e televisivo) compunham o público de mais de 13 mil pessoas que estavam ali com um único propósito: descobrir o que transformava Tony em um guru, uma “divindade intocável”²¹ e qual era a sua receita para o sucesso ou a salvação.

Além da palestra de Tony Robbins, que tratou durante quatro horas sobre como transformar a vida, naquela quinta-feira, Elany Leão, única a trazer o americano Tony Robbins ao Brasil, abriu o evento pontualmente às 10 horas, acompanhada de Patrícia Abravanel, filha de Sílvio Santos e convidada como mestre de cerimônias do evento. Feita a abertura do evento, Elany Leão proferiu durante uma hora sua palestra “Sonhe o Extraordinário”. Logo após, José Roberto Marques, fundador do Instituto Brasileiro de *Coaching* – IBC, subiu ao palco e palestrou sobre os sete traços da maturidade humana (também em torno de 1 hora).

A imersão no campo e a coleta de dados primários iniciaram no credenciamento no dia anterior e durante as nove horas de participação no evento: registros fotográficos, conversas informais, gravações de áudios e um longo diário de campo (de aproximadamente 100 páginas) compuseram o primeiro conjunto de dados desta observação participante.

Apesar do caráter comercial do evento (no qual quase tudo era cobrado, inclusive a foto com Tony Robbins), pude perceber que existia também um desejo de propagação das ideias do *coaching*. Isso se evidencia, pois, ao final da palestra no evento de Tony Robbins no Brasil, José Roberto Marques forneceu gratuitamente a cada um dos 13 mil participantes um ingresso para a participação no curso “Desperte seu Poder” do IBC. Para efetivar a inscrição, o preenchimento dos dados deveria acontecer até a meia-noite daquele dia do evento e o participante poderia escolher a capital que gostaria de realizar o mesmo. Isso deu origem a um

²¹ Apenas a título de ilustração, um dia antes do evento, foi enviado pela CEO da Indústria do Conhecimento, Elany Leão aos inscritos um e-mail oferecendo a possibilidade de tirar uma foto com a estrela do evento, Tony Robbins por US\$2.000,00, cerca de R\$ 7.500,00 limitados a 100 pessoas e o pagamento sendo realizado em até 3x no cartão de crédito.

segundo momento do processo de coletas de dados primários: minha participação nesse curso na cidade de Porto Alegre, RS.

No ano seguinte, no mês de maio, recebi um e-mail de confirmação, informando que o evento seria realizado de 21 a 23 de junho de 2019, na Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS), em Porto Alegre. Diferentemente do evento anterior, que foi realizado em apenas um dia, o *Desperte seu Poder* (DSP) consistia em uma imersão de três dias com José Roberto Marques. Segundo a página do IBC, o *coach* foi conselheiro de Roberto Justus na última edição do programa “O Aprendiz” (2019), é palestrante na *Brazil Conference*²² na Universidade de Harvard (EUA), professor convidado pela Universidade de Ohio (EUA) e, segundo ele, em seus mais de 30 anos de atuação, treinou 1 milhão de pessoas, e criou o método *Self Coaching*, “que revolucionou o mercado”²³. Ele também menciona que treinou os principais CEO’s do Brasil (Itaú, Avon, Bayer, Receita Federal e muitos outros), tem mais de 50 livros publicados pela Editora IBC e é o autor do “Desperte seu Poder”, *bestseller* que ocupou a 1ª posição de livros mais vendidos do Jornal Folha de São Paulo e Revista Veja (IBC, 2019).

Um dia antes do início deste segundo espetáculo, cheguei à cidade de Porto Alegre e fui para o centro de eventos da Fiergs realizar o credenciamento. Lá fui recepcionada por simpáticos atendentes no balcão e por outros, que circulavam para tirar eventuais dúvidas e conversar na fila. O tempo estimado para a realização da inscrição era de 45 minutos e, na ocasião, recebíamos o material para a participação: uma mochila com o emblema do curso, um caderno de anotações, caneta, crachá com nome etiquetado, folha com orientações sobre o local (restaurantes, telefones importantes, mapa) e ainda o livro com o título “Desperte seu Poder”. Ao sair do credenciamento, havia uma foto grande de José Roberto Marques com o nome do evento e a *hashtag* “eu sou livre”. Muitos participantes tiravam fotos naquele local.

Conforme o IBC, o curso prometia uma poderosa experiência de autoconhecimento: “assuma a direção da sua vida e conquiste o sucesso que você merece” (IBC, 2019). O evento garantia três dias de alto impacto vivencial, em que “os participantes eliminam medos, bloqueios e despertam sua força interior”. De acordo com o site oficial do IBC²⁴, a estrutura

²² A Brazil Conference at Harvard & MIT é um evento anual realizado no mês de abril e organizado pela comunidade brasileira de estudantes na região de Boston, desde 2015. Disponível em: <https://www.brazilconference.org> Acesso em: 11/05/2021.

²³ Tais expressões são frequentemente encontradas nos sites das instituições/escolas de *coaching*. Termos como, por exemplo, revolucionar o mercado, ou ainda pioneiros no processo de *coaching*, são recorrentemente utilizados com conotação hiperbólica, denotando grande impacto e magnitude.

²⁴ <https://lp1.ibccoaching.com.br/desperte-seu-poder/> Acesso em 11/05/2021.

da imersão aconteceria da seguinte forma: No primeiro dia, sexta-feira, o evento inicia às 10h e tem seu término à meia-noite, sendo intitulado “Eu quero me conhecer: o primeiro passo da mudança está no autoconhecimento, você identificará quais são seus bloqueios e o que você precisa evoluir”. O segundo dia, sábado, tem início às 9h e término meia-noite, e é o dia do “Eu decido me transformar: a partir do conhecimento é preciso decidir se transformar. Você irá vivenciar técnicas e momentos se reprogramar no caminho da mudança”. No domingo, terceiro e último dia, o evento tem início às 9h e término às 21h, e é intitulado “Eu vou agir: Após tomar a decisão é preciso traçar planos e colocá-los em prática. Você irá vivenciar ferramentas e técnicas para fazer seu novo caminho acontecer” (IBC, 2019).

Esse é um curso realizado em praticamente todas as capitais do país. Os ingressos desse evento variam em torno de R\$ 750,00 a R\$ 1500,00, conforme a localização das cadeiras; e essa edição em Porto Alegre, segundo eles, superou a última, tendo como público 2800 participantes. As palestras foram ministradas por José Roberto Marques, que dividia o palco com seu filho, Marcus, diretor do IBC. Ao final do segundo dia de evento, José Roberto Marques deu de presente a todos participantes um curso *on-line* de *autocoaching*. Realizado em 12 semanas, o acesso ao material em PDF é disponibilizado por um período de 2 anos na plataforma do IBC e, por fazer parte desse evento, selecionei como material para também compor parte dos dados secundários desta pesquisa.

As palestras e exercícios desses três dias de imersão intensa no evento “Desperte seu Poder” deram origem à coleta do segundo bloco dos dados primários desta pesquisa. Isso se deu através de registros fotográficos, conversas informais, gravações de áudio e diário de campo de aproximadamente 190 páginas.

Esses dois eventos, a saber, Tony Robbins Brasil, em agosto de 2018, e Desperte seu Poder, em junho de 2019, constituem a fonte de dados primários desta pesquisa. Não apenas pela dificuldade de acesso e/ou por uma possível represália oriunda da crítica ao fenômeno do *coaching*, a opção foi pensar a análise a partir de um fundo etnográfico que privilegiou a observação participante como técnica principal. Tal escolha se deu, principalmente, pelo desejo de querer sentir, viver e desvelar os significados daquelas experiências. Tal técnica foi escolhida devido à sua importância em conseguir, conforme Neto (1994, p. 60), “captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observado diretamente na própria realidade, transmite o que há de mais imponderável e evasivo na vida real”.

Dessa forma, ao estar em contato direto com o fenômeno, a pesquisadora obtém informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos, estabelecendo uma relação face a face com os observados, podendo modificar esse contexto e ser modificado por ele (NETO, 1994). Além disso, nessa técnica, a ação da pesquisa se dá através do registro das falas dos atores sociais: anotação simultânea ou uso de gravações, fotografias e filmagens que procuram documentar momentos ou situações que ilustram o vivenciado. Ainda assim, destaca-se o uso do diário de campo, intitulado por Neto (1994, p. 63-64) como “amigo silencioso”

que não pode ser subestimado quando a sua importância. Nele diariamente colocamos nossas percepções, angústias questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas. O diário de campo é pessoal e intransferível. Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congrega os diferentes momentos da pesquisa. Demanda um uso sistemático que se estende desde o primeiro momento da ida ao campo até o final da investigação. Quanto mais ricas forem as anotações nesse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e à análise do objeto estudado.

A ideia de participação nos dois eventos escolhidos para a coleta de dados foi de uma participação ativa, de uma maneira natural, em todo momento do evento, respeitando/cumprindo os horários estabelecidos e realizando as atividades que eram propostas. Conforme afirma Cicourel (1980, p. 91), o

observador participante “ativo” efetivamente “integra” o grupo que está estudando a ponto de sentir-se aceito como um deles. Com frequência, isso significa como dizem Schwartz e Schwartz, participar ao “nível humano simplesmente” e ao “nível do papel planejado”, isto é, participar como nativo e como cientista.

Nesse tipo de pesquisa, essa participação ativa e mais intensa tem a vantagem de expor o observador às atividades do grupo estudado e, dessa forma, tornar mais ricos os dados. Por outro lado, o risco dessa técnica é o de “virar nativo” e adotar a percepção que é própria do grupo, deixando passar algumas questões importantes cientificamente (CICOUREL, 1980, p. 93). Como forma de solucionar essa questão, é importante mencionar aqui que minha participação nos eventos se dá apenas para busca de material para este trabalho e, em todo o momento, estive consciente do papel representado no campo. O fato de ter realizado a primeira entrada no campo no início do trabalho e outra quase um ano depois, já com as leituras mais avançadas, facilitou também o processo de amadurecimento e revisão em relação ao objeto.

Considerando as ideias de Bauer e Aarts (2008, p.93), para os quais a definição do *corpus* é “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com

(inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar”; e que, nesse momento, as definições teóricas já tinham avançado mais, pude perceber que esses dois eventos de que participei variavam muito pouco em estrutura e conteúdo. Dessa maneira, estabeleceu-se que, para a coleta de dados primários, essas duas observações eram suficientes, já que a saturação para esses autores se dá até que os “novos estratos não acrescentem mais nada de novo” (BAUER E AARTS, 2008, p. 59).

Além dos dados primários, a análise se dará também com dados secundários: aqueles que não foram coletados com o propósito específico da pesquisa, mas que estão disponíveis aos interessados. Especificamente para esta pesquisa, a ideia é analisar os materiais fornecidos nesses eventos (o livro *Desperte seu Poder* e o curso *on line* de 12 semanas de *autocoaching*, intitulado *Ferramentas do Desperte seu Poder*), materiais de divulgação, sites e redes sociais.

Todos esses dados serão analisados através da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2016). De acordo com Bardin (2016), a análise de conteúdo tem como objetivo a manipulação de mensagens, tanto de conteúdo como de expressão de conteúdo, para inferir uma outra realidade que não somente a da mensagem. A análise de conteúdo visa à descrição do mesmo, mas não é só isso, pois, após o tratamento dos dados, pode-se compreender aquilo que ele explica no seu contexto mais amplo. No mesmo sentido, dissertando sobre os documentos escritos, Dellagnelo e Silva (2005, p. 103) afirmam que a análise de conteúdo “busca entender a mensagem, o significado transmitido pela mensagem, aquilo que pode ser implícito”. Essa pode se dar, conforme os autores, de forma quantitativa (frequência de palavras, por exemplo) ou de forma qualitativa.

Bardin (2016) afirma que “a análise qualitativa seria um procedimento mais intuitivo”, devido ao fato de que, nessa, o pesquisador busca encontrar, por meio da análise, o contexto de produção da mensagem - as ideias promovidas pelo autor - explorando os valores e crenças veiculados pelo autor que permeiam o texto, enquanto na análise quantitativa é necessário contar a presença das palavras/ideias, isto é, contar e montar categorias. Como forma de sistematizar esse processo, Bardin (2016) sugere três fases fundamentais: 1) a pré-análise ou a organização do material; 2) a descrição, a classificação e a categorização dos dados; e 3) a interpretação dos dados.

Para Dellagnelo e Silva (2005, p. 111), as categorias podem se dar antes ou depois do trabalho de campo. Nos trabalhos mais qualitativos, “as categorias são definidas previamente e geralmente formuladas com base no referencial teórico disponível, sobre o assunto pesquisa, objetivos da pesquisa, objeto investigado”. Outra forma de definição de categorias é quando

elas não são dadas previamente, mas resultam da classificação progressiva dos elementos encontrados na aplicação da pesquisa e nos dados (geralmente nas pesquisas quantitativas).

Assim, neste trabalho, parto da reflexão de Foucault (2014) para pensar o fenômeno do *coaching*: “Como, em nossa civilização, se estabeleceram relações entre o governo dos homens, a manifestação da verdade na forma da subjetividade e a salvação para todos e cada um?” (FOUCAULT, 2014, p. 69).

Para Veiga-Neto (2011, p. 13), Foucault, a partir da pergunta “Quem sou eu?”, “consegue articular três elementos: o governo dos homens, a manifestação da verdade e os vários processos de subjetivação pela verdade de si (como o conhecimento de si, o exercício de si e a transformação de si)”. Inspirada nesse argumento e nas relações propostas por Foucault (2014) entre verdade e espiritualidade, proponho olhar o fenômeno do *coaching* a partir do regime de reconhecimento das faltas de Foucault (2014).

Tal regime se organiza em torno de três grandes práticas, as quais constituem as categorias de análise do presente estudo, a saber: o **batismo**, definido por Foucault (2014, p. 97) como purificação/iluminação, e, no fenômeno do *coaching*, como o olhar para dentro de si; a **penitência eclesial**, o que Foucault (2014) chama de conversão, isto é, o momento de transformação no processo de *coaching*; e a **direção de consciência**, de acordo com aquela moral, moral cristã, momento em que o indivíduo planeja a sua ação.

4 ANÁLISE

Vamos com você
Nós somos invencíveis, pode crer
Todos somos um
E juntos não existe mal nenhum
Vamos com você
Nós somos invencíveis, pode crer
O sonho está no ar
O amor me faz cantar
(Lua de Cristal, Xuxa)

Conforme mencionado na seção anterior, o objetivo deste estudo é analisar como o *coaching* atua na constituição do indivíduo empresário de si. Dessa forma, as páginas a seguir trazem, por meio de uma narrativa, a análise dos dados desse estudo, utilizando a técnica de observação participante no Evento Tony Robbins Brasil, ocorrido em 2018, na cidade de São Paulo, e no Evento Desperte seu Poder (DSP), realizado em Porto Alegre, no ano de 2019; constituindo, assim, os dados primários desta pesquisa. Além desses, o livro Desperte seu Poder e o curso *on line* de 12 semanas de *autocoaching*, intitulado Ferramentas do Desperte seu Poder, bem como os materiais de divulgação, sites e redes sociais são fixados como dados secundários deste estudo e tratados por meio da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016).

Ainda assim, é importante mencionar que o pano de fundo teórico para a análise de dados é a lente de Michel Foucault no curso do ano de 1980, intitulado *Do Governo dos Vivos*, o qual tem como projeto “elaborar a noção de governo dos homens pela verdade” (FOUCAULT, 1980, p. 3). A edição desse curso foi estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Michel Senellart. Ewald e Fontana (2014) iniciam o livro contando ao leitor que o curso *Do Governo dos Vivos* foi ministrado no Collège de France, onde Foucault lecionou de janeiro de 1971 até sua morte, em junho de 1984 (com exceção do seu ano sabático, em 1977). Segundo os autores, no vocabulário do Collège de France, os professores, que não tinham alunos, mas sim ouvintes, eram obrigados a dar 26 horas de aula por ano, expondo uma pesquisa original. A frequência às aulas era livre, sem inscrição nem certificado, e Michel Foucault, em sua disciplina intitulada “História dos sistemas de pensamento”, tinha uma audiência numerosa que mobilizava dois anfiteatros.

De janeiro até o fim de março do ano de 1980, todas as quartas-feiras, Foucault lecionava sua disciplina para um público numeroso: eram 300 cadeiras disponíveis, porém um número de 500 pessoas aglomeradas, a maioria estrangeiros, em uma turma composta por estudantes, professores, pesquisadores e curiosos. Apesar do grande número de ouvintes em seus cursos, Foucault queixou-se algumas vezes sobre o distanciamento entre ele e seu público e do pouco intercâmbio que a forma do curso possibilitava. Seu sonho era um seminário que desse espaço para um verdadeiro trabalho coletivo, já que, ao término de suas explicações, os estudantes corriam até sua mesa, não para conversar com ele, mas sim para desligar os gravadores²⁵. Sobre o silêncio dos estudantes e a inexistência de perguntas, Foucault comenta que, em função disso, o curso se teatraliza e o que se tem com os ouvintes é uma relação de ator/acrobata, pois, ao terminar sua explicação o que ficava era uma sensação total de solidão.

Por meio dessa leitura, ou ainda como expõe Veiga-Neto (2011), ao nos debruçarmos, três décadas depois sobre as palavras cortantes, brilhantes e provocativas de Foucault nesse seu estilo refinado, rico de detalhes e num discurso claro e nem um pouco vazio, conseguimos nos aproximar do Foucault professor em seu processo de criação, que parece pensar em voz alta com seus ouvintes. E é nesse resgate do passado, realizado por Foucault através do cristianismo primitivo, que me proponho a olhar o presente, ou seja, o fenômeno do *coaching* no Brasil, para cumprirmos a função dos cursos do autor na atualidade: a de diagonalizar a atualidade pela história, tirar uma luz sobre os acontecimentos contemporâneos, já que a força de Foucault estava - e para mim ainda está - nesse “sutil cruzamento de uma fina erudição, de um engajamento pessoal e de um trabalho sobre o acontecimento” (EWALD E FONTANA, 2014, p. XIII).

Na tentativa de também não se sentir só, convido o leitor a refletir e a dialogar a partir dos escritos de Foucault (2014) no curso de 1980. Inspirada nas discussões entre verdade e espiritualidade e tendo como base o exemplo dado pelo autor nesse curso, a saber: o cristianismo como regime de verdade, proponho, nesta seção, olhar o fenômeno do *coaching* a partir do reconhecimento das faltas que se organiza em torno de três grandes práticas (fixadas aqui como categorias de análise): o batismo, a penitência eclesial e a direção de consciência. Tomando como base tais categorias e pensando em deixar mais claro e organizado o texto, a análise dos dados coletados para a pesquisa, bem como a escrita realizada nessa seção, têm

²⁵ Conforme Ewald e Fontana (2014) nesse curso as gravações utilizadas foram realizadas por Gérard Burlet e Jacques Lorange, depositadas no Collège de France e no IMEC e essa edição foi autorizada pelos herdeiros de Michel Foucault e editado por Michel Senellart.

como fio condutor a ordem das categorias mencionadas por Foucault no curso de 1980 e a análise proposta trazida por ele.

Considerando que a observação participante foi utilizada como técnica de coleta de dados e que o objeto de análise permite e sugere que possamos fazer isso, tal narrativa acontece aqui de forma mais detalhada para que o leitor possa experienciar junto comigo o que vivenciei nesses “dias transformadores”: a imersão no evento Tony Robbins Brasil, em 2018, em São Paulo; e os três dias de imersão no evento Desperte seu Poder do IBC. Tal narrativa acontece a partir das seguintes seções: a primeira, intitulada “Começando a narrativa: entrando nos palácios da verdade”, seção em que narro minha chegada aos eventos e como acontece o deslocamento da teoria de Foucault (2014) até o termo governo pela liberdade; logo após, a seção “A preparação para o batismo e para a transformação: os catecúmenos e o empresário de si”, uma espécie de preparação para o batismo, onde o cristianismo exalta o comportamento ideal a ser seguido que, neste trabalho, chamo de empresário de si; em seguida, a seção “Diz-me quem tu és: o batismo e o olhar para dentro de si”, indicando os primeiros momentos dos eventos e o conhecimento de si. Logo após, a seção “A saga em busca da transformação: o momento da penitência”, indicando o momento de conversão para a mudança de vida; e ainda a seção “Tornar-se outro? A prática da direção de consciência”, narrando o último momento dos eventos e a transformação. A última seção, intitulada “Exausta, porém plena: o palco e os bastidores do fenômeno do *coaching*” traz as reflexões referentes à análise de dados.

4.1 COMEÇANDO A NARRATIVA: ENTRANDO NOS PALÁCIOS DA VERDADE

Quarta-feira, nove de janeiro de 1980 e Foucault dava início ao seu curso daquele ano. A partir de uma história descrita pelo historiador Dion Cássio, Foucault começa a aula contando a seus ouvintes sobre o imperador romano Sétimo Severo, que reinava em torno dos séculos II e III (entre 193 e 221 [d.C]). Dizia ele:

Sétimo Severo havia construído um palácio²⁶, e nesse palácio, claro, uma grande sala solene na qual concedia audiências, pronunciava sentenças e ministrava a justiça. No teto dessa sala do seu palácio, Sétimo Severo mandou pintar uma

²⁶ Segundo Foucault (2014, p. 18), tal palácio trata-se do “Septizonium (ou Septizodium), monumento hoje desaparecido, construído a sudeste do Palatino, cujos vestígios subsistiram até o século XVI. Foi demolido pelo papa Sisto V em 1588. O imperador teria feito uma sala em que ele próprio estava apresentado como sol rodeado por sete planetas”.

representação do céu, uma representação do céu estrelado, e não era de um céu qualquer, ou umas estrelas quaisquer, ou uma posição qualquer dos astros que ele representou. Havia mandando representar exatamente o céu do seu nascimento, a conjunção das estrelas que havia presidido ao seu nascimento e, por conseguinte, ao seu destino. Fazendo isso, ou mandando fazer isso, Sétimo Severo tinha, é claro, um certo número de intenções claras e explícitas que é bastante fácil reconstituir. Tratava-se, claro para ele, de inscrever as sentenças particulares e conjunturais que ditava no interior do próprio sistema do mundo e mostrar como o *logos* que presidía essa ordem do mundo e que havia presidido o seu nascimento, esse mesmo *logos* era o que organizava, fundamentava e justificava as sentenças que ele ali pronunciava.

Ao fazer isso, o imperador romano mostrava aos seus ouvintes que sua fortuna era segura e seu trono inacessível a qualquer inimigo, uma vez que seu reino tinha sido fundado nos astros que indicavam que a ele tudo isso era destinado. Entretanto, apesar da representação do céu estrelado, existia um pequeno pedaço desse céu que Sétimo Severo não mandou representar, ou melhor, mandou representar em outro cômodo, onde poucas pessoas (apenas alguns familiares) tinham acesso: o céu da morte, isto é, o céu que representava o fim de seu destino e fortuna.

Conforme afirma Foucault (2014), esse céu estrelado do imperador romano acima de sua justiça é para ele a inversão da história da peça de Sófocles intitulada Édipo Rei, em que o assassinato do velho rei Laio provoca uma peste na cidade de Tebas. Para o autor, essa inversão se dá, pois, se Sétimo Severo tinha seu destino escrito num céu estrelado acima de sua cabeça, Édipo tinha seu destino fixado em seus passos. Ao fazer essa analogia, Foucault (2014) argumenta que há um fragmento no céu estrelado da sala de audiências de Sétimo Severo, mas também na história de Édipo: o mistério de Édipo e também de seu destino, não era totalmente desconhecido. Havia um pastor que era testemunha da morte de Laio e que iria dar seu testemunho dizendo que Édipo era o assassino e, portanto, o culpado. Dessa forma, “o imperador escondia o céu de sua morte. Já o pastor conhecia o segredo do nascimento de Édipo” (FOUCAULT, 2014, p. 5).

Para Foucault (2014), o que Sétimo Severo queria era que os homens lessem como verdade aquilo que ele fazia como política, ou o que ele fazia em termos de poder, assim como o que os grandes imperadores estoicos do segundo século quiseram fazer: governar o império dentro de uma ordem manifesta do mundo. Conforme o autor, esse exercício do poder com que Sétimo Severo inscreve na manifestação da verdade justifica essa ordem do poder em termos de ordem do mundo, tornando difícil encontrar um exemplo de poder que não acompanhe uma manifestação da verdade. A partir da analogia do autor à história do

imperador romano e discutindo a relação de poder e manifestação da verdade é que Foucault (2014, p. 6) indaga seus ouvintes:

Como poder-se-ia governar os homens sem saber, sem conhecer, sem se informar, sem ter um conhecimento da ordem das coisas e da conduta dos indivíduos? Numa palavra, como poder-se-ia governar sem conhecer isso que se governa, sem conhecer esses a quem se governa e sem conhecer o meio de governar esses homens e essas coisas?

Esse conhecimento sobre quem e como se governa não se tratava de reduzir apenas à necessidade econômica/utilitária, mas esse ritual da manifestação da verdade e do exercício de poder na história de Sétimo Severo é acompanhado por procedimentos, sejam eles verbais ou não, “da ordem do conhecimento, da ordem de tabelas, fichas, notas etc., que podem ser um certo número de conselhos; mas que podem ser igualmente rituais, cerimônias; podem ser operações diversas como magias, consultas aos oráculos, aos deuses etc” (FOUCAULT, 2014, p. 7). Tais procedimentos atualizam a consciência individual do soberano e ainda o saber de seus conselheiros, ou seja, qualquer coisa que é afirmada/colocada como verdadeiro. Isso se dá tanto por oposição a um falso ou por uma revelação ou ocultação, ou dissipação do que é esquecido (invisível) ou conjuração do imprevisível.

Tentando definir essa manifestação da verdade correlativa ao exercício do poder, Foucault (2014, p. 8) escolhe o termo “aleturgia” para esse conjunto de procedimentos e afirma que para ele não existe o exercício do poder (em grego, hegemonia²⁷) sem aleturgia, ou seja, a produção de verdade na consciência dos indivíduos pelos procedimentos lógicos e experimentais (conhecimento). Dessa maneira, a ciência e o conhecimento objetivo são momentos e formas onde se manifesta o verdadeiro. O autor admite que a história de Sétimo Severo revela um exercício do poder arcaico, uma vez que hoje estamos numa “arte racional de governar” (FOUCAULT, 2014, p. 9). Assim, para ele, onde há ou onde precisa haver poder é preciso que haja a manifestação do verdadeiro, necessária para governar.

A história do imperador romano Sétimo Severo, com a qual Foucault iniciou sua primeira aula, parecia não estar tão distante de mim. Esse palácio que o imperador mandou construir, ou melhor, a grande sala solene onde concedia suas audiências parecia estar ali na minha frente. O local era grandioso com várias salas que comportavam milhares de pessoas.

²⁷ Foucault (2014, p. 8) afirma: “você sabem que eu adoro as palavras gregas – porque o exercício do poder chama-se, em grego, hegemonia, não no sentido que damos hoje a essa palavra, mas hegemonia é simplesmente o fato de se encontrar, em face dos outros, na possibilidade de conduzi-los e de conduzir, de algum modo, suas condutas; então, eu diria que é bem provável que não exista nenhuma hegemonia que possa se exercer sem qualquer coisa como uma aleturgia”.

Demorei uma hora no trânsito de São Paulo para chegar a esse local e ainda caminhei mais um pouco para encontrar a sala onde seria realizado o evento que, segundo a organização, era o maior “Day Training” (dia de treinamento) já visto e que contava com a presença de profissionais, personalidades e líderes do mundo todo. Era o evento Tony Robbins Brasil, realizado em 9 de agosto de 2018, na São Paulo EXPO, cidade de São Paulo (Brasil).

Encontrei a sala. Eram 21 horas do dia 8 de agosto de 2018. O segurança do evento dispersava as pessoas, pois, segundo ele, não daria tempo de inscrever todos da fila pelo fato de o credenciamento no evento ser até às 22 horas daquele dia. A fila era grande. Assim como eu, muitas pessoas carregavam suas malas de viagem e pareciam ter vindo de muito longe para o evento que previa atender 15 mil pessoas no dia, mas que, segundo o burburinho da fila, apenas 6 mil tinham feito o credenciamento antecipado e concorreriam a um sorteio para tirar uma foto com Tony Robbins.

O tal segurança tentava dispersar aquela multidão e nos aconselhava a ir para casa e voltar às 6 horas do outro dia para o credenciamento. Mesmo assim, entrei na fila. Não desisti. Uma pessoa atrás de mim gritava, brava, dizendo que a situação (aquela grande fila e a incerteza do credenciamento) era uma falta de respeito devido ao valor do evento. Essa pessoa e eu (em silêncio) parecíamos ser as únicas bravas com aquela situação. O resto da fila rezava e emanava energia positiva uns aos outros para poder conseguir chegar a tempo de realizar o credenciamento. Eram 12 pessoas atendendo. Elas pegavam o ingresso impresso e colocavam umas pulseiras no nosso braço (que tinham cores diferentes indicando qual setor era o nosso) para a entrada no dia. A maioria daqueles participantes tinha malas e mochilas. Eram homens e mulheres, com idades e profissões diferentes. Era uma quarta-feira e o evento seria realizado no outro dia, quinta-feira. Por conta disso, na fila, comentavam que era um evento em que girava muito dinheiro para quem ia participar: desde a compra do ingresso (que custava no mínimo R\$1300,00), até a logística para chegar ao local, além do fato de poder folgar no trabalho para poder participar.

Ao entrar no credenciamento, as pessoas se abraçavam por terem conseguido chegar a tempo naquela “maratona”. Ao saírem, elas nos davam força e gritavam para nós que ainda esperávamos ansiosos para entrar. Participantes contentes, sorrindo e desejando boa sorte na fila (grande!) para que conseguíssemos fazer o credenciamento a tempo, ainda naquele dia. Caso não desse tempo, a orientação era que chegássemos às 6h do dia do evento (que teria início às 10h) já que o credenciamento abriria às 7h e teria uma fila grande, segundo eles.

Entrei no credenciamento. Eram 21h40m. Havia um tapume no local do evento escondendo o palco, a música era alta, pois estavam repassando o som. As pessoas dançavam ao som da música, cumprimentavam-se e tiravam foto num local imitando a pintura do Tony Robbins, de boné e camiseta, fazendo pose de vencedor. O clima era amistoso, harmônico, emocionante. O que sabíamos é que o evento contaria com tradução simultânea de inglês para português ou espanhol e certificado digital de participação, e que seria um evento com 12 horas de duração e Tony Robbins, o maior *coach* do mundo, estaria no palco por 4 horas. A orientação na página do evento era para o uso de roupas leves e sapatos confortáveis, pois não seria um treinamento em que se fica parado, só assistindo.

Saindo do credenciamento antecipado, os participantes tiravam fotos, filmavam a imensa fila. Uma menina do Rio de Janeiro comentou comigo sobre o e-mail que recebemos naquele dia e a “chance” que nos foi dada de tirarmos uma foto com Tony Robbins pelo valor de R\$ 7.500,00. Essa menina esbravejava o absurdo da foto custar aquele valor, dizia estar arrependida de ter comprado o ingresso para o evento, pois, segundo ela, na época, a vida dela não andava bem e ela “caiu” naquela história da promoção do primeiro lote e no “mudar” de vida. Culpou o capitalismo selvagem por isso. Saindo do local, o que percebi é que não era um evento para *coaches* e sim para qualquer pessoa que estava buscando um sentido pra vida, uma receita de como melhorar.

A mesma sensação veio quase um ano depois quando cheguei em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (Brasil), para o credenciamento no evento do Instituto Brasileiro de *Coaching* (IBC) intitulado “Desperte seu Poder”. O evento aconteceria de 21 a 23 de junho de 2019 e eu novamente tinha chegado para o credenciamento um dia antes. O local era distante e demorei 40 minutos no trânsito de Porto Alegre para chegar. Diferente do outro evento, esse seria realizado durante três dias consecutivos, que eram vendidos como “3 dias de alto impacto vivencial”, embora eu não soubesse muito bem o que poderia ser isso.

Caminhei um pouco até chegar ao local. Era um grande auditório na Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) e uma fila com pessoas alegres e sorridentes. A música era tão alta que a gente sentia vibrar o coração. Ao meu redor, várias pessoas: homens e mulheres de diferentes idades, sozinhas, em casal ou em grupo com quatro ou cinco pessoas. Eu havia entrado num grande salão para o credenciamento, com seis pessoas atendendo aquele público que estava na fila. Nesse local, havia um *outdoor* bem grande com uma foto do José Roberto Marques, presidente do Instituto Brasileiro de *Coaching* (IBC), personalidade mais esperada no evento. Além da foto dele de terno, havia o

nome do evento “Desperte seu Poder”, a frase “3 dias de alto impacto vivencial” e, ao final, uma *hashtag* dizendo eu sou livre (#eusoulivre).

As pessoas faziam o credenciamento e saíam contentes, verificando o que havia na sacola que tinham ganhado com o material, mostravam a pulseira que dava acesso ao evento e faziam pose de vencedor ou apontavam para o *outdoor* para tirar uma *selfie*. Esperei 40 minutos na fila. Meu ingresso era “um presente” que tinha “ganhado” de José Roberto Marques por ter ido ao evento do Tony Robbins Brasil em São Paulo no ano de 2018. Mesmo assim, ganhei o mesmo material que todos os outros participantes e percebi que talvez o ingresso presenteado fosse a situação de muitos ali, no mesmo evento ou em outros. A orientação era também para o uso de roupas leves e sapato confortável, pois também era um evento em que não se ficaria parado.

Feito o credenciamento, dormi e, no outro dia, fui para o evento. Acordei cedo já que o local era mais afastado e eu demoraria para chegar, devido ao trânsito e ao grande número de participantes. Tomei um café da manhã reforçado, pois sabia que seriam muitas filas e que seria exaustivo devido à duração dos eventos. Chegando ao local, as filas eram menores, o fluxo de entrada mais rápido, já que tinha realizado o credenciamento anteriormente, e todos nós, eufóricos, esperávamos para entrar naquelas salas enormes em busca de uma receita de sucesso.

Entrei. Os dois locais eram grandes e tinham cadeiras estofadas já colocadas uma ao lado da outra. Apesar da orientação para roupas confortáveis, o público estava bem vestido: o que eu observava eram pessoas vestidas como executivos (tanto de terno bem arrumados, como o executivo de hoje mais informal – camiseta e jeans estilosos). Nos dois eventos, as pessoas pareciam ansiosas, porém sempre sorridentes. A expectativa era de uma revelação do segredo de como vencer e mudar de vida ao sair de lá, até porque, supostamente, aqueles *coaches* pareciam ter vencido na vida.

Havia pessoas com camisetas dos eventos trabalhando e orientando onde deveríamos ir, todos simpáticos e eficientes. Música estilo eletrônica tocando bem alto. Os locais de entrada tinham cortinas e atendentes felizes nos gritando bom dia de uma forma gentil e amistosa. Era impossível não sorrir para eles. Os palcos eram bem grandes e ainda contavam com três telões para que acompanhássemos tudo. Parecia uma festa de boate, mas ainda era de manhã. No evento Tony Robbins Brasil, o espaço era dividido por setores, conforme o valor do ingresso (mais perto ou longe do palco). Ao entrar na fila, fiz amizade com uma moça e

acabamos sentando juntas. No *Desperte seu Poder*, não havia lugar marcado e, a cada intervalo, eu escolhia um assento diferente.

Sentei. Eu tinha ido sozinha nos dois eventos. Olhei tudo. Resgatei meu caderno de anotações e fiquei esperando. As pessoas tagarelavam e escolhiam os lugares mais perto dos corredores e eu achava que era para acessar o banheiro de forma mais fácil. Continuei observando e o que percebi é que as pessoas brigavam para sentar na ponta e queriam trocar as cadeiras de lugar para sentar mais ainda no corredor, porém os bombeiros que trabalhavam no local não deixavam. O local todo estava pensado para a segurança do público mas, mais ainda, para a segurança daqueles seres intocáveis que ali iriam palestrar. Entendi depois que os *coaches* tão esperados naqueles dias caminhavam pelos corredores no meio do público e as pessoas poderiam vê-los de perto ou, com sorte, abraçá-los ou, com maior sorte ainda, serem entrevistados por eles durante o evento.

A impressão que tive é que só eu não conhecia aquelas pessoas ou nunca tinha ido a algum evento desses. A moça com quem conversei no evento do Tony Robbins me disse que já tinha feito o curso *Desperte Seu Poder* do IBC e que eu deveria fazer, porque “era fantástico!”. Ela ainda me contou que José Roberto era concorrente do Paulo Viera, que também tinha cursos e livros “incríveis”. Nesse evento do Tony Robbins Brasil, embaixo de cada cadeira (eram 13 mil participantes), havia *folders* e um livro do Instituto Brasileiro de *Coaching*, mas, embaixo da minha cadeira, não tinha nada. Mais alguns minutos se passaram e eu continuava a observar tudo.

Alguém no palco anunciou que o Instituto Brasileiro de *Coaching* tinha doado 13 mil livros escritos pelo presidente do IBC, José Roberto Marques, para os 13 mil participantes que ali estavam, com o intuito de “repassar os ensinamentos que sabiam e aumentar essa corrente de pessoas” (IBC, 2019). Olhei novamente e embaixo da minha cadeira não tinha nada! Aliás, embaixo de várias cadeiras não tinha o tal livro de presente. Achei que poderia ser engano ou até mentira, mas o que percebi, depois de um tempo, é que várias pessoas tinham pego mais de um livro para levar para amigos/parentes que não estavam no evento. Eu vi pessoas empilhando mais ou menos cinco livros (todos iguais) para conseguir levar a palavra para quem não estava lá.

Ao longo do dia no evento, cheguei a pedir um livro pra mim (afinal era um para cada participante): uma menina me ignorou e passou reto enquanto eu a abordava e outra senhora me explicou que não poderia me dar, pois precisava muito levar para os amigos que, em função do preço, não puderam pagar o evento. Não fiquei com raiva, nem brava com ela. No

fundo, enquanto ela falava, eu até concordava com a justificativa dela. Apesar de meu sentimento naquele local ser de gratidão, alegria, emoção, e de que, no fundo, precisávamos ajudar os outros a mudar também; na realidade, percebi que era, antes de tudo, um cenário de competição generalizada, luta econômica e de relações pautadas conforme o modelo de mercado (DARDOT E LAVAL, 2016).

No palco, o pessoal do IBC pediu duas vezes no microfone que aquelas pessoas que tinham pego mais de um livro doassem um deles para os participantes que tinham ficado sem, afinal, o IBC tinha impresso o número exato de livros para o número de participantes no dia e, segundo eles, não era justo as pessoas ficarem sem o seu presente, e era muito “feio” pegar o que não era seu. Mesmo assim, as pessoas (participantes e inclusive alguns que trabalhavam no dia) continuaram circulando com os vários livros empilhados embaixo do braço ou em cima das cadeiras.

Continuei observando. Os dois eventos não estavam atrasados, mas eu tinha chegado cedo. Tendo feito anteriormente a leitura sobre o curso *Do Governo dos Vivos*, de Michel Foucault (2014), comecei a lembrar do céu estrelado de Sétimo Severo e que, assim como descreveu o autor, o destino tivesse mandado todas essas pessoas para esses eventos para ouvir aqueles que nos “venderiam” um testemunho, uma receita, uma verdade. Esses homens eram Tony Robbins, o maior *coach* do mundo e José Roberto Marques, um dos maiores *coaches* do Brasil. Ao olhar para os palcos, parecia que o céu da morte de Sétimo Severo também estava representado ali: os bastidores daqueles palcos geravam certa curiosidade, pois sabíamos que para um evento daquele tamanho eram necessárias algumas pessoas controlando o que ninguém vê e que, no palco, talvez nem tudo seria mostrado/dito.

O público de 13 mil pessoas no evento Tony Robbins Brasil e 2800 pessoas no Desperte Seu Poder que estava nesse “palácio” sedento pelas sentenças, carregava, assim como Édipo, a verdade não acima da cabeça, mas sim nos pés, nos passos. No fundo, nós que estávamos ali lutávamos para nos livrarmos de algum comportamento não desejável (ou não aceito nos dias de hoje) e queríamos descobrir a receita para o sucesso, não só no mercado de trabalho, mas na vida.

Eu olhava aquelas pessoas e, de vez em quando, puxava assunto com uma ou outra. O que eu via na fala e no olhar de cada uma é que eram sujeitos não contentes com alguma coisa, que apenas queriam melhorar, saber qual era o comportamento que deveriam seguir para aperfeiçoar o indivíduo que eram e se tornarem esse sujeito tão buscado e vendido nos dias de hoje: próspero e, ainda por cima, feliz. Além disso, o que eu sentia é que aquelas

pessoas queriam mesmo estar ali e não pareciam ter sido obrigadas a ir nos eventos, haviam ido por vontade própria.

Com isso em mente e refletindo que o curso *Do Governo dos Vivos* tem como objetivo elaborar a noção de governo dos homens pela verdade volto à primeira questão de Foucault (2014), ao iniciar seu curso e apresentar ao leitor como ele faz esse deslocamento para a noção de governo pela liberdade, isto é, o deslocamento de ideologia dominante para saber-poder e, logo após, de saber-poder para governo pela liberdade. Para o autor, o abandono da noção de ideologia dominante se dá pelo fato de que essa é uma teoria incompleta da representação, está atrelada às ideias de verdadeiro e falso, realidade e ilusão, científico e não científico, racional e irracional, e ainda traz o sentido de assujeitamento. Dessa forma, o termo saber-poder parece mais interessante e completo de ser adotado, já que, conforme o autor, o saber exclui todas essas oposições e o poder é visto como procedimentos, instrumentos e técnicas pelas quais se realiza o poder.

Além desse primeiro deslocamento nas obras de Foucault (2014), há agora um segundo deslocamento que se inicia especificamente no curso de 1980: o deslocamento da noção de saber-poder para a noção de governo pela liberdade, e aqui governo entendido como procedimentos que conduzem os homens. Em sua análise, o autor coloca o olhar para o nascimento da razão de Estado no século XVII e para o liberalismo contemporâneo americano e alemão como forma de governar.

Ao fazer essas reflexões, Foucault (2014, p. 14) entende que não é possível governar sem entrar nos jogos de verdade e que, no pensamento político moderno, podem-se encontrar cinco formas de conceber a existência entre o exercício do poder e a manifestação da verdade, são elas: 1) “a racionalidade da ação governamental é a razão de Estado, ou seja, a verdade que deverá ser manifestada é a verdade do Estado como objeto de ação governamental” (princípio da racionalidade); 2) se efetivamente o governo governa pela verdade (Estado), então, quanto mais ele fizer isso, menos ele governará (racionalidade econômica e princípio da evidência); 3) saber especializado e indivíduos especializados nesse conhecimento dessa verdade (princípio da competência); 4) na medida em que os indivíduos sabem tudo sobre a sociedade em que vivem, o governo não poderá mais governar (princípio da consciência geral) e 5) o terror não é uma arte de governar, é a governamentalidade no seu estado nu (princípio do terror).

Ainda refletindo sobre essa ligação (segundo ele muito antiga) do exercício do poder e a manifestação da verdade, o autor afirma que não é possível dirigir os homens sem essas

operações da ordem da verdade, e que, por trás dessas relações de poder, há um núcleo de violência. Assim, ele questiona se pode haver um poder sem esse jogo de sombras e luzes, verdade e erro, verdadeiro e falso, visível e invisível, isto é, sem esse círculo aletúrgico.

Nesse sentido, para ilustrar essas questões e essa ligação, Foucault (2014), nessa obra, traz o exemplo da tragédia de Édipo Rei, fazendo uma leitura aletúrgica dessa história, uma vez que, segundo ele, toda tragédia grega é uma aleturgia, é um dizer-a-verdade. Ele afirma que, na Grécia, a cena/teatro por meio dos atores (e máscaras) mostra o verdadeiro, assim como por meio dos heróis e mitos, na sede de um oráculo ou em praça pública ou no recinto em que se ministra a justiça, a manifestação do ritual da verdade acontece: mostra-se como a verdade vem à luz. Nessa tragédia de Édipo Rei, que o autor define como tragédia da ignorância, da inconsciência, ou ainda dramaturgia da cegueira ou dramaturgia da verdade, Édipo é o próprio motor da tragédia, já que faz o trabalho de busca pela verdade e descobre ser o próprio objeto da procura (FOUCAULT, 2014). Nessa busca, há procedimentos e rituais de manifestação da verdade ou, conforme afirma o autor, existem veridicções que explicam as relações do personagem com a verdade, o que se pode chamar de lei das metades.

Essa lei das metades é ilustrada na tragédia de Édipo Rei na medida em que, a partir da peste que se alastrava por Tebas, Creonte, o cunhado de Édipo, consulta o oráculo Delfos sobre como anular a peste e esse responde: através de um ritual de purificação, ou seja, purificação da nódoa que seria o assassinato do rei Laio. Tem-se, então, a primeira metade da lei das metades: a metade assassinato. Nessa passagem dos fatos do assassinato, no discurso do adivinho e do deus, se tem uma metade: a metade oracular/profética. A outra metade seria o assassino de Laio, ou seja, a metade humana (que nesse caso se divide em dois: Jocasta tranquilizando Édipo que o adivinho disse mentiras ao indicar que Édipo é assassino e as testemunhas: um pastor que sabia sobre o nascimento de Édipo e um escravo que havia visto o assassinato).

Nessa mecânica de metades, tem-se então a metade divina/religiosa/profética/ritualística e a metade humana/da investigação/lembrança. O autor ainda afirma que, nesse jogo, os personagens envolvidos têm vínculos fortes, como, por exemplo: 1) o vínculo entre o deus e seu adivinho (que recebe o poder de dizer que é o próprio deus – pacto religioso); 2) Édipo e Jocasta, marido e mulher, isto é, pacto jurídico; e 3) vínculo entre o pastor e escravo (pacto de amizade).

Considerando essas questões e ao resgatarmos a ideia de Foucault (2014) colocada aqui de que, para haver exercício de poder, é preciso que haja manifestação da verdade, no meu pensamento, o neoliberalismo, como exercício de poder, ou melhor, como regime de governar os homens, encontra a sua expressão nas práticas de *coaching* como forma de delinear esse “vencedor” que chamo aqui de empresário de si. Para o autor “a constituição da razão de Estado teve um movimento onde foi preciso varrer os adivinhos da corte do rei e substituir a astrologia” (FOUCAULT, 2014, p. 11). Mas parece que hoje, no neoliberalismo, recorre-se novamente a essa espécie de adivinhos e conselheiros detentores da verdade, definidos neste trabalho como *coaches*.

Digo isso, pois, todos nós que estávamos ali naqueles eventos, éramos, assim como Édipo, o motor da tragédia, ou seja: sabíamos que, para acessar aquela verdade, teríamos que acessar o nosso eu, os nossos segredos e lembranças, uma vez que “quanto mais eu me curo, mais eu curo os outros” (JRM, IBC, 2019) e ainda, ouvir o testemunho desses “deuses” para conseguir a tão esperada receita que buscávamos.

Deuses? Sim, a princípio eu imaginava que eram deuses, profetas ou oráculos, pois todos nós ali sentados, esperávamos ansiosos por aqueles *coaches* nos palcos, ou melhor, naqueles palácios como o de Sétimo Severo, onde se daria a manifestação da verdade, para que, então, aqueles deuses, profetas, oráculos nos dessem a redenção e trouxessem a tão esperada receita de sucesso. Se conforme afirmou Foucault (2014), a manifestação da verdade acontece através da lei das metades, ou seja, através da aleturgia divina e da aleturgia humana, ou como na peça de Sófocles, as testemunhas/escravos, “sem esse dizer-a-verdade dos escravos, o dizer-a-verdade dos deuses não teria funcionado e a peça não poderia ter sido realizada” (FOUCAULT, 2014, p. 40).

Dessa forma, uma vez que esses *coaches* receberam o poder de dizer que são os próprios deuses, percebo que, naquele palácio, eles eram a metade oracular/profética “despertando nosso poder”, trazendo a luz, a iluminação que já estava em nós mesmos, porém adormecida. Isso já tinha início lá na entrada do evento, no *outdoor* em que as pessoas faziam reverência àqueles “deuses” e depois quando eles estavam no altar, digo, no palco.

Quanto à outra metade citada por Foucault (2014), a metade humana, ou seja, as testemunhas, os espectadores ou os escravos, lembro daqueles que nos davam boa sorte na fila do credenciamento, dos atendentes que sorriam para nós e que já conheciam o espetáculo e a receita, ou daquela pessoa com quem fiz amizade e me “alertou” que os *coaches* Paulo Vieira

e José Roberto eram incríveis, ou ainda aqueles que estavam “roubando” o livro que não era seu. A metade humana éramos todos nós, o público que estava lá embaixo do palco e diria “sim, eu vi com meus próprios olhos” (FOUCAULT, 2014, p. 46).

Com isso em mente, considerando os apontamentos de Foucault (2014) no curso *Do Governo dos Vivos* sobre conceito de governamentalidade/governo e ainda sabendo que não há poder sem manifestação da verdade, assim como o imperador Sétimo Severo acreditava que a ideia era governar o império dentro de uma ordem manifesta do mundo, a ideia aqui é tomar o neoliberalismo como um regime de governo da manifestação do “eu”, que se evidencia no fenômeno de *coaching* que é reificado pelo *coach*.

O regime de governo, conforme propõe o autor, se dá pela manifestação do verdadeiro, que acontece através de dois modos de veridicção (ou dois tipos de aleturgia): a aleturgia oracular/religiosa, a qual pronuncia de longe o decreto eterno, e ainda a aleturgia humana, que se forma pedaço por pedaço, exigindo da memória de quem testemunhou com seus próprios olhos. Nesse regime de governo neoliberal, o elemento “eu” estudado por Foucault (2014, p. 46) no curso de 1980 aparece, assim como nas

“formas rituais, canônicas de veridicção nos textos arcaicos entre Homero, Hesíodo ou entre os poetas do século VI, onde o dizer verdadeiro se autoriza para se apresentar como enunciação, manifestação, formulação da verdade: ele se autoriza em um poder que é sempre exterior àquele que fala”.

Mas afinal, como se dá a extração da verdade? Conforme Foucault (2014), em seu exemplo da peça de Édipo Rei, nessa comparação entre a aleturgia divina e a dos escravos, o autor nos apresenta algumas questões: que os deuses, assim como os escravos, são sujeitos de verdade interrogados (a maneira de perguntar a cada um não é a mesma, mas eles só falam quando interrogados). A resposta do deus é aguardada e, depois de dada, não é questionada, uma vez que não se pode constranger o deus e deve-se conformar-se com a resposta. Segundo o autor, na peça de Édipo Rei, o profeta Tirésias é interrogado e responde, já que ele é “o encarregado de dizer a verdade para que aconteça o bem à cidade” (FOUCAULT, 2014, p. 33) e, portanto, não deve se calar, pois é o protetor da cidade, ou seja, é aquele que tem como tarefa dar conselhos para que essa seja bem governada e conduzida.

Ainda assim, há que se dizer que, na peça, a segunda forma de extração da verdade acontece, pois existe um conflito entre os dois personagens, portanto é preciso dizer a verdade para se defender. Em terceiro, os escravos e servidores também são questionados e, seguindo a técnica de interrogatório, primeiro precisam autenticar sua identidade; depois são

perguntados se lembram o que aconteceu e, logo após, para que digam mesmo toda a verdade, sofrem ameaça de tortura.

Importante mencionar ainda que, nessa extração da verdade, há também a modalidade do saber dos deuses e dos escravos e que, apesar de comporem o olhar e o discurso, isso se dá de forma diferente. Em relação ao olhar, o deus é luz, ilumina todas as coisas, vê tudo e, dessa forma, torna as coisas visíveis. Em relação à palavra, ele diz as coisas e faz com que aconteçam. O dizer do deus vincula os homens, as coisas e o futuro de uma forma tão infalível que é impossível não acontecer. Já, no caso dos escravos/servidores, esses estão presentes como espectadores, uma vez que tudo se desenrolou diante deles, estavam presentes quando tudo aconteceu na cena da verdade.

Ainda sobre essa aleturgia dos deuses e escravos, é preciso apontar a diferença que concerne ao tempo: o dizer-a-verdade do oráculo e adivinho se situa no eixo presente e futuro, enquanto o dizer-a-verdade dos escravos se situa no passado: se eles dizem a verdade é porque se lembram. Em relação às palavras, o que designa a aleturgia do discurso oracular é “eu proclamo, eu afirmo, eu decreto, ao mesmo tempo eu enuncio e eu pronuncio” (FOUCAULT, 2014, p. 38), enquanto no discurso dos escravos/servidores “eu reconheço, eu confesso, sim, foi exatamente isso que aconteceu e à lei do que aconteceu não posso me furtar. Um proclama e decreta, o outro confessa e testemunha” (FOUCAULT, 2014, p. 38).

Dessa maneira, o autor entende que “o oráculo é a veridicção dos deuses, o juramento é a veridicção dos reis e dos chefes e o testemunho é a veridicção dos outros/dos que servem” (FOUCAULT, 2014, p. 39). Essa identificação do dizer o verdadeiro e ter visto o verdadeiro, o elemento eu, ou melhor, a aleturgia em torno do eu mesmo, do si mesmo, por meio da aparição da testemunha, foi um processo importante para a história da verdade em nossa sociedade. E é nesse sentido que Foucault (2014) encaminha seus estudos para discutir, nesse curso, a relação entre arte de governar os homens e a aleturgia, ou o que ele chamou de autoaleturgia e como isso se dá.

Dito isso, é preciso trazer também para a discussão a ignorância de Édipo Rei: como ele vai se transformar de homem que não sabe em alguém que agora sabe? Marcas no caminho, sinais, referências vão dar as pistas para que Édipo possa chegar à verdade, e isto acontecerá a partir dos seguintes elementos: resgate ao passado, saber que nem sempre os oráculos dizem a verdade, remontar no passado da ausência à presença, isto é, se aproximar de quem efetivamente assistiu com os próprios olhos. Assim, Édipo consegue encontrar a verdade e salvar a cidade dos perigos que os deuses anunciaram: “a história da libertação de

Tebas é simplesmente um efeito das luzes, nada mais: que as coisas venham à luz e subitamente a peste desaparece e a ordem é restabelecida” (FOUCAULT, 2014, p. 69).

Refletindo sobre a nossa maneira de nos comportarmos e as formas de vida que nos foram inventadas, no neoliberalismo, esse fenômeno, como afirmou Rose (1990), ou esse sistema normativo (DARDOT E LAVAL, 2016) ou ainda esse regime de governo ou regime da verdade conforme defendo aqui, generaliza a forma empresa e a torna o poder enformador da sociedade (NUNES, 2012). Se atualmente um bom governo é aquele em que as pessoas se governam (ROSE, 2008), no neoliberalismo, a ordem é para que cada indivíduo assuma a forma empresa como norma de conduta e seja o único responsável por si mesmo. Dessa maneira, para sobreviver nesse cenário é preciso internalizar as características da empresa, virando uma espécie de empresário de si mesmo (FOUCAULT, 2008) sendo este o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso (BINKLEY, 2012).

Sobre o governo neoliberal, esse governo da verdade/conduta, tomo a frase de Foucault (2014, p. 92) quando manifestou sua vontade de “descrever uma história da força do verdadeiro, da vontade de saber, do poder da verdade na história do Ocidente”. Ainda que ele tenha dito aos seus ouvintes que não seria capaz de fazê-la, ousou discordar do autor e dizer que sim, que ele consegue nos deixar ensinamentos e reflexões sobre a verdade e, portanto, pistas interessantes para pensar sobre a força do verdadeiro e o elemento do “eu” cada vez mais presente nesse regime de governo.

Defendo neste trabalho que essa autoaleurgia (FOUCAULT, 2014) que gira em torno do eu mesmo, manifesta-se no cenário brasileiro através do indivíduo empresário de si e é reificada pelo fenômeno do *coaching*. Afirmando isso, pois conhecendo como se deu a extração da verdade na tragédia de Édipo Rei e relacionando essa técnica com os eventos analisados neste estudo percebe-se que, naquelas cerimônias ou rituais dos *coachings*, todos nós que estávamos ali aguardávamos a resposta daquelas “divindades” isto é, dos *coaches* Tony Robbins e José Roberto Marques e, assim como Foucault (2014) afirmou, não questionávamos.

Embora ainda não estivesse claro para mim se os *coachings* eram deuses ou profetas, eles estavam lá encarregados de dar conselhos para que, assim como Tebas, o Brasil fosse bem conduzido e governado e, ainda, para nos fazer entender que nós éramos o motor de desenvolvimento do país, que o futuro dependia apenas de nós mesmos e que, se existiam “nódoas” no Brasil, foi porque fracassamos em algum momento. Dessa maneira, se estávamos desempregados ou infelizes era porque não nos tornamos “pilotos da nossa vida” (JRM,

TONY ROBBINS BRASIL, 2018) ou porque “às vezes nós não estamos sonhando certo e é por isso que a gente não concretiza o nosso sonho” (ELANY LEÃO, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Assim como em Édipo, nessa extração da verdade, havia também conflito entre os personagens. Existe cada vez mais uma concorrência entre os *coaches* na tentativa de ser o maior, o pioneiro, o mais sábio ou com a escola maior. Se pensarmos nos escravos/servidores, ou seja, o público, precisávamos também, como na tragédia de Édipo, autenticar nossa identidade dizendo para o colega do lado quem éramos, do que gostávamos e qual era a nossa história. Era preciso ainda, resgatar nossas memórias (as de ontem e as da infância) e, caso não buscássemos/conseguíssemos essa transformação de comportamento vendida naqueles dias, a “tortura” aplicada era ouvir, a todo momento, que continuaríamos naquela vida/comportamento que buscávamos tanto mudar, isto é, era preciso, segundo eles, que quebrássemos nossas “crenças limitantes” (JRM, IBC, 2019) ou “mudar nosso *mindset*” (TONY ROBBINS, 2018).

Em relação ao olhar, Foucault (2014) afirma que o deus é luz e vê tudo e parecia que sim, que esses *coaches* já tinham estudado muitas coisas e passado por várias experiências, ou melhor, alguma grande experiência que inclusive eles se referiam pela sigla “EQM” - experiência quase morte - da qual eram “sobreviventes” e, por isso, tinham sido “destinados” a estar ali falando conosco. Nós, escravos/servidores/público, éramos expectadores e tudo se desenrolava diante dos nossos olhos: o show estava ali, acontecendo para nós, testemunhas, em meio àquele jogo de luzes que nos iluminava e nos deixava cada vez mais próximos da verdade. Enquanto os deuses ou profetas, ou melhor, os *coaches* proclamavam/decretavam o que deveríamos fazer, reconhecíamos, confessávamos os nossos segredos para nos transformarmos, assim como Édipo, de alguém que não sabe em alguém que agora sabe.

As marcas dos nossos caminhos nos fariam chegar à verdade. Era um misto de resgate do passado, uma suspeita sobre o conhecimento desses *coaches* e ainda uma tentativa de aproximação de testemunhas que ali estavam e já tinham assistido a tudo aquilo. Se, conforme dito anteriormente, a libertação e a ordem de Tebas se davam nesse efeito de luzes que trazia à tona a verdade, sabíamos que, nesse jogo de luzes dos espetáculos que ali nos entreteriam, se cumpríssemos as regras do jogo, ou melhor, desse jogo da verdade, encontraríamos a verdade, salvaríamos o país e a nós mesmos e, portanto, a ordem e o progresso estariam restabelecidos.

O que entendi, é que éramos, assim como Édipo, o motor da tragédia: éramos o objeto no interior dessa manifestação da verdade, em que cada um ali tinha a obrigação de olhar para dentro de si, mostrar a alma, confessar os segredos para então se libertar das amarras. Pensando sobre tudo isso, percebo que a *hashtag* #eu sou livre já no *outdoor* do evento de José Roberto Marques começa a fazer sentido.

Isso se liga ao que Foucault (2014) questiona nessa obra sobre esse laço extremamente forte dessa sociedade entre o exercício de poder e a obrigação dos indivíduos em ser aquele que manifesta a verdade de si mesmo, em ser aquele que confessa, pois é na confissão que o indivíduo faz vir à luz o que estava na sombra, ele é testemunha já que percebe o que se passou e ele é o objeto em questão. Como exemplo de regime de verdade da confissão, o autor, nesta obra, analisa as práticas do cristianismo primitivo, devido à sua vontade de analisar nesse curso os regimes de verdade distantes dos regimes científicos, conforme ele propõe: “esse conjunto coerente e complexo de práticas que são os exames de si mesmo, a confissão, a exploração dos segredos da consciência, a confissão desses segredos, a remissão das faltas” (FOUCAULT, 2014, p. 91).

Seguindo o autor, coloco a lente desse curso de 1980 sobre o neoliberalismo, tomando-o como um regime da verdade, uma vez que “determina as obrigações dos indivíduos quanto ao procedimento de manifestação do verdadeiro” (FOUCAULT, 2014, p. 85). Nessa relação entre o exercício do poder como forma de governo dos homens, acredito que, assim como no exemplo do cristianismo, no neoliberalismo, não se exige somente atos de obediência e submissão, mas sim atos de verdade, em que os sujeitos são, numa relação de poder, atores, espectadores-testemunhas e ainda objeto. O empresário de si, produto do neoliberalismo, especificamente nesta última década no Brasil, precisa não apenas internalizar a empresa para vencer, mas, além disso, aperfeiçoar sua espiritualidade que também é agora um aspecto importante a ser lapidado e considerado.

Considerando que é fácil governar os homens quando eles estão preocupados com a sua salvação no além (FOUCAULT, 2014), o fenômeno do *coaching* ganha espaço cada vez maior e reifica esse discurso neoliberal, apoiando-se em práticas do cristianismo primitivo a partir não dos atos de fé, mas sim do reconhecimento das faltas, pois é na origem do cristianismo que se estabeleceu essa articulação entre a obrigação da manifestação individual de verdade e a dívida do mal. Tal relação se organizou em torno de três grandes práticas: batismo, penitência e direção de consciência, tidas aqui como categorias de análise do estudo.

Ainda que os eventos analisados neste estudo tenham sido em dias distintos e o tempo de duração deles seja diferente, isto é, evento Tony Robbins Brasil em apenas um dia e o Desperte Seu Poder em três dias consecutivos, eles obedeciam à mesma ordem/estrutura de apresentação: no início do evento era apresentada a receita de sucesso da atualidade, ou seja, comportamentos que deveríamos seguir ou o que pessoas de sucesso fizeram para conquistar o que possuem; em seguida, era preciso fazer um olhar para dentro de si para se conhecer; logo após, exercícios, dinâmicas e receitas de transformação desse eu; e, por último, estratégias de como agir para conquistar/manter tudo isso.

Com isso em mente, convido o leitor a continuar dentro desses palácios da verdade junto comigo e descobrir qual o comportamento necessário a ser seguido para alcançar a tal transformação na vida.

Ainda que Foucault (2014) não tenha colocado o seu olhar para o fenômeno do *coaching*, penso que, neste trabalho, conforme dito anteriormente, é possível, através da lente do curso de 1980 do autor, refletirmos sobre esse objeto de análise, isto é, pensar que o batismo, a penitência e a direção de consciência como práticas do cristianismo primitivo, esse exemplo de regime de verdade, podem servir como categorias para guiar a análise sobre o fenômeno do *coaching*. Com a lente de Foucault (2014), inicio a próxima seção, narrando o que foi apresentado nos primeiros momentos dos dois eventos, que entendi como a preparação do nosso batismo: nossa iluminação.

4.2 A PREPARAÇÃO PARA O BATISMO E PARA A TRANSFORMAÇÃO: OS CATECÚMENOS E O EMPRESÁRIO DE SI

No curso *Do Governo dos Vivos*, Foucault (2014) inicia sua apresentação estabelecendo a relação entre governo e verdade, conforme mencionei anteriormente e, logo após, faz uma análise sobre o cristianismo como um regime de verdade. Examinando a articulação entre a manifestação da verdade e a remissão das faltas, o autor cita as três práticas que dão forma a esse acontecimento: o batismo, a penitência eclesial ou canônica e o exame de consciência.

Ao fazer a explanação sobre essas três práticas, respectivamente, o autor aponta que existe um texto, do início do século II, que define, depois do novo testamento, o que era o batismo. Esse texto, intitulado *Didakhè*, apresenta uma série de ensinamentos prévios ao batismo, indicando o que é preciso ensinar ao indivíduo que está prestes a ser batizado, ou

seja, ensinar ao postulante ao batismo tudo o que precede, como por exemplo, o caminho da vida e o caminho da morte e mais:

um certo número de grandes interditos - o sobre homicídio, o sobre o adultério, o sobre o roubo, um certo número de prescrições morais de vida cotidiana e, por fim, claro, as obrigações fundamentais em relação a Deus (FOUCAULT, 2014, p. 78).

Segundo o autor, ao conhecer tudo isso, o postulante é ensinado e estabelece uma relação entre ele e a verdade e que o possibilita chegar ao batismo, à purificação. Tais ensinamentos para essa purificação pareciam fazer parte do início do evento do Tony Robbins Brasil e do evento Desperte Seu Poder (IBC). Se esses dias transformadores iriam trazer um segundo nascimento, era importante prestar atenção ao que foi dito naquelas primeiras horas dos eventos.

Então, em 2018, mais precisamente no dia 9 de agosto, sentada naquele grande palácio na cidade de São Paulo, chamado São Paulo Expo, eu esperava, assim como os outros, para conhecer a receita do sucesso, recomeçar uma vida sem nódoas e alcançar a transformação que eles haviam me prometido/vendido. O evento que traria o maior *coach* e estrategista do mundo, Tony Robbins, iniciava com a fala da presidente de uma empresa chamada Indústria do Conhecimento, que tinha trazido o espetáculo para o Brasil: a empresária Elany Leão, que anunciava ao microfone, num tom alegre e motivado, que Patrícia Abravanel, filha de Sílvio Santos e mestre de cerimônias do evento, dividiria o palco com ela nesse dia transformador.

Elany Leão está vestida com um terno preto, maquiada, com o cabelo solto e bem penteado, anunciando que faria a primeira palestra do dia com o título “Sonhe o Extraordinário”. Com o microfone na mão e muito empolgada, ela nos pergunta: “O que sonhar tem a ver com empreender?” Eu, feliz, me acomodei novamente na cadeira, sorri e vi que realmente eu tinha uma tese, afinal, eu estava lá pensando no fenômeno do *coaching* e no empresário de si, e em todo esse discurso desenfreado sobre empreendedorismo que me angustiava desde a época do meu mestrado.

Após sua pergunta, havia um silêncio na multidão. Eu não sabia a resposta e percebo que todos nós estávamos muito atentos e ansiosos pelas respostas e pela receita de uma vida extraordinária que seria passada naquele dia. A maioria das pessoas ao meu redor tinha um bloco de anotações dado no evento e caneta na mão, e alguns ainda anotavam no bloco de notas do celular. A palestrante responde sua pergunta dizendo que sonhar significa utopia, devaneios, fantasias e que sonhar nada mais é do que ter felicidade, ter alegria. Ela afirma que

nos questionou sobre a relação entre sonho e empreendedorismo, mas que não trouxe o significado de empreender:

Empreender nada mais é, gente, do que realizar, agir. Ter um sonho e ficar na utopia, você não vai sair do lugar. Agora, na hora que você se determina e arregança as mangas, aí sim você pode dizer que é um empreendedor (ELANY LEÃO, 2018).

Nesse momento, ela apresenta uma citação de Ronald Degen e diz que, em 2009, ele definiu muito bem o termo:

Empreendedorismo nada mais é do que intermediar e por isso que eu disse pra vocês que vocês podem pegar a palavra sonho e trazer para felicidade. Pegar os melhores sonhos de vocês e, daqui a muito pouco, esse sonho será felicidade. Ah, Elany, aí sim eu quero ser um empreendedor. Por quê? Porque eu quero intermediar a felicidade das pessoas. Quem aqui tem um sonho? (ELANY LEÃO, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Todos, praticamente todos nós que estávamos sentados ali, levantamos a mão quando ela perguntou ao público quem ali tinha um sonho. Ela nos pede que, a partir daquele momento, disséssemos para nós mesmos que éramos o intermediador da felicidade, já que, segundo ela, quando intermediamos a alegria e a felicidade, nós vamos empreender. E ela complementa o ensinamento:

O “como” vem. Não se preocupem que o “como” vem. E eu vou contar pra vocês como isso acontece. Empreender nada mais é do que aprender a ensinar a sonhar. Essa é a minha missão. Óbvio que, com toda humildade, eu ainda tenho muito o que aprender, mas eu quero hoje ensinar pra vocês aprenderem a sonhar. Às vezes, nós não estamos sonhando certo e é por isso que a gente não concretiza o nosso sonho.

Eu respirei fundo. Na hora em que ela disse que empreendedorismo “nada mais é” do que sonhar e intermediar, eu me surpreendi porque sabia o quanto essa frase era rasa e, pior ainda, perigosa quando dita para aquele grande número de pessoas que buscavam mudar de vida. Ela simplesmente reduziu o conceito nesses termos e, em poucos segundos, o que me angustiava no mestrado – esse discurso desenfreado e raso! sobre o tema – volta a me angustiar. Ali, nos primeiros minutos, eu percebi que aquela empresária que tinha uma boa oratória, que estava bem vestida e parecia ser alguém bem sucedida na vida, dava indícios de que o empreendedorismo era um termo agora ligado ao sonho e à felicidade.

Continuei atenta ao que ela falaria sobre o tema, porém o termo empreendedorismo foi definido/ensinado por ela naqueles primeiros minutos para aquelas 13 mil pessoas que lá estavam e ela não mais tocou no assunto. Sua fala continuou em torno dos temas sonho e

felicidade, afinal, segundo a palestrante, para ser feliz era apenas preciso sonhar certo e, para chegar a esse nosso sonho, era preciso diminuir o percurso, ou seja, acompanhar/seguir a história de pessoas que já conquistaram algo, conforme ela cita: Bill Gates, aquele que segundo Elany Leão, tinha como ambição poder realizar sonhos; e também Steve Jobs, sendo que deste, após mencionar o nome, ela diz apenas que adora a Apple e que a gente vive numa época que não se vive sem celular. Percebo que ambos os exemplos são americanos, da área da informática, muito ricos, bem conhecidos e citados no ramo dos negócios, porém, bem distantes da realidade da maioria dos que lá estavam e talvez da dela também.

Elany Leão segue sua apresentação e começa a contar o que aconteceu com sua vida, dizendo que é muito privilegiada em ter a maior *coach* (depois de Tony Robbins) na casa dela: sua irmã Emiliana. Ela conta que essa irmã percebeu que Elany não estava feliz e, um dia, sugeriu que as duas fizessem o curso do Tony Robbins nos Estados Unidos porque ele era alguém que transformava vidas. Após fazer esse curso, Elany afirma que ele era alguém que mexia com as pessoas e que aquele não era mais “um cursinho de *coaching*” (ELANY LEÃO, 2018).

Sobre esse curso, ela relata que era um salão com nove mil participantes e que foram 4 dias de muito aprendizado com Tony Robbins e que, segundo ele “se você faz o que sempre fez você obterá o que sempre obteve!”. Depois de citar essa frase, ela relata sobre a técnica do *firewalk*: quando Tony Robbins pede aos participantes que, de pés descalços, caminhem sobre brasas, já que “são as suas decisões e não suas condições que determinam seu destino” (ELANY LEÃO, 2018). Elany declara que acredita no poder de Deus para a realização dos sonhos, mas que essa frase a impactou bastante e que, ao ouvi-la, ela percebeu que sua missão no país é aprender a empreender, a sonhar. E então ela conta que segue a dica de Tony Robbins para sonhar coisas boas: “pra você colher os seus louros, você precisa de três coisas: 1) fale coisas boas, 2) conviva com pessoas que também falam coisas boas e 3) e assista e leia coisas boas” (ELANY LEÃO, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Ao idealizar o sonho com a irmã Emiliana, Elany lembra o quanto as pessoas diziam para elas pararem de sonhar grande, e que elas iriam “andar na contramão do Brasil. Enquanto tá todo mundo aí perdendo dinheiro, perdendo emprego, você tá doida? Pára de querer ajudar os outros, menina!” (ELANY LEÃO, TONY ROBBINS BRASIL, 2018). Esse sonho a que ela se referia era o de trazer Tony Robbins pela primeira vez ao Brasil. Ela conta que só não desistiu desse sonho (extraordinário!), pois tinha os maiores *coaches* em casa: seu pai e sua mãe, que, apesar dos obstáculos que enfrentaram ao se mudar de Fortaleza para Brasília numa

época, segundo ela, nada fácil no país - o *impeachment* de Fernando Collor de Mello em 1992 - eles não desistiram e ela sempre via “papai e mamãe felizes”.

Elany comenta que, aos 12 anos de idade, começou a se inspirar em grandes homens do nosso país, que são grandes líderes e referências mundiais. O primeiro líder brasileiro que ela cita é Sílvio Santos e que ele está no mural dela da vida extraordinária pelo motivo de ter recebido muitos “nãos” e de sair da profissão de camelô e conseguir virar o maior comunicador do país na rede SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Nesse momento, a palestrante pede palmas ao público e diz que ele é incrível e que se identifica com ele, pois ele tem uma grande família junto a ele e que, “quando a gente tem a humildade de aprender, ouvir, a gente pode tudo” (ELANY LEÃO, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Sentada ali, eu observo o palco e os telões que aproximavam a imagem para aquele grande público que estava mais distante do palco. Elany está de costas para o público e de frente para o telão chorando. O rosto dela não é filmado, apenas ouvimos seu choro no microfone e sua voz está embargada ao dizer essa frase. O público bate palmas fortemente e o clima é de emoção. Ela segue afirmando que podemos tudo quando a gente escuta nossos pais e que era muito bonito de ver isso na família de Sílvio Santos, que era muito parecida com a dela, composta somente por mulheres e pelos pais e que Patrícia Abravanel, filha dele, nos presenteou sendo a mestre de cerimônias naquele palco. Além de Sílvio Santos, o outro grande homem inspirador e que, segundo ela, sonhou extraordinariamente, era o ex-presidente do Brasil Juscelino Kubitschek, cuja família também se fazia presente no evento. Ela afirma que Juscelino sonhou uma “loucura”: construir Brasília, capital do Brasil, e que, se ele podia realizar o sonho extraordinário dele, ela também podia, com oração, acreditando que pode e se inspirando em pessoas que já sonharam isso.

Nesse momento, eu tinha certeza de que essa primeira hora de palestra no início do evento eram os ensinamentos de preparação para o nosso batismo, isto é, para a nossa nova vida. Conforme dito anteriormente, o texto da *Didakhè* do início do século II apresentava os ensinamentos prévios ao batismo, mas, na metade do mesmo século, na literatura dos apologistas, em um texto da primeira apologia de Justino, o batismo começa a ser definido além de seu ritual, mas também na sua significação, isto é, só poderia ser batizado aquele que crê que são verdadeiras as coisas ensinadas e ditas. Vê-se aí que, além do que a *Didakhè* apresenta - que é preciso ensino prévio ao batismo - a partir desse texto, é preciso agora que se acredite que os ensinamentos são verdadeiros, ou seja, o postulante ao batismo precisa ser um sujeito do conhecimento:

ensinam-lhe verdades que são as verdades da doutrina, as regras da vida cristã e levam-no assim de ensino em ensino até uma crença, crença essa que deve se manifestar e se afirmar num certo ato de verdade que é a profissão de fé, que é um dos aspectos fundamentais do batismo (FOUCAULT, 2014, p. 107).

Se no cristianismo primitivo existia a regra para uma vida cristã, naquela primeira hora de evento eu via, na palestra de Elany, a regra e o comportamento a ser seguido em uma vida no neoliberalismo (DARDOT E LAVAL, 2016). Assim como no cristianismo primitivo, naquele evento de *coaching*, além de ouvir os ensinamentos era preciso também que acreditássemos em todos eles e, para isso, precisávamos de provas. Retomando a palestra, lembro que, naquele momento, Elany tinha mencionado sobre suas inspirações, como por exemplo, o ex-presidente que sonhou “uma loucura” e tinha conseguido realizar o sonho de construir a cidade de Brasília e que ela, com oração, também conseguiria. Nessa hora, ela olha para o telão e fica em silêncio, parecendo estar confusa sobre o que vem a seguir em sua palestra. Ela então muda de slide e diz “Ih lembrei, agora é a parte mais importante da minha palestra” (ELANY LEÃO, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Então, ela pede que o público esqueça quem está ao lado ou à frente e que, em um papel ou anotando no celular, escreva seu maior sonho. O volume da música aumenta e ela, no microfone, pede/ordena que a gente sonhe o extraordinário, que escreva qual era o nosso sonho e que ele precisava ser grande. A música aumenta novamente e ela ordena “escrevam! Meu sonho é isso, meu sonho é aquilo. Não olhem para o obstáculo. Escrevam, escrevam!”. O volume do som segue aumentando e todos nós estamos de cabeça baixa, escrevendo nosso sonho extraordinário. Eu escrevo, mas também observo as pessoas à minha volta. A maioria estava escrevendo: focados na escrita, uns sorriem e há ainda alguns que estão emocionados.

Ao levantar a cabeça novamente e olhar para o telão, vejo que começa um vídeo. Sem entender muito bem do que se tratava, percebi que era ela no telão. O vídeo era de Elany e sua irmã Emiliana no evento do Tony Robbins nos Estados Unidos e era exatamente o momento em que ela foi chamada por ele no meio da multidão. Como ela mesma disse, seu inglês era ruim e, mesmo com tradutor simultâneo no evento, ela, em inglês, diz para Tony: “Meu nome é Elany. Eu quero que você vá para o Brasil”. E Tony responde: ‘ir para Brasil? Sim!’

Nessa hora, o público que estava assistindo àquele vídeo, levanta e bate palmas bem forte. A música aumenta e o clima é de emoção, mas também de esperança, afinal, se ela conseguiu realizar aquele grande sonho, aquelas 13 mil pessoas, com diferentes condições e histórias de vida também conseguiriam. A imagem no telão e palco é ela de cabeça baixa.

Ouvimos o choro pelo microfone, porém não vemos o rosto. Novamente ela está de costas para todos. Ela conta que, mesmo sem saber falar inglês, foi escolhida dentre tantas pessoas para contar, no microfone de Tony Robbins, o seu sonho extraordinário e, gritando naquele palco para todos nós, ela reafirma que precisamos acreditar em nós mesmos:

É um recado para cada um de vocês: sonhem o extraordinário. Acreditem em vocês. O “como” Deus vai dizer e você vai agir pra ser o intermediário da felicidade. Brigado gente. Esse sonho só tá se tornando realidade porque você acreditou na Indústria do Conhecimento e comprou ingresso. Então vamo lá, vamo fazer acontecer. Ser feliz! Nosso país é do Tony Robbins e nós somos o grande vitorioso!

Elany Leão se despede e o público bate palmas. O refrão da música que está tocando é da banda americana Black Eyed Peas intitulada I Gotta Feeling e o volume começa a aumentar. A tradução da letra da música diz “eu tenho uma sensação que hoje a noite vai ser uma boa noite”. Cantando essa música, o público está em pé batendo palmas e pulando. O clima é de felicidade e de empoderamento. Patrícia Abravanel entra no palco pulando e cantando com o público e diz “receba de coração aberto porque hoje é dia de transformação”. Elany Leão pula e canta junto. Ela novamente pega o microfone e, ainda no palco, nos questiona:

Onde vocês vão encontrar pessoas gratas/gratidão? Pessoas que agem, pessoas empreendedoras? Sabe onde vocês vão encontrar criatividade, muita criatividade? E quando a gente não tem dinheiro mais ainda! Fé! Tenha fé também, sonhos, muitos sonhos, fé muita fé também. Loucura. Tem pessoa louca aqui? Tem pessoal de fé aqui? Tem pessoa corajosa? Pois sabe onde vocês vão encontrar isso aqui?

Nessa hora, o público está em pé, gritando e levantando a mão na tentativa de responder às perguntas dela. A música segue tocando bem alto. Todos estão pulando e alegres. Elany pára de pular e aponta para a resposta de sua pergunta que está no telão: era um vídeo com a bandeira do Brasil tremulando.

O vídeo de Tony Robbins realizando o sonho extraordinário de Elany Leão no telão parecia ser a prova que precisávamos para acreditar que todos aqueles ensinamentos falados por ela eram verdade. Além disso, ao ver a bandeira do Brasil tremulando no telão e Elany Leão empolgada no palco, penso que aquela palestra, além de nos fazer acreditar que éramos empreendedores e intermediadores de felicidade, era também para que acreditássemos que o Brasil, mesmo que as pessoas estejam perdendo emprego e sem dinheiro, era um ambiente propício para que pudéssemos investir nosso sonho extraordinário, afinal, se é possível

caminhar sobre brasas, dando o nosso melhor, parecia que podíamos conseguir qualquer coisa.

Digo isso, pois, passado quase um ano desse evento, eu estava na imersão do Desperte seu Poder em Porto Alegre, ouvindo José Roberto Marques, presidente do IBC, trazer os ensinamentos para o selo dessa nova vida, que ele vendia também como extraordinária. Na Fiergs em Porto Alegre, aquele grande “palácio” preparado para receber três mil participantes, o jogo de luzes, a música alta, as pessoas alegres e simpáticas que nos recepcionavam faziam parte de um cenário que prometia três dias de imersão para uma vida transformadora. Eu chegava diferente para esse evento, afinal havia passado um ano do outro evento, eu já tinha a experiência da imersão anterior, ainda que essa fosse realizada em mais dias, a leitura mais aprofundada do curso *Do Governo dos Vivos* (2014) e as expectativas das respostas para o trabalho.

O evento tinha iniciado às 10 horas da manhã do dia 21/06/2019 e a pessoa no palco era Marcus Marques, diretor do IBC e filho de José Roberto Marques, presidente do IBC. Com um jeito alegre, sorridente e gesticulando muito, ele começou o evento prometendo transformação da vida:

Eu tenho certeza que esses três dias vão ser verdadeiramente inesquecíveis e valorosos pra cada um de nós. Vamos juntos nessa? Quem tá a fim de fazer três dias incríveis levanta a mão e fala: eu. E pra estarmos aqui, nós temos uma causa. Que é a causa de despertar a nossa melhor versão, é a causa de lidar com nossos medos, é a causa de desenhar nosso futuro, é a causa de conquistar uma vida extraordinária (MARCUS MARQUES, DSP, 2019).

Logo após, Marcus anunciava que íamos receber no palco o presidente do Instituto Brasileiro de *Coaching* – IBC, José Roberto Marques, que, segundo ele, era um homem com um propósito verdadeiro e comprometido em entregar o seu melhor para que nós pudéssemos ter mais em nossas vidas: um Brasil melhor, famílias melhores e ainda sermos pessoas melhores com crenças maiores. Eu estava com os ensinamentos de Elany Leão em mente e, nos primeiros minutos do evento, o nome Brasil e o termo família vieram à tona mais rápido do que eu imaginava.

Para que conquistássemos tudo isso, ele precisava contar com o nosso comprometimento, participação e energia, que elencou como os três pilares daquele evento, uma vez que nosso resultado seria proporcional à nossa entrega e dedicação. Além disso, era preciso ativar o que ele intitulou de modo de batalha, no sentido de, segundo ele, ativar o guerreiro que há dentro de nós. Para isso nos ensinaria o que o IBC chama de “movimento do

guerreiro”, composto pelas palavras “guerreiro, energia e poder” e acompanhadas de gestos que mudariam nossa fisiologia quando os *coaches* achassem necessário. Ainda assim, ele afirma que, quanto mais energia déssemos à pessoa que estivesse no palco, maior seria o nosso ganho.

Nessa hora, ele começa a gritar no microfone “Vem Zé” e o público grita junto, repetindo por três vezes consecutivas essa frase e em um tom bem alto. José Roberto Marques entra no palco correndo, abraça o filho, os dois tocam no bumbum um do outro e o público dá risada. Após um longo bom dia, o *coach* pergunta quantos de nós estão curiosos e turbinados para viver uma experiência que ele chamou de “despirocada”, que irá nos conectar no nível mais profundo e nos levará para uma completa viagem. Assim como fez Marcus Marques no palco e Tony Robbins no outro evento, ele pede que, a cada pergunta, o público responda “eu” e levante a mão. Após a resposta tímida do público, ele responde “que pereba” e pede que gritemos mais alto. O público grita alto e ele responde “agora foi foda pra caralho!” (JRM, DSP, 2019) e, em seguida, se apresenta, assim como no evento de 2018, como um cientista do comportamento humano e como um grande estudioso.

A palestra inicia com os ensinamentos sobre como utilizamos o lado esquerdo chamado *selfie* 1 (parte racional) e o lado direito (da intuição e chamado *selfie* 2) do cérebro e o quanto esses dois lados precisam estar alinhados. Após dizer isso, duas pessoas fantasiadas²⁸ de *selfie* 1 (azul) e *selfie* 2 (vermelho) entram no evento e passam pelo meio do público. Eles são simpáticos e o público acha graça e acena para eles. Falando sobre os três dias de imersão, José Roberto Marques afirma que o evento do Desperte seu Poder tem, em seu primeiro dia, o título “Eu quero me conhecer no nível mais profundo”; explica que *performance* é ser mais rápido e que o princípio do *coaching* é o estado interno de ser curioso e que é preciso suspender o julgamento (1º princípio da evolução segundo ele), tanto no processo de *coaching* quanto nos três dias de evento.

Então, ele nos pergunta qual o significado de estarmos naquele evento e diz que somos geradores de resultados, de riquezas: riqueza divina, energética, quântica, espiritual e, vibrando, ele afirma que trabalho é orgasmo mental e que, na família dele, todos adoram trabalhar. Ele ainda anuncia que não gosta de usar sapato (ele está de meia no palco), que nasceu em São José do Rio Preto, São Paulo, em uma fazenda, estudou em colégio de freira e

²⁸ Esses bonecos são vendidos pelo IBC pelo valor de R\$ 159,90 conforme a página de venda da instituição “IBCSshop”, site que vende livros, cursos e materiais da editora IBC e ainda produtos da instituição como por exemplo, bonecos, canecas, camisetas, capa para celular entre outros. Disponível em: <https://www.ibcshop.com.br/acessorios/bonequinhos-self-1-e-self-2> Acesso em 19/01/2021.

padre (e nessa hora ele diz “adorooo!”) e que faz 1 milhão de reais por dia no IBC (nessa hora ele nos pergunta onde está a crise) e que seu sonho é fazer evento em estádios porque “foda-se o lucro eu quero estar no meio do povo²⁹” (JRM, DSP, 2019). Além disso, ele afirma que nós somos os nossos significados, que nossas crenças e valores têm origem no significado que damos para o mundo e que o primeiro dia do evento é para nos conhecermos no nível mais profundo. Após questionar o que significava prosperidade para aquele público de 2800 pessoas que o assistia, ele começa a contar a história de vida dele.

Ele conta que o IBC nasceu em Goiânia, como estratégia empresarial de estar no meio do país, e hoje tem 600 colaboradores diretos. Para José Roberto Marques, o *coaching* tem alma e precisa de um ser humano para operar. Foi então que ele pensou que esse fenômeno, “esse movimento filosófico para melhorar o mundo” (JRM, DSP, 2019), ia ser grande no nosso país. José Roberto Marques atendeu 2000 *coachees* e 1 milhão de alunos como *coach*, estuda hipnose ericksoniana há 30 anos, nunca bebeu e nem fumou maconha, tem 55 livros escritos e gosta da palavra profetizar porque foi coroinha. Fez teologia, é cristão, o nome de seu santo é Espírito Santo e afirma que normalmente seu lado coroinha fala mais alto.

O *coach* anuncia que nós que estávamos lá queríamos ser pessoas melhores e que, quando estamos no DSP, a gente quer, decide e age e, por isso, ganharíamos um curso *on line* de 12 semanas de *autocoaching* com o material feito para os participantes daquele evento e que normalmente o curso é oferecido com o nome *#sercoach* e custa R\$4.800,00. Além disso, ele nos conta que existem três verbos: ter, fazer e ser e que qualquer coisa que quisermos fazer a gente faz. Nesse momento, em seu *flipchart* no palco, desenha uma pirâmide em cuja base está a palavra trabalho, logo após, carreira, depois missão e, no topo da pirâmide, está a palavra “chamado/legado”. Explicando a pirâmide, ele afirma que a missão já tem paixão e chamado é quando queremos levar isso pro mundo. Se juntarmos a missão e o chamado, seremos felizes e prósperos: “só vou parar quando tiver no céu. Vou fazer *coaching* com Deus” (JRM, DSP, 2019). Ele nos conta também que, em sua participação no programa o Aprendiz, do empresário Roberto Justus, a prova final foi sobre propósito e os participantes precisavam impactar a cidade de São Paulo para que a ideia reverberasse pro Brasil inteiro. Segundo ele: “isso é maravilhoso, o empreendedorismo. A alma faz diferença no mundo”

²⁹ Para contextualizar tal frase, ele conta para o público que o IBC fazia cursos para turmas menores e que no ano de 2009 atendia de segunda a sexta 90 pessoas (às vezes sábado e domingo também), e que isso era muito pouco. Em 2010, parou de atender empresas e começou a atender pessoas preferindo fazer eventos maiores, segundo ele, para parar de ser egoísta, levar os ensinamentos para mais pessoas e estar no meio do povo.

(JRM, DSP, 2019). Para ele, existem três poderes do ser humano. O primeiro é honrar e respeitar a própria história do ser humano.

Sua fala segue narrando sua trajetória e ele conta que, depois de ter três crises financeiras, foi pesquisar como ficar bilionário e descobriu que todos os bilionários faliram três vezes e meia. Nisso, ele afirma que estudar 6 ou 8 horas por dia é coisa de gente fraca e que alma (religião) é energia (ciência) e que neocórtex, psiquê emocional e instinto fazem parte da alma inferior (ego) e psiquê da alma faz parte da alma superior. O *coach* ainda comenta sobre seus medos, que tinha medo de morrer e de falar em público, porque pensava que ia ser julgado. Foi emancipado com 16 anos para ser juiz de paz na cidade e para ele, aprendemos mais na crise do que estudando, porque é o real. É preciso, por exemplo, no *coaching*, “10 mil horas de prática para ser foda” (JRM, DSP, 2019), mas ele afirma, com muita convicção, que tem um atalho: o maior desafio para ele era que, no segundo dia de evento antes de dormirmos, nós, o público que estava lá, iríamos pensar que tínhamos nascido para ser *coach* e que os participantes céticos iam até domingo (final do evento) pedir perdão para ele porque o evento ia dar certo.

José Roberto Marques conta ainda que é professor em Ohio há 6 anos e que “profetizou” que ia para Harvard, que realiza imersão para tocar a alma das pessoas e seu sonho é 50 mil pessoas no estádio, já que o público de 500 pessoas na formação de *coaching* foi o maior do IBC, e 180 alunos é comum. Logo após, ele afirma “eu amo constelação familiar, reconstrução das famílias é a minha meta” (JRM, DSP, 2019).

Ainda sobre os três poderes do ser humano, como ele havia dito, o primeiro seria “honrar e respeitar a própria história”, enquanto o segundo é honrar e respeitar a história de seus pais, uma vez que somos nós os responsáveis pela história da nossa família: “meu lado coroinha diz: quebrar a porra das maldições” (JRM, DSP, 2019), e que o terceiro poder do ser humano é honrar e respeitar a história das pessoas com as quais nos conectamos³⁰. Nesse momento, ele brinca com o público e diz “vou fazer uma coisa bem de igreja tá? Quantos de vocês?” (JRM, DSP, 2019) e dá risada.

O *coach* ainda afirma que teremos três dias para alterar o metabolismo e a química do cérebro e que, mesmo sendo sensitivo, ele é acadêmico e ama o Freud. Sendo assim, ele conta que depois de sua EQM foi procurar academicamente e cientificamente o que aconteceu

³⁰ Nesse momento, ele cita o autor Emile Coué que desenvolveu a lei da autossugestão e fala sobre a programação mental positiva. Segundo o site do IBC “A autossugestão é uma técnica psicológica que se fundamenta na crença de que cada pessoa é capaz de influenciar a si mesma por meio das palavras” (IBC, 2021). Disponível em: <https://www.ibccoaching.com> Acesso em: 19 de janeiro de 2021.

com ele, fazendo o que ele chamou de um auto *feedback*: escreveu um livro e colocou as perguntas que o médico fez para ele depois da tal experiência quase morte. Ele conta ainda que o irmão do médico o convidou para fazer um curso e “sair do pânico” e acredita que, se não tivermos problema é porque morremos.

Assim como descrevi aqui nesse texto e na mesma ordem em que a palestra de José Roberto Marques aconteceu, aquelas primeiras horas de evento foram muito intensas e com muitas informações ao mesmo tempo. Aquela “chuva” de informações parecia o “recado” do que seria vivido e ensinado nos três dias de imersão: ativando o nosso “guerreiro” e levantando a mão a cada pergunta feita, estávamos conectados com ele, mas também com nós mesmos. Além disso, eu, naqueles primeiros minutos, tinha descoberto que o “*coaching*” tem alma e isso me lembrou que, nos textos dos padres apostólicos e dos apologistas, no cristianismo primitivo, o batismo é definido como um tempo de ensino, mas é na virada do século II para o século III, que Tertuliano traz algumas mudanças em relação à purificação e verdade. Para ele, na preparação do batismo e no ritual do batismo, a alma constitui-se como objeto do conhecimento e há ainda uma relação não tanto de ensino como em outros textos, mas agora de prova. Esse batismo invoca o Espírito Santo, que ao baixar na alma, a ilumina, trazendo um acesso à verdade, não simplesmente um conjunto de conhecimentos, mas sua própria vida, sem sombras, sem nódoas (FOUCAULT, 2014).

Assim, a preparação do batismo é, para o postulante, que Tertuliano define não mais como postulante mas como catecúmeno, uma grande estrutura de ensino em que, nesse longo caminho, o sujeito vai subindo níveis no conhecimento a ponto dele mesmo se tornar a verdade, dele mesmo chegar diante de Deus e já purificado, fazendo, paralelamente a esse jogo da verdade, um jogo da moral, do puro e do impuro (FOUCAULT, 2014). Se esses dois eventos iriam trazer a transformação/iluminação, era preciso levar em consideração a *Didakhè* e o que Tertuliano anunciou em seus textos sobre o batismo: de que, na relação de purificação e verdade, temos os ensinamentos, mas também a prova.

Digo isso, pois os ensinamentos que foram passados nos primeiros momentos do evento Tony Robbins Brasil, na palestra de Elany Leão e do evento Desperte seu Poder do IBC nas falas de Marcus e José Roberto Marques indicavam que: o termo empreendedorismo foi mencionado apenas no início da explanação de Elany e o conceito era associado à ideia de iniciativa, determinação e o fracasso previsto (José Roberto Marques conta que ele e os bilionários faliram três vezes e Elany afirma que Sílvio Santos, alguém que ela tinha como inspiração, recebeu muitos “nãos”). Além disso, o termo empreendedorismo agora era

associado a sonhar grande, ensinar a sonhar e ainda intermediar a felicidade das pessoas, conforme Elany afirmou. Para José Roberto Marques, o empreendedorismo era algo maravilhoso e, em sua fala, aparece associado às palavras propósito e alma.

Em relação ao trabalho, se antes ele vinculava-se à ideia de carreira, hoje ele carrega a ideia de legado/chamado e é algo a ser adorado: é preciso seguir pessoas inspiradoras para atalhar a chegada ao nosso sonho/sucesso, ainda que elas sejam perfis distantes do nosso. Além disso, fomos ensinados que quanto mais energia dermos maior será o nosso ganho.

O perfil ideal a ser seguido que antes contemplava o domínio de si, a comunicação, motivação, agilidade psíquica e iniciativa (BENDASSOLLI, 2000), agora parecia o de alguém que tinha comprometimento, participação e energia, tanto nos dias dos eventos como também na vida, livre de julgamentos, que honrava e respeitava a história dos pais, das pessoas que se relaciona e a própria história, alguém conectado com seu nível mais profundo e que venceu os seus medos (como por exemplo, José Roberto Marques que tinha medo de falar em público e estava no palco na frente de quase 3 mil pessoas).

Em relação à família desse indivíduo, que antes parecia ter que ficar para trás, afinal o indivíduo deveria ser móvel, flexível, desenraizado (PAGÈS, 1987), agora ela deveria estar próxima. Era importante ter essa família perto, ou melhor, era preciso mais do que tê-la por perto era preciso falar (de forma grata, emocionada) sobre a família apoiadora dos sonhos que se fazia sempre presente, algo que Caio Carneiro já havia mencionado naquele vídeo descrito no prólogo desse trabalho.

Quanto ao *coaching*, que tinha alma, o termo foi conceituado nas primeiras horas de evento como o estado interno de ser curioso e como um movimento filosófico para mudar o mundo. Esse fenômeno tinha como objetivo despertar a melhor versão, desenhar o futuro, lidar com os medos e proporcionar o início para uma vida extraordinária. José Roberto Marques, que se definiu como cristão, dizia estar comprometido em dar mais para nossas vidas: um país melhor, famílias e pessoas melhores. Tanto na palestra de Elany em 2018 quanto na de José Roberto Marques em 2019 nota-se um discurso carregado de valores judaico-cristãos, como por exemplo, a exaltação da família. José Roberto Marques anunciou que sua meta era a reconstrução das famílias, que os participantes céticos teriam que pedir perdão para ele até o final do evento e ainda que deixou de ser egoísta dando palestra para o maior número de pessoas já que queria estar no meio do povo. Elany celebrava o apoio de sua família e a presença das famílias de Sílvio Santos e de Juscelino Kubitschek e ainda exaltava o patriotismo em sua fala ao dizer que sua missão era aprender a empreender no país mesmo

que estivesse indo na contramão do Brasil. A bandeira tremulando ao final de sua palestra parecia ser um símbolo que reafirmava todo esse pensamento.

Esses primeiros momentos dos dois eventos, eram uma “chuva” de informação sobre o eu ideal. Tais ensinamentos nessas primeiras horas vinham acompanhados também de provas: o momento em que aparece o vídeo no telão de Elany Leão sendo chamada no meio da multidão por Tony Robbins para realizar seu sonho extraordinário e ainda a experiência de quase morte (EQM) de José Roberto Marques em que ele profetizou que o “*coaching*” seria algo grandioso no país. Aquilo parecia ser a prova de que precisávamos para acreditar em todos aqueles ensinamentos que eles nos passavam: afinal se eles tinham sonhado grande e conseguido realizar esse sonho, seguindo aquelas receitas dadas e pedindo para Deus também conseguiríamos.

Nesse momento, eu comecei a entender um pouco mais sobre essa relação do empresário de si e o *coaching*: os eventos não eram algo para ficar parado, e sim para experienciar, sentir, fazer parte, uma vez que, a todo momento, éramos chamados a responder levantando a mão e dizendo “eu” ou ainda convidados a mudar nossa fisiologia a cada vez que estivéssemos cansados/parados. O uso de palavras superlativas como, por exemplo, o título da palestra de Elany “Sonhe o Extraordinário”, ou o exemplo de bilionários que venceram e ainda o uso de palavras que antes não faziam parte dessas palestras, como por exemplo, a riqueza que agora é divina, energética, quântica, espiritual e ainda palavras como prosperidade, alma, perdão, profetizar, surgem e são repetidas a todo o momento.

Ainda assim, o choro (falso ou não) e a emoção se faziam presentes nesses palcos, e segundo eles, o Brasil era o lugar certo para empreender tudo o que aprenderíamos ali. Já era possível desconfiar em suas falas que atualmente a técnica e a internalização das práticas da empresa não eram mais suficientes: era preciso agora lapidar nossa espiritualidade dentro de uma chave cristã-neoliberal invocando a Deus para conseguir chegar ao nosso objetivo e obter prosperidade.

4.3 DIZ-ME QUEM TU ÉS: O BATISMO E O OLHAR PARA DENTRO DE SI

Pensando que se no cristianismo primitivo o texto da *Didakhé* citado aqui anteriormente apresenta reflexões sobre o tempo de ensino para o batismo, a ideia que eu carregava comigo até esse momento do trabalho era que os ensinamentos de Elany Leão e José Roberto Marques naquele palco do evento Tony Robbins Brasil e de Marcus Marques e

José Roberto Marques no Desperte seu Poder nos traziam uma preparação para nossa grande transformação: purificar nossa vida e vencer/ser feliz em um curto espaço de tempo.

Porém, tal qual ocorre no cristianismo, esse ensino que precede o batismo conforme afirma Foucault (2014), deve ser sancionado no sujeito por um ato específico, isto, é, é preciso que esse sujeito não só seja ensinado sobre aquele aprendizado, mas que também acredite no que é ensinado, denominado como o ato de fé. Tanto Elany Leão, como José Roberto Marques mostraram provas naquele palco de como era possível realizar os sonhos (extraordinários!) e ser escolhido pelo maior *coach* do mundo no meio da multidão conforme ela mostrou no vídeo, ou conversar com Deus numa experiência de quase morte (EQM) e ser (ou achar que é) o maior *coach* do Brasil, conforme José Roberto confessou.

Isso posto, lembro ainda de que, no início do cristianismo, a Apologia de Justino e os textos posteriores da época apresentam que o batismo se dá a partir de três significações: a primeira, é que o batismo é uma marca, um selo que sela não somente o batizado à comunidade eclesial mas também a Deus. Em segundo lugar, o batismo assegura um segundo nascimento, uma vez que o homem nasce por necessidade, isto é, nasce do sêmen da relação sexual dos pais. Assim, o indivíduo já nasce em uma vida pecadora, com más inclinações e maus costumes e o batismo lhe concede um segundo nascimento com uma escolha consciente e voluntária dos indivíduos já que têm conhecimento pleno da ordem do mundo em geral. Esse nascimento nos coloca no bom caminho e nos dá uma vida que não será impura e de más inclinações. E, em terceiro lugar, o batismo põe o batizado na luz, é a iluminação, a relação de conhecimento do sujeito com Deus e reconhecimento de si através da luz que nos ilumina sobre Deus. O batizado, conforme Justino, é um ser iluminado em seu pensamento, purificado ao longo dos ensinamentos da verdade e do ato de fé (FOUCAULT, 2014).

Com isso em mente, eu seguia minha caminhada na busca pela purificação e vida pretensamente transformada. Terminada a palestra de Elany Leão, no palco do evento Tony Robbins Brasil, ouvíamos a mestre de cerimônias Patrícia Abravanel anunciar que o marcante naquele dia era que tinham 13 mil pessoas querendo ser melhores. Ela ainda contou que, quando Elany Leão, na Indústria do Conhecimento, preparou esse evento para realizar seu sonho extraordinário de trazer o maior *coach* do planeta, ela pensou que era preciso também trazer o maior *coach* do Brasil: José Roberto Marques do Instituto Brasileiro de *Coaching*, que “num jeito divertido, contagiante, vibrante, com muita energia também vai fazer algo diferente dentro de você” (ABRAVANEL, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Então, com pouco tempo de intervalo após o término da fala de Elany Leão, a palestra de José Roberto Marques inicia. Sem título anunciado, todos nós estávamos esperando ansiosos por ele, em pé, batendo palmas, dançando uma música animada que tocava bem alto. José Roberto Marques entra no palco correndo e gritando no microfone um longo bom dia. O bom dia era rouco, pois realmente sua voz era muito alta. No microfone ele diz “Energia!!”, Usa a expressão “Ê Brazilão danado!” E, logo após, “Gratidão!”. Nesse momento, uma outra música inicia. A música de título Boombastic (em português Bombástico), do cantor estadunidense Shaggy, é dançada por ele com coreografia e as pessoas o imitam. Todos sorriem e estão atentos olhando pra ele. A dança termina e ele diz a palavra “despirocação” e pede que todos sentem.

Sua fala inicia. Noto que, apesar dele entrar gritando e correndo, sua voz e seu jeito de falar pareciam de um padre. Ele estava de terno preto e camisa branca, sem gravata. Sua roupa não parecia cara, ele não tinha um dente no canto da boca e não fazia questão de esconder isso. A ideia que tive era de que José Roberto era uma pessoa simples e amistosa. Ao começar sua fala, noto que ele parecia estar feliz, emocionado e a voz era de alguém que tinha corrido (literalmente) para chegar até ali, mas que também estava nervoso com a palestra. Nesse momento, alguém na plateia grita “Foda, bixo!” e ele responde “olha que eu acredito, hein?!”. Após ouvir essa frase, sua ansiedade parece que diminui e, em suas primeiras palavras, ele conta sobre a felicidade de estar naquele evento:

Como eu amo dizer Deus maravilhoso na sua infinita sabedoria conecta e reconecta as pessoas no tempo certo e tudo isso pra gente ensinar e aprender, tudo isso pra gente verdadeiramente construir pessoas melhores, famílias melhores e empresas muito, muito, muito poderosas. E eu verdadeiramente acredito que um movimento maior nos trouxe aqui hoje nesse mega *power* super evento do Tony Robbins Brasil (JRM, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Em seguida, José Roberto pergunta ao público quem ali estava animado para viver a transformação e quem ali ia embora pra casa diferente. A cada pergunta, ele pedia que a gente levantasse a mão e dissesse “eu”. Para ele, já estávamos conectados com esse evento há alguns dias e não tínhamos feito isso por Tony Robbins, mas sim, por nós mesmos, afinal, ele sabia que estávamos lá para sermos seres humanos melhores. Por conta disso, naquele palco, ele traria uma mensagem, um conhecimento: os sete traços da maturidade humana, ensinamento esse que precisávamos receber para estarmos prontos pra ouvir Tony Robbins.

Antes de começar sua fala sobre o que faltava para essa permissão, para esse movimento interno, para essa busca de sermos melhores, ele afirma que o melhor de nós é

“nossa luz, nossa bondade, nosso amor, nossa vontade louca de sermos pessoas melhores” (JRM, TONY ROBBINS NO BRASIL, 2018).

Assim como Elany Leão, antes de anunciar os sete traços da maturidade humana, tema de sua palestra, ele conta sobre a vida dele. José Roberto Marques se define como cientista do comportamento humano e é apaixonado pelo que faz. Conheceu o *coaching* em 1999 e o definiu para o público como uma metodologia capaz de acelerar metas e objetivos. No país de Tony Robbins, ele fez um curso que tocou sua alma e também para ter mais *performance* e resultado em sua empresa. Ele iniciou a atividade de exercer o processo de *coaching* com um vizinho e, segundo ele, teve que se esforçar bastante, mas sabia que podia ir além, afinal, na época, já estava muito bem.

Ao falar sobre isso, comenta que aconteceu algo em sua vida, um momento definidor que mudou sua história. Ele conta que, em 2004, Deus trouxe para a vida dele a maior experiência de todas: a de estar entre a vida e a morte. Na UTI de um hospital, teve o que chamou de EQM (experiência quase morte) e entendeu que a vida precisa ter sentido, já que nunca sabemos quanto tempo ainda temos. Ele afirma que foi em meio a uma parada cardíaca que entendeu existirem dois mundos: “um mundo é esse mundo que a gente vive, mas existe outro mundo que não é cognitivo, que não é consciente, que não é racional, é um mundo emocional, é um mundo energético. Se fizer sentido pra você a palavra espiritual” (JRM, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Essa descoberta tocou sua alma e muitas perguntas vieram a sua cabeça naquela hora, mas ele nos confia não lembrar se fez essas perguntas para ele mesmo ou para Deus: questiona quem estaria do outro lado esperando por ele e estende a reflexão para o público que está ali. Ele diz: “se nossa vida terminasse hoje, quem estaria sofrendo, chorando, esperando por nós?” (JRM, TONY ROBBINS BRASIL, 2018). Depois de pensar sobre isso, o *coach* afirma que, nesse ano de 2004, começa a lembrar de questões mal resolvidas, pessoas com as quais precisava se reconectar e pedir perdão ou perdoar. Foi então que, segundo ele, nesses poucos minutos entre os dois mundos, descobriu que

o ser humano tem um ego, o ser humano tem uma razão, uma racionalidade. O ser humano tem poder intelectual, mas eu também descobri que o ser humano tem alma. O ser humano é energia. O ser humano é bondade. E eu descobri em 2004 que tudo no mundo é dual, que tudo no mundo é maior do que a gente pode imaginar porque o mundo é um mundo objetivo, mas tem um mundo subjetivo, porque o mundo é das pessoas que estão além das coisas e eu posso dizer categoricamente que, naquele dia, a minha mente, a minha história, a história da minha família e a história do *coaching* nesse país ia mudar. (JRM, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Além disso, José Roberto Marques conta que descobriu que na dor mais profunda e no que é mais horrível em nossa vida, aí está nosso poder ou, como ele mesmo resumiu: no veneno está o antídoto. Para ele, nós somos a história que contamos da nossa história e ele nos pergunta qual é a história que estamos contando da nossa história. Logo após, conta ter criado, em 2007, o Instituto Brasileiro de *Coaching* (IBC), definido por ele como um movimento com alma, um movimento de vida, que construiu sozinho, mas, em seguida sua esposa, filho e mãe acreditaram nele (para nos dizer isso ele utiliza duas vezes a palavra acreditaram “nimim”).

Ele afirma para o público que o IBC começou com uma pessoa e hoje tem 500 colaboradores, quase 40 mil *coaches* formados, mais de 50 mil livros publicados e que, dia após dia, ele tem a motivação de “eivar o espírito humano através da ciência. Convidar o ser humano pra estar no próximo nível, entendendo, estudando, racionalizando, vivendo e se conectando numa parte de você” (JRM, TONY ROBBINS BRASIL, 2018) e que, por isso tudo, é que ele está naquele palco, porque acreditou em algo maior:

Eu verdadeiramente acreditei que a ciência, que a técnica, que o método é muito mais poderoso se tiver alma, se tiver vida, se tiver sentimento, se tiver verdade, e eu verdadeiramente acredito e hoje eu posso dizer: obrigado, Universo, Deus, de me dar a oportunidade de estar aqui levando uma mensagem que já não é mais um sonho, é um movimento nesse país e em 30 países diferentes. Fico pensando, imaginando que talvez, depois dessa história, eu esteja suficientemente pronto pra poder compartilhar com você sobre maturidade humana (JRM, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Depois dessa frase, percebo que não era apenas uma desconfiança minha quando citei, no último parágrafo da seção anterior deste estudo, que a técnica e a internalização das práticas da empresa não eram suficientes, que o indivíduo atual precisava agora lapidar sua espiritualidade e pedir a Deus para conquistar seu objetivo. José Roberto Marques, esse empresário de si que estava naquele palco, afirma que palestrava para aquele público ali porque acreditou na técnica e ciência, mas acredita que, além disso, é preciso colocar alma, vida, sentimento e verdade. Ele tinha uma história (ou uma EQM), a qual confessou para aquelas 13 mil pessoas e que concedia a ele a maturidade humana que nos seria ensinada.

Então ele inicia sua fala sobre os sete traços da maturidade humana. Para ele, considerando que nós somos aquilo que a sociedade quer que sejamos, o primeiro traço para a maturidade humana é a espontaneidade, o ser autêntico. Ele afirma que precisamos ser nós mesmos. Aliás, afirma e depois ordena que sejamos nós mesmos. Nessa hora, o público bate palmas e ele diz que jamais seremos uma pessoa madura sem antes honrar, respeitar e aceitar

quem somos e que, dessa forma, a espontaneidade, a inocência, a pureza, a verdade, a autenticidade são os primeiros passos para a maturidade humana.

O segundo traço é acreditar que temos merecimento, isto é, que merecemos ser feliz, ter saúde, sucesso. É preciso reconhecer o nosso merecimento, nosso valor, nosso poder e ele afirma “naonde você é maravilhoso, naonde você é incrível” (JRM, TONY ROBBINS BRASIL, 2018). Ele diz que cada indivíduo tem merecimento de ser amado, honrado, respeitado e de ser uma pessoa em evolução.

Já o terceiro passo da maturidade humana é, segundo ele, uma força universal: é o dar e o receber. É estar aberto para dar o melhor às pessoas, é o doar para receber. A primeira coisa que o ser humano precisa honrar e aceitar é receber a própria história, aceitar a história dos pais para então aceitar sua própria vida, pois um dos maiores poderes desse traço é o desapego. O maior inimigo é a nossa mente e a cobrança que temos de nós mesmos: para ele, é preciso esquecer o resultado, porque, se dermos o melhor de nós, obteremos o melhor resultado.

O quarto traço da maturidade humana é a dualidade: consiste em aceitar a dualidade do ser humano. José Roberto afirma: “você é luz, você é bondade e amor, mas uma parte de você precisa melhorar, precisa verdadeiramente melhorar, uma parte de você é sombra. Aceita a dualidade” (JRM, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Refere que o quinto traço é a autorresponsabilidade, sugerindo que somos nós que pilotamos nossa nave, nossa vida. O *coach* afirma sermos os únicos responsáveis pelo nosso sucesso e insucesso e não devemos achar culpados, uma vez que a culpa é sempre nossa:

Fico pensando, imaginando, quantas vezes a gente acha muitos culpados. A história do Brasil, a política, o mercado, o dólar, a família, o governo, o presidente da empresa. São muitas desculpas, mas a realidade que a evolução do ser humano, tenha certeza absoluta que tudo que nós fazemos ou não fazemos, é culpa minha (*bate no peito*), é culpa nossa, é responsabilidade nossa, são nossas escolhas, é culpa minha (*bate no peito*). (JRM, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Ele ainda complementa dizendo que, quando tivermos certeza absoluta desse ensinamento, estaremos maduros. Para ele, quanto mais eu me torno uma pessoa melhor pra mim, torno-me também para os meus *stakeholders* e para pessoas próximas a mim. Fazendo isso, Deus, nossa família e nós mesmos iremos agradecer por isso.

O sexto e penúltimo traço da maturidade humana é a nossa flexibilidade, nossa consciência, ou melhor, o quanto flexível e adaptativo conseguimos ser, nosso nível de

resiliência. Nessa hora, ele fala ao público sobre o poder **das memórias** uma vez que nós somos nossas memórias. Ele pede que aceitemos nossa história, a história dos pais, reconhecamos os nossos valores e que temos merecimento. Afirmo que aquele dia era o dia em que seríamos claros e estaríamos conectados com a gente mesmo e ainda, se Tony Robbins convidasse a expressar nossa energia, era preciso sermos permissivos para darmos o nosso melhor.

Finalizando, ele revela o sétimo traço da maturidade humana: o recomeço pelo amor, a capacidade de recomeçar todos os dias. Nesse momento o autointitulado maior *coach* do Brasil nos convida a pensar que aquele dia era um dia de recomeço, de sermos a melhor pessoa que poderíamos ser, que era preciso pensar em pessoas com as quais devemos nos reconectar. E então ele nos afirma, ao som da música do filme Titanic, que a pessoa com a qual devemos recomeçar é com a gente mesmo, e pergunta qual parte nossa precisava ser deletada, transformada, recomeçada pelo amor. Para ele o amor é a única força que gera esse poder: o poder de perdoar a si mesmo. Ele diz:

Nada é mais forte de que perdoar a si mesmo. Nada é mais forte de que olhar pra dentro de você: com muito sucesso, mais ou menos sucesso e dizer: eu aceito. Eu aceito quem eu sou porque hoje eu decido ser melhor. O autoperdão é uma das formas mais poderosas do mundo de recomeçar a nossa história. (JRM, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

José Roberto Marques afirma que a maior dificuldade do ser humano é a capacidade de perdoar a si, mas também ao outro, e ele define o que é o perdão:

É uma decisão (*bate no peito*), é uma decisão interna, uma decisão interna de se desconectar de uma memória de dor, perdão é uma decisão (*bate no peito*) interna de se conectar, desconectar de uma memória de dor. Você não tem o poder, o poder de tirar causa e efeito da vida da pessoa, não viaja na maionese. Você não é Deus, você é só filho. O ser humano não perdoa, porque a gente realmente acredita que o perdão lava a alma do ofensor e o que ele fez de errado fica certo. Daonde você tirou essa insanidade? Perdão nada mais é do que se desconectar dessa memória de dor, dessa pessoa que te faz mal, da memória e não da pessoa. (JRM, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

No último traço da maturidade humana, é preciso recomeçar pelo amor, é preciso, para ele, ter a habilidade e a capacidade de devolver o perdão. Fazendo isso, um dia, que segundo ele poderia ser naquele mesmo dia mais tarde, entenderíamos que podemos perdoar para parar de sofrer e que o universo e Deus vão reverberar a causa e efeito disso em nossas vidas. Quando José Roberto Marques começa a se despedir de sua palestra, deixa, como eu

disse, essa mensagem de que a vida é um grande recomeço e deve-se todos os dias recomeçar pelo amor. Ele volta a repetir o número sete inúmeras vezes e fala sobre os sete traços da maturidade humana, mas também sobre os

“sete movimentos da evolução do ser humano, da mente e do ego, sete níveis, sete propostas, sete, sete vezes eu convido você a refletir, a internalizar e levar isso pra sua vida, porque hoje, hoje é um dia muito especial, hoje é um dia de transformação. Hoje é um dia em que o movimento mais poderoso, mais energizado da face da Terra vai estar aqui” (JRM, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Dito isso, ele ordena que escolhamos estar prontos e que, com essa consciência e com o conhecimento adquirido ali, estaremos prontos o suficiente para fazermos daquele dia o que ele chamou de ‘dia mais extraordinário da nossa vida, nossa transformação’, uma vez que vamos reorganizar nossos pensamentos e vida e, segundo ele, sentir nosso corpo, nossa energia. Para o *coach*, toda mudança é física e energética e acontece dentro de nós. E então ele pergunta ao público quantos de nós reconhecíamos que estávamos prontos para a maior jornada de transformação da vida e iria se permitir senti-la no nível máximo. Ele frequentemente fazia perguntas para o público e era preciso que respondêssemos levantando a mão e dizendo “Eu!!!”. E então ele segue:

Quantos de vocês que verdadeiramente escolheram estar aqui. Quantos de vocês estão livres? Estão livres pra viver o dia de hoje de uma forma maior, estão livres pra sentir num nível maior. Se você tiver livre eu vou convidar você a declarar e a exteriorizar pro mundo e pra você mesmo uma expressão muito forte. Eu vou convidar a você a dizer eu sou livre.

Foi aí que, junto com ele, começamos a repetir a frase “Eu sou livre” cada vez mais alto e com mais força. Gritamos fortemente por quatro vezes essa frase e, no final, batemos palma. José Roberto Marques no microfone afirma que, com essa energia, emoção, alteração fisiológica ele nos convidava a acreditar que sim, nós estávamos prontos e éramos livres para viver algo incrível e que esse era um momento muito importante para o país, para nós e para ele. Ele segue, informando que, por isso, ofereceria um presente para cada um que estava lá, um curso gratuito: Desperte seu Poder, do IBC. Ele nos diz que estarmos naquele evento e termos a oportunidade de levar essa mensagem do *coaching* com alma do IBC era algo divino, abençoado, que iria conectar mais pessoas. Após essa fala, afirma que a memória é algo muito poderoso e nos convida a tirar uma *selfie* para lembrarmos desse momento. Ele pede que fiquemos em pé

pra gente fazer uma imagem pro mundo, uma imagem dentro de nós, uma imagem poderosa, uma imagem de liberdade. Então eu vou falar pra vocês, vou fazer uma contagem de três a um e vou convidar a você pra dar uma ‘espirocada’ aí e colocar a mão pra cima, vocês me ajudam? Ó então vamo lá. Momento definidor hoje: vamo falar eu sou livre? Três, dois, um: Eu sou livre!

Ao longo de sua fala, alegre e motivadora, José Roberto Marques fazia com que a palestra também o fosse e, o que eu percebia, é que ele parecia conseguir influenciar qualquer perfil de pessoa da plateia: seu tom de voz baixo e professoral, sua menção a Deus, o uso de palavras como gratidão, energia e alma, lembrava um padre em um culto. Para ele, Deus existia e não era ele. Ele afirma que, assim como nós, ele era apenas filho de Deus e isso me fez refletir que talvez ele fosse o profeta ou oráculo do Sétimo Severo e não o Deus como eu havia pensado anteriormente.

Aquela palestra não era somente para cristãos, pois, assim como ele falava em Deus, também falava em mundo energético/espiritual para os que não tinham religião, porém o número de traços para maturidade humana eram sete e de tanto ele repetir o número sete, em algum momento do evento, lembrei que Deus fez o mundo em sete dias e que talvez esse número, naquela palestra, não fosse por acaso³¹. José Roberto afirma que, para ele, o indivíduo é luz. Para mim aquela palestra e todo aquele evento parecia ser um ensinamento para a vida e não só para o mercado de trabalho.

Além de seu tom calmo e de alguém que acreditava e defendia Deus e o perdão, ele também acreditava na ciência, gritava, corria, dançava e falava palavrões, lembrando esse gestor jovem de sucesso que “pensa fora da caixa” como disse Caio Carneiro (aquele da tal síndrome que mencionei no prólogo deste trabalho). Sua vestimenta, seu perfil físico, o nervosismo na voz e as palavras erradas que ele falava passavam a imagem de alguém simples, um homem comum, aproximando-se dos que estavam lá (e isso passava uma esperança de que qualquer um de nós, um dia, poderia estar naquele palco), porém ele se tornava “gigante”, pois sabíamos que ele tinha sido “escolhido” para estar ao lado do maior *coach* do mundo. A definição de *coaching* trazida por ele era a de uma metodologia que acelera objetivos e metas e, assim como Caio Carneiro, ele também teve uma experiência de quase morte que mudou sua vida e o fez “despertar” para um novo estilo de viver.

³¹ Ao pesquisar se havia algum significado sobre o número sete encontro no blog de José Roberto Marques o artigo intitulado “O poder da Espiritualidade do Número Sete” postado no ano de 2014. O artigo explica o poder do número e relacionando-o ao “número de criação e de relação viva entre o divino e humano. Na numerologia simbólica temos: três (o céu, a criação) + quatro (a terra, matéria) = sete, a totalidade do Universo criado” (IBC, 2014). Disponível em: <https://www.jrmcoaching.com.br/blog/o-poder-da-espiritualidade-numero-sete/> Acesso em: 19/01/2021.

Sobre a receita tão esperada por todos que ali estavam, José Roberto Marques anuncia que a resposta estava em nós mesmos e que, para obter maturidade humana, era preciso aprender os seguintes traços: espontaneidade, merecimento, dar e receber, aceitar a dualidade do ser humano, autorresponsabilidade, flexibilidade, recomeço pelo amor. Quando ele questiona: “que história estamos contando da nossa história?”, eu penso que hoje, o empreendedor não é aquele que abre uma empresa ou que internaliza as características disseminadas do empreendedorismo como eu estudei na dissertação de mestrado em 2014, mas aquele que empreende a sua história. Ainda assim percebi que todos nós que estávamos ali assistindo éramos os catecúmenos prestes a receber o batismo, afinal, tínhamos todas as verdades da doutrina, todos os ensinamentos e as provas necessárias para acreditar em tudo aquilo que se desenrolava à nossa frente.

Praticamente um ano depois, em Porto Alegre, José Roberto Marques inicia a tarde do primeiro dia do evento, afirmando que participar do evento *Desperte seu Poder* significa ousar, ir além, e que a imersão consiste em: no primeiro dia “quero me conhecer”, no segundo dia “quero me transformar” e o terceiro dia é o dia da ação, do planejamento. Ele diz que *coach* é a arte de fazer perguntas e os livros mais lidos do mundo são o Alcorão e a Bíblia, pois são livros de história e são também a única forma de conectar com a alma humana. Ele afirma: “as histórias têm muito mais poder que as técnicas” (JRM, DSP, 2019) e devemos ser pós-doutores de Harvard na nossa história.

Então ele nos questiona qual a história estamos contando de nós mesmos, conta que no veneno está o antídoto e anuncia que veremos uma parte do filme intitulado “A cabana”, filme que, segundo ele, “rasga a alma no meio” (JRM, DSP, 2019) e parece ser a história da vida dele. O trecho do filme apresentado é sobre julgamento e o *coach* nos questiona: o que precisamos deixar para trás na nossa vida? Ele mesmo responde que precisamos deixar para trás o julgamento, porque mudar o caminho ou de cidade, mas não mudar a forma de caminhar ou a morada (dentro de nós) não adianta. Precisamos ter uma crença poderosa que é acreditar em si mesmo, ter fé em si mesmo e ensina: “ter a crença da certeza absoluta que nós somos os únicos responsáveis pela nossa vida, conquistas, obstáculos e todos os resultados obtidos” (JRM, DSP, 2019).

Além disso, José Roberto Marques ensina que “toda oportunidade do mundo está escondida dentro do seu chamado e que, até se tornar chamado, ela está escondida dentro do trabalho, da carreira” (JRM, DSP, 2019). Para ele, chamado é vocação. Talento e missão de vida são dons colocados na prática, uma vez que a missão conseguimos controlar, mas é

diferente de chamado, porque o chamado nos controla, a pessoa quer parar e não consegue. Para aprofundar o tema sobre o chamado, ele apresenta um questionário elaborado por ele e adaptado de Scott Dinsmore com as seguintes questões: 1) Qual seu talento único?; 2) Quem você realmente é, qual a sua essência, e ele questiona: se tirassem um raio-x da alma o que sairia?; 3) O que te move/movimenta? E, nesse momento, ele responde: “Deus me move. Minha causa é a ciência, ela conecta as religiões!”; 4) O que te faz sentir vivo, vibrar?; 5) O que você faz, que quando você faz se sente invencível e poderoso? José Roberto afirma que, para ele, nessa pergunta é quando o teto subirá dois metros no segundo dia de evento; 6) Quando seus pais perguntavam na infância o que você gostaria de ser, o que você respondia? Quais as brincadeiras que você gostava? E o que você aprende ao se conectar com suas memórias? O que ela representa hoje em sua vida? E José Roberto Marques (2019) responde: “sou acupunturista para curar o medo de sangue e agulha”; 7) Imagine que você é o elemento maior de transformação do universo, você é um ser maior, equilibrado, sistêmico, congruente, realizador e é chamado para liderar um grande movimento de transformação do universo, uma metáfora de revolução dos processos da vida. Qual tipo de revolução você irá liderar?; 8) Quais os cinco arrependimentos? E se Deus maravilhoso permitisse que você voltasse ao passado, o que você faria de diferente que não se arrependeria?

Após respondermos a essas perguntas no caderno de anotações dado no evento, o *coach* grita “Guerreiro!” e fazemos o movimento do guerreiro e, logo após, ele grita “Jesus toma conta!” (JRM, DSP, 2019). Em seguida, ele afirma que doará alimentos com o dinheiro arrecadado no evento e que tem um projeto de construir uma cidade de *coaching*, um quarteirão de casas e cada casa seria uma especialidade de *coaching*. Ele afirma que o IBC tem 55 mil alunos formados no seu curso mais vendido e começa a falar sobre seu pai, afirma que devemos honrar, respeitar e perdoar nossos pais, pois “sou filho, logo existo” (JRM, DSP, 2019). Ele pede então que pratiquemos esse ensinamento de APAR (ações para acelerar resultados) e que faremos então uma carta de intenção, o que ele denominou de projeção/profecia.

O *coach* inicia pedindo que respondamos: 1) Qual a área da vida que eu quero melhorar e, nesse momento, conta que mudou, que está usando cremes novos e, por isso, estava mais bonito. Falou também que um de seus dedos da mão é torto, pois um dia levou um tiro e a ponta do dedo caiu no chão. Complementou que gosta da família e de ficar em casa, mas não consegue mudar isso, passa muito tempo fora. A segunda pergunta refere-se às três maiores melhorias que eu desejo na minha vida. Então, ele conta que gastou R\$ 21.000,00

(vinte e um mil reais) em um jantar para ele e o filho junto de um empresário bilionário que pedia consultoria a ele: “ele sofre da mesma coisa que eu, e ele é fodão!” (JRM, DSP, 2019). A próxima pergunta era “O que realmente precisava mudar ou parar de fazer e a quarta e última pergunta “o que significa eu estar aqui?”; e responde “Aqui é da lona até o céu, do zero ao topo”.

Ele segue questionando onde estávamos e onde queríamos chegar, pois, para ele, o momento da virada não pode esperar. Logo após, define o *coach* como o poder que temos de ressignificar, de contar nossa história e brinca com as expressões “*coach* comigo”, referindo-se a “conte comigo” e a expressão “*churrascoach*” já que estava na terra do churrasco. Ele sorri, diz gratidão e afirma que o blog do IBC tem 2 milhões de acessos e que ele tem um projeto de *coach* para adolescentes e *coach* para crianças. Além disso, ele faz propaganda do livro do IBC intitulado “Superinteligência, neuroplasticidade e aprendizagem acelerativa”.

Fazemos um intervalo das 19h25min às 20h25min para jantar. Ao voltarmos para o local, às 20h30min, Marcus e a dj do IBC pedem, juntamente com um pessoal que está com a camiseta do IBC e no palco, que fiquemos em pé, pois iremos aprender o hino e a coreografia³² do IBC, intitulado “Tunak Tunak Tun³³”, música de Daler Mehndi, indiano. Todos estamos em pé, contentes, sorrindo e dançando a coreografia, que consistia em uma música indiana dançante com pulos e movimentos dos braços.

Marcus afirma que, nesse evento, iremos crescer anos em dias e cita as três ordens do amor de Bert Hellinger: 1ª) Lei da ordem, 2ª) Lei do equilíbrio e 3ª) Lei do pertencimento. Explica que o evento Desperte Seu Poder tinha 155 pessoas envolvidas: 55 eram do IBC e 100 eram as chamadas de anjos, aquelas pessoas que tiveram uma experiência no IBC e voluntariamente voltaram para, segundo ele, “servir”. Logo após, ele afirma: “os excluídos precisam ser resgatados” (MARCUS MARQUES, DSP, 2019) e complementa que a maior ferramenta do *coach* no mundo é a bondade e amor para servir a pessoa que está à sua frente.

Dito isso, ele chama José Roberto Marques para o palco novamente e este último afirma que 20% das pessoas que estavam no público eram *coaches* do IBC. Ele fala sobre o filme Viva! A vida é uma festa³⁴, manifestando ser este o filme de constelação familiar mais poderoso do mundo. Ele ensina que qualquer forma de comparação é não aceitação e que as

³² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=exFEdaqINoE>. Acesso: 2/12/2020

³³ Não há referência no site do IBC ou blog, mas está na lista do aplicativo de música spotify na playlist intitulada “IBC Coaching – Coaches IBC”. O clipe do cantor se encontra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=vTIIMJ9tUc8&list=PLk9RAXWuSNLggzMf5KOs1Li0qiXQrrxnB&index=7&t=0s>. Acesso em 2/12/2020

³⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iLmZZV-Nkuk> Acesso: 2/12/2020

comparações geram diversas emoções destrutivas (raiva, ciúme, ódio, frustração, etc). Também declara que, quando aceitamos, todo complexo vai embora: “seja o que for, aceite que simplesmente aconteceu e que está tudo bem! Qualquer crise vai passar e, quando passar, será um grande remédio” (JRM, DSP, 2019). Logo após, ele assegura que, com 12 passos, nós chegamos até nossos pais e propõe uma meditação guiada por ele para terminar o primeiro dia de evento, intitulada “12 Passos para encontrar nossos pais”.

A meditação dura em torno de 1 hora e sugere nos imaginarmos caminhando em um local bonito, e vamos ficando cada vez mais jovens até virarmos bebês e na barriga da mãe (nesse momento há inclusive o som da batida do coração de um bebê dentro da barriga). Depois, é o momento de imaginarmos nossos pais cada vez mais jovens até voltarem também a ser bebê. A ideia ali ficava clara: perdoar a nossa história através do perdão aos nossos pais. Estávamos todos de olhos fechados, sentados (nas cadeiras ou chão) e com a luz baixa e apenas a voz de José Roberto guiando a meditação. O clima é de emoção. Algumas pessoas na minha volta estão chorando e bastante emocionadas. Ao final da meditação, podemos abrir os olhos e abraçarmos um colega como se estivéssemos abraçando e perdoadando nossos pais. Para encerrar, eles mostram um vídeo dos melhores momentos do primeiro dia e o evento termina quase meia-noite.

Terminado o primeiro dia da imersão no *Desperte seu Poder*, exausta, abro o livro dado no evento. José Roberto Marques escreve que essa obra é o desejo dele de transformação dos indivíduos em pessoas melhores para um mundo melhor e que é comprometido em dar o melhor de si em todas as circunstâncias. Esse livro, segundo ele, é um convite a “transformar a potência em poder e desbravar esse universo interior” (DSP, 2017, p. 5).

Percebo que o primeiro dia de evento parecia ser o roteiro previsto naquele livro, em que o capítulo inicial, assim como o primeiro dia de evento, tinha como título, “Eu quero me conhecer”. Tal seção, versava sobre os temas e as técnicas abordadas no evento, como por exemplo, a chave mágica da vida, carta de intenções, tarefas para repensar a autoimagem e conceitos sobre o *selfie 1* e *selfie 2*, definição sobre o estado que se quer chegar, uma vez que “estar bem consigo é o combustível para acelerar a autoestima e a autorrealização dos sonhos profundos de uma alma” (DSP, 2017, p. 39). Assim como no evento, havia perguntas para se pensar antes da morte ou ainda nos últimos cinco minutos de vida e um exercício para pensar os filmes que traduzem nossa vida, intitulado “Cine *coaching* de si mesmo”.

O livro tinha o estilo de um diário, onde iríamos preenchendo e respondendo às questões nos espaços dados. Além disso, ainda nesse primeiro capítulo, exercícios e textos

sobre emoções e a possibilidade de controlar o que se quer sentir, “dicas para gerenciar emoções básicas no dia a dia” (DSP, 2017, 74), abordagem sobre a dualidade do ser humano como, por exemplo, os conceitos que temos de bem e mal, certo e errado e luz e sombra. O capítulo ainda aborda questões como a importância do carisma, trazendo técnicas para aumentar o amor próprio e a paz interior.

Em seguida, acesso também o curso que ganhamos de *autocoaching*: um arquivo em PDF no mesmo estilo do livro dado, que trazia ferramentas do DSP e contemplava os exercícios: “carta ao futuro”, isto é, uma carta escrita para nós mesmos; “autoimagem”, uma reflexão sobre a nossa imagem; “carta de gratidão”, que consiste em escrever uma carta de agradecimento para alguém; “roda da vida”, avaliando aspectos pessoais, profissionais, relacionamentos e de qualidade de vida e, por último, “reconhecendo nossas sombras”, encontrar o poder escondido na nossa verdade (DSP, 2019).

Havia também um arquivo em PDF que contemplava uma agenda de 12 semanas com ações para acelerar os resultados, sugerindo que essa ferramenta era essencial para despertar nosso poder: “Lembre-se o poder está em suas mãos. Só se faz o caminho caminhando. Isso significa prática e ação para ir além. Hoje começa uma nova vida” (DSP, 2019). O material seguia a mesma ordem dos eventos e livro doado: Eu quero me conhecer, eu quero me transformar e eu vou agir agora. A introdução do material sugere que as respostas estão dentro de nós e que, quando nos transformamos, despertamos uma fonte inesgotável de poder.

Tais atividades prometiam auxiliar no autoconhecimento e a respeitar a nossa história para que, então, conseguíssemos ressignificá-la. A instrução era para que fosse realizada uma tarefa por dia, começando na segunda-feira e cumprindo a tarefa até domingo. Ao concluir a tarefa diária, era preciso um autofeedback de uma nota de zero a dez para calcularmos a média da nossa evolução.

Fiquei refletindo que, naquelas poucas horas, tanto do evento de Tony Robbins Brasil como no Desperte seu Poder, nós, os catecúmenos, os aspirantes a empresários de si, já tínhamos sido ensinados de como nos comportarmos para sermos vencedores e prósperos, já havíamos tido provas de que isso é possível e funciona, bem como de que, se não chegamos ao objetivo é porque não estamos, segundo Elany Leão, sonhando certo ou, segundo José Roberto, não temos maturidade humana. Pensei ainda que nós, indivíduos ali batizados, já estávamos conectados com esse selo/marca à comunidade de *coaching* ou à comunidade de pessoas que queriam ser melhores. Estávamos conectados a Deus, pois, naquele momento em

que José Roberto Marques nos incentivou, no evento Tony Robbins Brasil, a gritar bem alto numa espécie de catarse a frase “Eu sou livre”, tínhamos nos livrado das nódoas e agora, com maturidade humana, nascíamos novamente para um bom caminho, tudo isso de forma voluntária, uma vez que escolhemos estar lá e, como ele bem mesmo disse, éramos merecedores.

Era preciso transformar nossa energia libidinal não em força de trabalho, mas em cura, para então curar os outros (e ganhar dinheiro). A utilidade do indivíduo está agora ligada ao seu chamado/legado, e ele precisa agora ter laços (valorizar a família), raízes sociais e culturais para ajudar os outros, não valorizando tanto a técnica (DARDOT E LAVAL, 2014), mas sim a história e as memórias.

Nesse momento do evento, naquela catarse através do grito “libertador” - “Eu sou livre” - ao final da palestra de José Roberto Marques, tornamo-nos seres iluminados/purificados e estávamos prontos para mudar de vida, livres dos pecados e das faltas. Nessa hora, eu começava a entender os e-mails enviados e vídeos³⁵ de José Roberto Marques, quando ele chama as pessoas de ser de luz: “É por isso que uma pessoa extraordinária, uma pessoa que trabalha sua sombra, uma pessoa que está num nível evolutivo muito grande, a gente diz que ele é um iluminado, que ele é feliz, que ele é radiante. É por isso, ele é um ser de luz” (IBC, 2020).

José Roberto Marques trazia em seu palácio da verdade, naquele jogo de luzes e com música alta, a promessa de uma vida transformadora, que começava a partir da prática do batismo através da lente de Foucault (2014). O primeiro ensinamento, segundo o autor, era que tal prática, conceituada como um segundo nascimento, podia ser entendida também como a morte voluntária da primeira vida, uma vez que renasce para uma nova vida: esse renascimento é agora com uma segunda filiação, não mais dos nossos pais, mas sim do próprio Deus. A ordem do IBC era para lidar com nossos medos, deixar nossos comportamentos para trás e desenharmos um novo futuro, matando o antigo eu. Esses imperativos eram potencializados pela voz de José Roberto Marques, esse *coach* que, segundo eles, tinha um propósito verdadeiro, que era comprometido em entregar o seu melhor, que falava palavrão e ao mesmo tempo sobre Deus, que se intitulava um grande estudioso e que “fazia” 1 milhão por dia. Esse *coach* do milhão tinha como propósito ativar nosso modo de batalha (o guerreiro) para, ao alcançarmos nossa melhor versão, chegarmos à verdade.

³⁵ Vídeo intitulado “Descubra porque eu chamo as pessoas de ser de luz” Sacadas do JRM. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pDWpETeNHpc&feature=emb_title Acesso: 10 de Novembro de 2020.

Esse morrer para poder viver ou esse novo nascimento, conforme Foucault (2014) se liga ao segundo ensinamento sobre o batismo referente à culpa, que se manifesta não pela ideia da alma ser impura, mas sim pela alma que cai sob a ação do demônio. Segundo o autor, para se ter acesso à verdade é preciso lutar incessantemente contra esse outro eu que está em nós e passar por algumas provas de verificação para saber se houve a expulsão do outro efetivamente. Essa luta deve “tornar-se um tipo de modelo permanente de vida” (FOUCAULT, 2014, p. 91). Porém, como afirma Foucault (2014), o problema da subjetividade e da verdade gira em torno da questão “Como tornar-se outro?” Para ele, não se pode ir à verdade, ou seja, a subjetividade não pode ir à verdade, a menos que exista essa mortificação expressa, inclusive nos textos de Tertuliano na prática dos catecúmenos, mencionado anteriormente nesse texto.

Nessa segunda palestra do evento Tony Robbins Brasil em 2018, assim como nessa tarde e noite do primeiro dia do evento do IBC em 2019, estávamos nós, os catecúmenos, aprendendo qual comportamento seguiríamos. A meditação no final do evento parecia ser a água do batismo em que seríamos mergulhados, já que estávamos, naquele momento, perdendo nossos pais e nossa história e nos preparando para sermos marcados/ungidos em uma nova vida, em uma espécie de melhor versão de nós mesmos. Porém, era sabido que, no cristianismo primitivo, conforme afirmou Foucault (2014), mesmo batizados iríamos lutar contra o demônio até a libertação final, precisaríamos de provas constantes de verdade, autenticar e vigiar a nós mesmos e oferecer ao pastor a verdade que está em nós para classificar quem estava iluminado/salvo ou não. No fenômeno do *coaching*, para conquistar tudo isso, não era preciso uma vida inteira (BINKLEY, 2008), apenas continuar por mais algumas horas ou por mais dois dias naqueles rituais propostos nos eventos. E eu continuei...

4.4 A SAGA EM BUSCA DA TRANSFORMAÇÃO: O MOMENTO DA PENITÊNCIA

No cristianismo primitivo, na prática do batismo, o indivíduo é recriado para uma nova vida. Considerada como o momento em que Deus realmente habita no indivíduo, a penitência é dada como uma segunda chance para quem foi batizado há algum tempo e teve uma recaída, conforme Foucault (2014, p. 157), em função da “fraqueza humana e das artimanhas do diabo”. Desse modo, para o autor, a recaída pode ser considerada uma característica fundamental do cristianismo, uma vez que está presente nas comunidades cristãs, fazendo com que essas comunidades não se enxerguem como uma sociedade de

perfeitos, ou que nunca poderiam recair. Sendo assim, no batismo, a alma se volta para a luz e verdade e, em um movimento de metanoia, na prática da penitência, a existência desse cristão continua sendo trabalhada.

Tal prática parecia ficar evidente no terceiro momento do evento de Tony Robbins Brasil e no segundo dia do evento *Desperte Seu Poder* (IBC). No dia transformador liderado por Tony Robbins em 2018, Elany Leão e José Roberto Marques como mencionei anteriormente, tinham sido as primeiras palestras do dia. Logo após, no microfone, anunciam que Richard Tan iria falar conosco antes de sairmos para o almoço. Richard Tan é CEO e fundador da empresa *Success Resources*, localizada em Cingapura. Segundo o site³⁶ da empresa, ela foi fundada em 1993, tornou-se uma empresa global de recursos educacionais, seminários e workshops e dizem ter orgulho de impactar positivamente na vida de mais de 10 milhões de pessoas em 35 países. A empresa dele também estava patrocinando a vinda de Tony Robbins junto com a Indústria do Conhecimento.

Richard Tan entra no palco e diz “Ouça sua mulher!”. O público ri, sem entender muito, mas, ao pesquisar rapidamente sobre ele e sua empresa, vejo que trabalha com sua esposa e que eles formam um casal de sucesso no mundo dos negócios. O palestrante inicia afirmando que a maior riqueza é a educação e que ela muda nossa vida de uma forma global. Após dizer essa frase, cita o exemplo de Nick Vujicic³⁷ como alguém que teve aspiração, estudou e venceu.

O palestrante conta que Nick, apesar de não ter pernas e braços é casado com “uma gostosa, é empresário, ganha mais dinheiro que todos nós, joga golfe e faz natação” (TAN, TONY ROBBINS BRASIL, 2018). E então, Richard Tan conta que, inspirado por Nick, fez uma lista de aspirações para sua vida: 1) participar de um protesto; 2) passear de balão; 3) almoçar/jantar com o chefe de Estado; 4) tirar uma foto com um astro de Hollywood; 5) nadar com um golfinho; 6) escalar o Kilimanjaro na Tanzânia; 7) entrar para o Guinness; 8) assistir o lançamento de um foguete; 9) ir a um evento da NBA e 10) nadar pelado.

³⁶ Disponível em: <https://successresources.com/about-success-resources/>. Acesso em 12/11/2020.

³⁷ Nicholas James Vujicic, 37 anos, é um evangelista, palestrante motivacional e diretor da *Life Without Limbs*. Nascido sem pernas e braços devido à rara síndrome Tetra-amelia, Vujicic viveu uma vida de dificuldades e privações ao longo de sua infância. No entanto, ele conseguiu superar essas dificuldades e, aos dezessete anos, iniciou sua própria organização sem fins lucrativos chamada *Life Without Limbs* (Vida sem Membros). Depois da escola, Vujicic frequentou a faculdade e se formou com bi diplomação. Desse ponto em diante, começou suas viagens como um palestrante motivacional e sua vida atraiu mais e mais a cobertura da mídia de massa. Atualmente, ele dá palestras regularmente sobre vários assuntos, tais como a deficiência, a esperança e o sentido da vida. Atualmente, Nick tem quatro filhos. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nick_Vujicic. Acesso em: 12/11/2020

Richard Tan elegeu o item número seis de sua lista para superar: escalar o Kilimanjaro na Tanzânia e, por isso, tinha que ir para a academia para não morrer na montanha. E então ele nos pergunta: “Qual a altura da sua montanha?” e afirma que nossa aspiração não tem que ser lógica, mas tem que ser mágica e que ela vem a partir de um sonho, de um pensamento e, já que pensar é de graça, é preciso que pensemos grande. Para ele, ao fazermos isso, atraímos pessoas e temos tanta paixão por aquilo, que nos tornamos invencíveis, uma vez que pessoas boas são atraídas por grandes objetivos e não por dinheiro.

Após dizer isso, ele declara que luta por seus sonhos e os sonhos dele lutarão por ele. Ele pede que a gente repita essa frase pra nós mesmos, dê um *high five* (cumprimento quando duas pessoas batem as mãos simbolizando parceria/vitória) no vizinho e diga, olhando nos olhos do colega do lado, a frase “Seus sonhos vão se realizar!”. Richard Tan nos pergunta qual o tamanho do nosso sonho e afirma que, se as pessoas não estão rindo de seu sonho, é porque seu sonho é muito pequeno. E ele pede para gritarmos e repetirmos: “Não confunda e não perca a oportunidade por lutar por seus sonhos e uma mulher que realmente te ama”. Para ele, não podemos escolher quando nascer, mas podemos escolher como vamos viver nossa vida e, dessa forma, não é possível parar quando estivermos cansados, é preciso parar apenas quando tiver terminado.

Em seguida, ele anuncia o curso de Tony Robbins “Desperte o poder interior”, que se realizaria de 11 a 14/04/2019 em Londres, mas também em Nova Iorque. Para finalizar sua fala, ele cita que um exército de ovelhas lideradas por um leão pode vencer um exército de leões liderado por uma ovelha e afirma “Eu só vivo uma vez, mas, se eu fizer certo uma vez, é suficiente”. As pessoas batem palmas e a palestra termina.

O dia 22 de junho de 2019, segundo dia do evento Desperte seu Poder, tem horário de início às 9h. Porém, no final do primeiro dia, quase meia-noite, eles tinham pedido para que levássemos alimentos para doar ou então doássemos qualquer valor para ajudar na campanha que estariam fazendo. Esse valor poderia ser pago em dinheiro ou no cartão de crédito e débito, com os funcionários do IBC na entrada do evento. Essa doação em alimento ou em dinheiro era para ser feita no outro dia de manhã até as 8h55min para que, em troca, conseguíssemos pegar uma “#coachsenha” e participar de um sorteio de formação em *coach* do IBC (curso Professional Self *Coaching* – PSC, o curso mais vendido segundo eles).

O evento inicia com Marcus Marques no palco, juntamente com seu pai José Roberto Marques, falando novamente sobre os três pilares do evento: comprometimento, participação e energia, e apresentando um caso de sucesso do IBC que curiosamente estava no meio do

público participando. Marcus afirma que “para ser rico é preciso alcançar objetivos, pois, quanto mais eu ajudo os outros, mais prosperidade eu tenho” (MARCUS MARQUES, DSP, 2019). E seu pai assevera “Você merece e acredita”. Nesse momento, ele olha para o teto recorrendo a Deus para pedir ajuda em relação ao momento forte que acontecerá à noite: “Deus, se você está aí, me ajuda!” (JRM, DSP, 2019). No palco, começa um sorteio da #coachsena ao som da música do quadro do programa de Sílvio Santos “Pião da casa Própria/Baú da Felicidade³⁸”.

Sua palestra inicia com ele conceituando o perdão como a ação de desconectar-se da dor e sustentando que todos nós temos a síndrome de Deus, uma vez que temos mania de julgar as pessoas e não perdoar: “perdoar é escolher que aquele fato dos infernos não vai te fazer mais mal” (JRM, DSP, 2019). Ele também afirma que câncer é emocional na maior parte das vezes, que essas são doenças da alma e que devemos utilizar a estratégia do programa Alcoólicos Anônimos (AA): a filosofia do AA é “Só por hoje”, e a dele é “Só por esse momento”. Logo após, o *coach* apresenta as cinco linguagens do amor: palavras de afirmação; qualidade do tempo; presentes (intenção de doar); atos de serviço (por exemplo fazer o café da manhã para alguém) e o toque físico (afeto maior).

Nesse momento, ele garante que o mundo é de resultados e próspero e pergunta o que significam resultados para nós e se era uma lei universal. Ainda questiona o que significa ser livre para cada um de nós, e conta que existe o movimento “Eu sou livre” e, olhando para alguém do IBC na platéia, ele diz: “Nós vamos pirar o cabeção deles” (JRM, DSP, 20109). Além disso, pede que pensemos quais são nossos significados e sugere que prosperidade é obter aquilo que eu desejo, que evolução é ser melhor (e grita a palavra resiliência) e afirma que “se passamos crise é para ficar melhor”. Ainda assim, o *coach* ordena que pensemos quem éramos: “eu sou cristão, eu sou despirocado, eu sou CDF” (JRM, DSP, 2019) e, em um exercício de reprogramação da autoimagem, declara que temos que ter uma atitude empreendedora e ainda que temos que agir. Focado nisso, convida uma pessoa, que, segundo ele, entende de empreendedorismo, para falar sobre o assunto: seu filho, Marcus Marques.

Naquele momento, parecia que nos era dada uma segunda chance, caso ainda não estivéssemos voltados para a luz, ou ainda com algum arrependimento. Aqueles ensinamentos sobre empreendedorismo precisam estar presentes em todo o evento, uma vez que nós, catecúmenos, não estávamos apenas aprendendo a doutrina, mas sim, ela era reafirmada a todo momento durante o evento, e essa era nossa chance de ouvir novamente o que era preciso

³⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m0zivwUUuJs> Acesso: 11/12/2020.

para mudar de vida. Marcus Marques inicia sua palestra afirmando que todos nós ali no evento Desperte seu Poder éramos empreendedores: “Você é empreendedor sim e eu vou provar!” (MARCUS MARQUES, DSP, 2019). Segundo ele, fazemos coisas grandiosas como abraçar, ouvir, construir, e todos nós estamos empreendendo nossa vida, nossa história:

Eu te convido a acreditar que somos empreendedores. Bate no peito e grita ‘Eu sou empreendedor’. Aquilo que acreditamos resulta no que fazemos. Cuide de sua mentalidade com o mesmo amor, carinho que você cuida da sua família. Mexe no cabeção, muda o coração, gera uma ação. Tenho um desafio: empreendedor que é empreendedor adora um desafio. Desafio nos tira da zona de conforto nos faz crescer. Vamos fazer uma ola de empreendedores. Vamos gritar ‘ação’, vamos declarar nosso interesse (MARCUS MARQUES, DSP, 2019).

Ele afirma que existem duas maneiras de nos tornarmos melhores: ou melhora o que já é, ou desenvolve coisas novas. Nessa hora, ficamos treinando o movimento da ola naquele público de quase 3 mil pessoas e a cada vez que a ola terminava ele gritava “Yes”. No final do movimento, ele elogia, dizendo que essa foi uma ola “memorável”.

Marcus conta que, há quatro anos atrás, tinha medo de falar no palco, e brinca “Quando meu pai tá se divertindo dando treinamento alguém tem que trabalhar!” (MARCUS MARQUES, DPS, 2019) e dá a receita do que mudou em sua vida: a mentalidade e, em função disso, vai nos ensinar as quatro atitudes empreendedoras. São elas: 1º) O protagonismo: para ele, o coadjuvante fica a mercê do protagonista (do que ele sente, pensa e faz). Ele afirma que algumas pessoas são assim, mas, para ele, a vida não é o que acontece conosco e sim o que fazemos com isso que acontece; o coadjuvante reage, o protagonista dá a resposta. Segundo ele, podemos e devemos fazer o melhor com a nossa vida, pois pessoas empreendedoras são pilotos da sua jornada, destino, viagem e, para isso, é preciso um alto domínio de si mesmo, conhecer-se. O autoconhecimento é o ponto de partida.

A segunda atitude empreendedora é a resiliência que, segundo ele, é uma palavra emprestada da Física. Ele exemplifica que a bolinha de tênis toma uma raquetada, se enche de força e direção e, então, nos pergunta: “Quem vai ser bolinha de tênis levanta a mão?” e, quando as pessoas respondem, ele começa a atirar bolinhas de tênis para o público pegar. Logo, ele afirma que o terceiro componente da atitude empreendedora é a positividade, que é igual a autoconfiança somada ao otimismo e nos manda tomar positividade: “No liquidificador mistura dois sucos e toma”. O público aplaude e ele grita “Quem é empreendedor? diga eu!”. A quarta e última atitude empreendedora é a ação e, nessa hora, ele informa que o Instituto Brasileiro de *Coaching* (IBC) cria um ambiente para que isso aconteça

conosco, sendo a melhor instituição porque tem milhares de horas de trabalho e faz isso tudo com propósito. Ele garante que existe um caminho e o caminho é compartilhar a nossa história.

E, então, Marcus senta no palco e começa a contar sua história. Inicia dizendo que ele é Marcus Marques, nascido no interior de Goiás, em Doverlândia, em 1988; tem 31 anos; foi criado pelos avós, pois os pais eram novos: “Eu comi pão com manteiga molhado no café” (MARCUS MARQUES, DSP, 2019). Ele se engana ao começar a narrativa pelo ano de 2010 e corrige para o ano de 2000. Quando ele tinha 10 anos, sua avó o acordou de manhã e disse que seu avô estava passando mal. O vizinho colocou o avô no carro, mas sua avó disse que Marcus não poderia ir junto com eles para o hospital. Marcus, ao relebrar isso, chora e fica com a voz embargada e conta que o avô havia falecido.

Ele relata também que, até os 16 anos, foi uma criança amargurada e parou de falar com seu pai, José Roberto Marques: “eu odiava eles, tinha rancor porque eles tinham me abandonado. Eu me fechava pros erros, meus pais não tinham nada a ver com a morte do meu avô” (MARCUS MARQUES, DSP, 2019). Foi então que, aos 18 anos, uma tia propôs que Marcus fizesse um treinamento de três dias. No segundo dia, ele se reconectou com seu pai. Entrou na faculdade de Psicologia e descobriu que seu pai era *coach*. Foi quando empreenderam o IBC. Narra que, juntos, eles queriam transformar milhares de pessoas e que ele desejava isso do fundo do seu coração, do fundo da alma. Nessa hora, o público bate palmas e ele responde “Gratidão” e ele encerra

O que me aconteceu e fez mudar foi uma decisão visceral. Vem da alma. Não é racional. É como a decisão dos atletas olímpicos quando decidem treinar para aquela olimpíada. Assim você pode ser protagonista. Se você encontrou ou não sua decisão visceral pensa: o passado já se foi, o futuro não nos pertence (*o público bate palmas, grifo meu*) e por isso se chama presente. Vamos fazer mais e melhor! Que vocês façam coisas incríveis! (MARCUS MARQUES, DSP, 2019).

O público bate palmas e há um intervalo para almoço das 13h30min às 15h. Voltamos e quem está no palco é o diretor do IBC, Juliano Barbosa. Sua fala inicia com a sugestão de uma ola em silêncio feita pelo público. Ele explica que o motivo disso era o fato de ter medo de falar em público e entendermos as coisas que nos bloqueiam. E afirma: “imaginem que tem um Deus. É só uma metáfora, tá? Deus lá em cima quer presentear alguém” (JULIANO BARBOSA, DSP, 2019). Ele diz isso e pede que coloquemos muita energia, porque começaria um outro sorteio. Marcus Marques está no palco e pede um

“flow”³⁹ para Juliano. Segundo o IBC, o “estado de Flow é um momento no qual o indivíduo experimenta uma enorme satisfação, de modo que as atividades são realizadas com maior fluidez” (IBC, 2020). Após o sorteio de curso do IBC, José Roberto Marques volta para o palco e afirma que a magia do *coaching* é que tudo soma e que eles no IBC honram servir essa missão. No microfone, alguns participantes do evento que estavam na plateia dão o seu depoimento sobre o *coaching*.

Segundo José Roberto, as memórias da infância são mais fortes e se sobrepõem às da juventude. Dessa forma, alterar um padrão da infância é difícil e é preciso chegar e se conectar a essas memórias. E a maior dor de todas as dores é o nascimento, trauma da ruptura com a mãe. O palestrante afirma que aprendizagem acelerativa é a base do IBC, e então apresenta a pirâmide processo evolutivo do IBC, criada por José Roberto Marques, em sete níveis. Na base da pirâmide, está o primeiro nível: a superficialidade; no segundo nível, o relacionamento. Tais níveis se relacionam ao “ter” e duram pouco (têm curta duração). No terceiro nível da pirâmide está o conhecimento; e, no quarto nível, o significado, que correspondem ao “fazer” e têm média duração. Até o quarto nível é o meio da evolução humana, é o foco. No quinto nível, está a clareza; e, no sexto, o posicionamento. Esses dois níveis se relacionam ao ser. No topo da pirâmide, o legado. Esse, junto com o quinto e sexto nível, relaciona-se com o “transcender”.

E então José Roberto Marques declara que somos reféns das coisas e exemplifica que, ao fazer um curso, a pessoa é motivada, mas, quando se passam dois meses, a pessoa cai de novo. Ele nos pergunta em qual nível de evolução estamos. Afirma que, no primeiro nível, qualquer informação que alguém der, convence, pois é superficial, raso, incongruente e reativo. Toda vez que perdemos a razão, voltamos para o primeiro nível. O caminho para acelerar a evolução é a partir do segundo nível do processo evolutivo: os relacionamentos, melhorar nosso comportamento, agir, nossa conduta. Segundo ele, “A pessoa que você mais precisa é você mesma” (JRM, DSP, 2019). O terceiro nível - o mundo acredita que esse é o maior nível: o poder do conhecimento (método) como, por exemplo, as escolas. O quarto nível envolve alterar os significados, ampliá-los, ter clareza de cada um dos meus papéis (a identidade é a soma de todos os papéis). O quinto nível é a identidade, a missão; e o sexto nível é o pertencimento, o posicionamento (o quanto eu sou capaz de aglutinar pessoas). O sétimo nível está no topo da pirâmide, é o legado “meu propósito é dez anos em três dias, os anjos vêm” (JRM, DSP, 2019).

³⁹ Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/o-que-e-flow/>. Acesso em: 14/12/2020.

José Roberto Marques então afirma: no primeiro nível, “eu sou próspero”; no segundo nível, “eu sou relacional”; no terceiro nível, “eu sou eterno aprendiz”; quarto nível, “eu sou o que acredito”; quinto nível, “eu sou quem eu sou”; sexto nível, “eu sou um aglutinador de ideias”; sétimo nível, “quando morrer, quero ser alguém que fez história através da ciência” e ele pergunta: “Esse sou eu em sete níveis, e você quem é?” (JRM, DSP, 2019).

Logo após, ele fala sobre as três dimensões para ser um criador de riqueza, esse estado da alma e essa riqueza se trata de riqueza material, energética e espiritual. Na primeira etapa, preciso despertar a verdade interior; a segunda etapa é a da dimensão espiritual, energética ou divina da conexão, “energia do bem, são prósperas e tem sucesso” (JRM, DSP, 2019), só tem um jeito: o estado de não sofrimento; terceira etapa: dimensão de servir com amor.

Para José Roberto Marques, nascemos para fazer as quatro jornadas da vida: a criação de riqueza, busca por relacionamento, servir à humanidade e evoluir espiritualmente (quântico energético). Nisso, ele nos pergunta: “Qual o seu chamado?” (JRM, DSP, 2019) e quais são as buscas de nossas vidas? Qual estado que estamos vivendo nossa busca? Ele afirma que temos o poder de apertar a tecla “pare de sofrer” e nos dá 20 minutos para fazer em dupla o chamado “Shazan da riqueza”, a partir das seguintes perguntas:

1) Quais foram os três fatos/dias momentos maravilhosos da sua vida financeira? 2) Quais os três fatos /momentos/dias horríveis /ruins da sua vida financeira ou da sua vida? 3) Se você pudesse voltar no tempo e escolher um dia, para que dia você voltaria? 4) Tem mais alguma coisa que você acredita ser muito importante para compartilhar comigo agora? 5) O que te move? O que te motiva? O que te fascina? Empodera? (JRM, DSP, 2019).

Ele afirma que o *coaching* é um processo que leva o indivíduo do ponto A para o ponto B, é um canal de não julgamento e o IBC tem 97,9% de acerto nesse método, onde cada sessão é de mais ou menos uma hora e trinta minutos, utilizando a busca por mapas mentais⁴⁰.

Após um intervalo para a janta, ao retornar, às 21h30min, há uma encenação no palco com um samurai quebrando tijolo com a cabeça. José Roberto Marques está assistindo atento, assim como todos nós e usando agora uma camiseta que diz “Nada é mais poderoso do

⁴⁰ No palco, neste momento, estão quatro pessoas que são casos de sucesso do curso do IBC, PSC e ele conta que o curso que estamos participando teve 300% de pessoas a mais do que no ano passado em Porto Alegre e que trará o curso de “*Mindset* Milionário” para a cidade, no valor de R\$ 5.964,00, mas que o curso custa, na verdade, R\$ 14.000,00.

que ser você mesmo”. O samurai foi *coachee* de José Roberto e, ao final da apresentação, o presenteou com uma espada. Logo após a encenação, ele anuncia os princípios do *business coaching*: honra, glória, verdade, lealdade e diz que, para a nossa mente fluir, é importante que conheçamos a história dos elefantes e prossegue “O foco é maior ‘de que’ você” (JRM, DSP, 2019).

Então, pede que façamos uma meditação guiada por ele, em que ele narra a metáfora do Elefantinho⁴¹. Assim como na meditação do dia anterior, estamos sentados de olhos fechados e com pouca luz no local, ouvindo somente a narração de José Roberto Marques. Percebo, neste momento, que, ao final de cada dia do evento, a última atividade é uma meditação, que parece “resumir” ou selar tudo o que foi ensinado naquele dia.

Nessa meditação, que durou também em torno de uma hora e terminou quase meia-noite, percebo que as pessoas estão concentradas e exaustas, assim como eu. Tínhamos dormido pouco, a posição na cadeira já estava difícil, mas ainda assim todos faziam as atividades. A meditação contava a história de um elefante que, mesmo depois de adulto e forte, passou a vida preso porque não sabia que era mais forte do que a corda que o amarrava a um tronco. A voz de José Roberto Marques guiava o estado de relaxamento ou reflexão que ele queria nos passar: a ideia era que todos nós ali éramos o “elefantinho” e precisávamos nos livrar das amarras que nos foram colocadas. A voz do *coach*, em alguns momentos, era calma; mas, em outros, nas situações em que era preciso enfrentamento ou reflexão, ele gritava muito alto.

Mais para o final da meditação, noto que um participante do evento, que tinha levantado a mão e se identificado como ex-aluno do IBC em um outro momento, estava sentado duas filas à minha frente e fazendo também a meditação. Eu estava de olhos fechados e ouvi um barulho: as cadeiras, que estavam amontoadas, abriram um “clarão” no local e algumas pessoas se levantaram. Sem entender, eu levanto também e saio do meio das cadeiras, indo para o corredor assustada. O que vi é que esse participante estava caído no chão, encolhido, longe de sua cadeira e com a camiseta molhada.

As pessoas que estavam sentadas perto dele, inclusive eu, se assustaram e ficaram em pé olhando a cena. Eu e outra participante procuramos um funcionário do evento, afinal eles ficavam nos corredores em todos os momentos, orientando e censurando quem queria filmar. Olhei ao meu redor e nenhum funcionário acudiu o participante. Havia bombeiros no local e

⁴¹ Disponível em: <https://www.jrmcoaching.com.br/blog/a-metafora-do-elefantinho-e-as-lico-es-que-podemos-aprender-com-ela/> Acesso em 19/01/2021.

os funcionários de camiseta do IBC, mas ninguém falou nada, tampouco se mexeram. Uma menina e eu continuávamos em pé tentando saber o que tinha acontecido. Então uma funcionária me orientou a voltar para o meu lugar e continuar a atividade, pois estava tudo bem. Eu voltei. E fiquei olhando o participante que agora já estava sentado novamente e continuava meditando (ele se mexia muito e, por algum momento, eu pensei que ele poderia ter tido algum ataque ou tinha algum problema de saúde). A meditação termina e todos saem contentes. O participante está bem e sorridente e eu tentando entender o que tinha acontecido ali.

Esse segundo dia de evento no Desperte seu Poder e a palestra de Richard Tan no evento Tony Robbins Brasil, tinha ligação com a penitência eclesial do cristianismo primitivo, afinal, era preciso olharmos para dentro de nós, explorar nossos segredos e falar sobre nossos pecados, não no sentido de explicá-los, mas apenas de nos revelarmos como pecadores e indivíduos em falta” (STIMILI, 2012). Após termos participado daquele momento de batismo, e estarmos ali, refletindo sobre todas essas questões de nossa vida e nosso modo de agir no mundo, penso que estávamos no que Foucault (2014) chama de conversão, no momento da penitência, ou seja, entrando numa ordem. Digo isso, pois, assim como na prática penitencial do cristianismo primitivo, nesse segundo momento dos eventos não haviam nos pedido para fazer algo, mas sim, era o momento em que naquele estatuto penitencial, os aspectos de nossa vida estavam sendo colocados em jogo (FOUCAULT, 2014).

Além disso, nesse processo, tínhamos “um certo número de interdições e de obrigações também: obrigações no nível da vida civil, social, coletiva, de fazer certo número de obras: caridade, visitas aos doentes, esmolas” (FOUCAULT, 2014, p. 180). Digo isso, pois, no evento do IBC, eles haviam pedido alimentos ou dinheiro para doação e que esta doação poderia inclusive ser paga com cartão de crédito. Para eles, a prosperidade se relaciona com a capacidade de ajudar os outros, e para ser rico era preciso alcançar objetivos porque somos merecedores. Além disso, o perdão volta a ser falado novamente e, nesse dia, de forma mais profunda: para isso lançava-se mão da estratégia inspirada no programa Alcoólicos Anônimos - “Só por esse momento, escolho não agir assim”.

Ainda assim, é preciso “tirar a bunda da cadeira!”, entender que o mundo é de resultados e próspero, agir a partir da linguagem do amor, e pensar na ideia de ser livre. Todos nós ali éramos empreendedores não só da própria carreira, conforme afirmou Colbari (2007), mas porque estávamos empreendendo nossa história. Era preciso sair da zona de conforto, declarar nosso interesse e sermos protagonistas. Em relação às atitudes empreendedoras, elas

eram quatro para o IBC: autoconhecimento, resiliência, positividade e ação. Nesse segundo dia, novamente uma experiência de quase morte é trazida para o conhecimento do público, agora pelo filho de José Roberto Marques, o qual defende que o que gera mudança é uma decisão que ele chamou de visceral, vinda da alma, não racional. Era preciso fazer mais e melhor, conhecer os sete níveis de evolução, ver em qual nos encontramos e perceber que a única pessoa da qual precisamos somos nós mesmos.

Esse cenário todo parecia ser o que Foucault (2014) intitulou como a segunda penitência, ou, como chamou Tertuliano, a outra tábua de salvação, isto é, quando Cristo abre as portas do perdão pela segunda e última vez. Essa segunda penitência não é repetível, é um estatuto, é o fato de entrar numa ordem em que o penitente pede para entrar porque sente necessidade ou porque foi levado, ameaçado, exportado pelos responsáveis da Igreja, sendo este um dos papéis do bispo: instar todos os pecadores à penitência. Para o autor, esse ritual de penitência é como um ritual de batismo, diferenciando-se deste pela imposição da mão, que por um lado exorciza e, por outro chama, o espírito santo: se expulsa o espírito maligno e chama-se o espírito da santidade.

Esse ritual de entrada no estatuto dos penitentes pode durar meses, anos ou até o fim da vida, mas, no processo de *coaching*, parece ter durado uma hora durante a “meditação do elefantinho”. Isso se evidencia tanto ao longo do segundo dia do evento intitulado “Eu posso me transformar”, como também no livro que fazia parte do material do evento. Essa segunda parte da obra, inicia com questões para a mudança do *mindset*, programação mental, exercício de autoterapia e transformação pessoal (como, por exemplo, lista de coisas positivas que somos), teste da nossa resiliência, definição de sonhos e metas para um futuro extraordinário; ou, como anunciou Richard Tan, ter alguém para inspirar-se, traçar metas altas, como por exemplo, escalar o Kilimanjaro, vulcão conhecido como demônio do frio e ponto mais alto da África, com uma altura de 5.800 metros aproximadamente⁴², já que sonhar não custa nada. Ainda assim, na penitência, há uma série de atos que convidam a mostrar a verdade de quem faz a penitência, admitir seu pecado a alguém, ato chamado de *exomologese* cristã.

Se, no batismo, o problema era o que acontece com o sujeito que ao romper “consigo vai rumo à verdade, o problema da penitência é o que acontece com esse sujeito que rompendo com a verdade volta àquele si mesmo com o qual fora obrigado a romper no batismo?” (FOUCAULT, 2014, p. 172). Para mim, esse jogo acontecia e se mantinha quando

⁴² Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/monte-Kilimanjaro/481653>. Acesso 13/11/2020

acessávamos àquelas várias perguntas que tínhamos que responder para nós mesmos ou para o colega do lado, numa tentativa de passar nossa vida a limpo.

4.5 TORNAR-SE OUTRO? A PRÁTICA DA DIREÇÃO DE CONSCIÊNCIA

Ao indagar o que é a direção da consciência dos indivíduos ou o governo das almas, Foucault (2014) responde que, quando o indivíduo é livre, remete-se à decisão de um outro, porém não se renuncia à própria vontade, mas sim “eu quero que outro me diga aquilo que eu devo querer” (FOUCAULT, 2014, p. 97). Na direção de consciência, não há contrato social, apenas as duas vontades continuamente presentes fazendo com que esse laço seja livre, voluntário e limitado: não existe sanção e ele é livre para não querer mais ser dirigido, relação fundamental nesse jogo.

O autor ilustra tal fato ao falar sobre a imposição da confissão como uma obrigação estatutária na Igreja, que levava a sanções caso alguém não cumprisse. Porém, os seminaristas inseridos na confissão, mas também na direção, não podem ser punidos, apenas aconselhados, evidenciando que não existe na direção codificação, estrutura jurídica, ou seja, existem apenas técnicas de direção. Ao discutir sobre isso, Foucault (2014) questiona: por que se deixar dirigir? e responde que a verdadeira relação da direção consiste em fixar não algo como riqueza, felicidade ou saúde, mas sim

como a perfeição, ou ainda, qualquer coisa como a tranquilidade da alma; ou ainda, a ausência de paixões, a maestria de si, a beatitude, quer dizer, uma certa relação de si consigo. Quer dizer que o dirigido busca na direção não uma finalidade externa, mas uma finalidade interna, entendida como modalidade da relação de si consigo (FOUCAULT, 2014, p. 100).

Considerada como a prática mais importante, a direção de consciência parecia também ser a parte mais importante do evento: quando o maior *coach* do mundo estaria no palco, responsável pelo último momento da imersão no evento Tony Robbins Brasil. Terminada a palestra de Richard Tan, saímos para o almoço.

Ao voltar para o local do evento, senti em outro lugar, tentando ficar mais próxima do palco. Uma bateria de escola de samba do Rio de Janeiro entra no palco e se apresenta para o público. Os músicos tocavam seus instrumentos, as passistas sambavam e nós também. Terminada a apresentação, no microfone é anunciada a entrada de Tony Robbins e pedem que a gente o receba com muita empolgação. Ele entra correndo no palco e a música que toca é bem alta. Tony Robbins está de bermuda e camiseta preta, tênis, boné preto com um trevo de

quatro folhas em verde. Ele está empolgado e sorridente, batendo palmas junto com o público eufórico. Ele pede que a gente dê *high five* em três pessoas à nossa volta e sente.

Tony Robbins inicia sua fala nos dizendo que levaria as coisas para o próximo patamar e que estava comprometido em transformar a nossa vida. Ele pergunta quantos eram donos do seu próprio negócio e pede, assim como José Roberto Marques, que o público responda levantando a mão e dizendo “I” (eu em inglês). A palestra tinha tradução simultânea através dos aparelhos de fone de ouvido dados nos eventos, mas, mesmo assim, respondíamos às perguntas dizendo “eu” na língua do *coach*. Para ele, na escola, a gente senta e cala a boca e, se não falamos com nosso vizinho, não é eficaz, uma vez que energia é importante para o sucesso do negócio, mas energia baixa num relacionamento vai ser problema, afinal, ainda segundo ele: Quem acorda e pensa hoje eu não quero falar com ninguém?

Ele declara que comer muito dá baixa energia e pergunta ao público quem já jejuou e quem dorme oito horas e acorda cansado. A maioria das pessoas não tinha jejuado, mas sim, acordava cansado. Para Tony Robbins, energia é psicológico e é elevada pelas pessoas à nossa volta. Ao dizer isso, ele pede que, em pé, olhemos para o lado e digamos para o colega “Você é meu! eu te desafio”. Era preciso que fizéssemos isso pulando durante 60 segundos: “competir é bom! Porque trabalhamos juntos, em equipe. Pulem por 60 segundos” (TONY ROBBINS, TONY ROBBINS BRASIL, 2018). Ele então define seu ciclo de sucesso como simples e diz tê-lo usado a vida toda nas 51 empresas dele: o ciclo era constituído pelas palavras potencial, ação, resultado e crença/certeza.

Após apresentar seu ciclo de sucesso, o palestrante pergunta ao público quem dali acha que tem potencial limitado e nos responde que as pessoas fracassam porque não acreditam que vai dar certo. Ele pede que, em pé, o público coloque o braço pra frente esticando o dedo indicador e girando o tronco para trás o máximo que conseguisse. Feito isso, ainda em pé, era preciso fechar os olhos e imaginar que conseguiríamos girar o tronco mais além na segunda vez. Após pensar isso, era preciso repetir o exercício: de olhos abertos, girar o tronco novamente com o dedo indicador para frente. E então, ele pergunta quem tinha conseguido levar o tronco mais além na segunda vez do exercício. Todos, inclusive eu, levantamos a mão. Ele responde que é porque o cérebro acreditou e foi mais longe e que isso não tem a ver com a ação, mas com o potencial.

Tony Robbins nos diz que, há 41 anos, trabalha nisso e que começou com 13 anos de idade porque é obcecado por melhorar a vida das pessoas. Disse que não era o mais popular da escola, sua mãe era má e que, quando conheceu seu quarto pai, disse pra mãe dele que

estava confuso. O público ri e ele também. Ele afirma que líderes são leitores e que é preciso ler 30 minutos por dia, é preciso deixar de comer, mas não deixar de ler:

Descubra o que as pessoas pobres leem e não leia. Leia quem é bem sucedido financeiramente. Leia uma autobiografia. Depois de um tempo não há mais desculpas. Depende de nós. Grandes atletas repetem: ler e aplicar na sua vida. (TONY ROBBINS, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

O *coach* afirma que devemos nos livrar de padrões e que a tenista americana Serena Willians ligou pra ele porque perdeu a irmã, o presidente Bill Clinton ligou porque iria receber um impeachment e uma mãe ligou porque o filho era suicida. Segundo ele, ninguém quer falar sobre o fracasso e nos pergunta quantas pessoas falharam completamente.

Novamente ele questiona quais eram nossas desculpas, afirmando que não se considera um motivador, pois acredita na inteligência e para ele os recursos não são os culpados. Nessa hora, ele aponta para o telão onde há um slide que diz “Emoções são o recurso supremo: criatividade, compromisso, determinação, certeza, flexibilidade”. Para ele, a resposta está na engenhosidade: se você é engenhoso, descobre os recursos e, como exemplo de engenhosidade, cita Sam Watson, dono da rede WalMart que, segundo ele, é o maior varejo depois da Amazon - online. Para os donos de negócios que ali estavam, ele dá duas dicas: perguntar quem é o seu consumidor ideal e criar uma oferta irrecusável.

Tony Robbins afirma que o líder influencia pessoas e duas forças influenciam as nossas ações: o estado do sujeito e nosso modelo de mundo (a longo prazo), que, às vezes, pode estar desatualizado. Nesse ponto, ele nos pede que façamos outro exercício: abrir os braços e bater palmas juntando as mãos e ver qual polegar ficou por cima: o direito ou o esquerdo. Polegar esquerdo por cima do direito: isso se relaciona à nossa sexualidade; já o polegar direito por cima do esquerdo relaciona-se à inteligência. Na maioria das respostas do público, o polegar direito tinha ficado por cima. Logo após, ele questiona o público, perguntando quem ali queria melhorar o negócio, mais motivação e mais dinheiro (nessa hora o público grita) e ele responde: “A maneira como a gente se move. Tudo o que você procura lá fora está aí dentro” (TONY ROBBINS, TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

E então ele sugere outra tarefa, agora em dupla. A tarefa consistia em cumprimentar a dupla de quatro maneiras diferentes e seguindo essa ordem: sem vontade; com medo; feliz; e por último, cumprimentar o outro super feliz (como se tivesse encontrado um amigo). Ele afirma que o número de músculos em cada atividade revela um sentimento, uma ação, e isso diz muito sobre a pessoa, pois energia é movimento e a maioria das pessoas não precisa de um

motivo para se sentir bem. Ele diz que, quando alguém fala que está mal, entendemos, mas quando a pessoa está bem não entendemos e queremos mandá-la para o hospício.

Após essa atividade, a música aumenta e, no telão, aparece a frase “O Tony quer te ver/ouvir!” e ele diz “Vamos pirar!” e que temos que nos treinar para nos sentirmos bem e não mal. Em pé, todos nós, junto com ele, dançávamos ao som da música. Sentamos novamente. O que eu notava era que a palestra era dinâmica, que os exercícios enchiam os “olhos” do público e ele ficava satisfeito, como se aquilo fosse uma grande descoberta. Quando cansávamos, ele trocava o foco: se estávamos muito tempo sentados, ele pedia pra dançar e levantar; se pulávamos muito, ele mandava sentar e então nos acalmávamos. Era preciso estar sempre atento ao que ele falava para não perder nenhuma informação ou a orientação da atividade a ser realizada. Ele parecia ser uma pessoa confiante, inteligente e que tinha muita segurança no que estava fazendo e dizendo.

Tony Robbins conta que, no dia do ataque terrorista no prédio do World Trade Center, na cidade de Nova Iorque, em 11/09/2001, ele estava no Havaí dando um curso e disse aos participantes “Vivam!”, pois, segundo ele, as pessoas começam a viver quando ficam de frente para a morte. Naquela sala, ele disse que tinha choro, raiva e que a liderança emocional foi o tema central naquele dia. Foi então que ele disse àquelas pessoas: “Vamos processar o que tá acontecendo?!” Quais as três decisões para sua vida? 1) No que você vai focar? Foco para ele é igual a sentimento. Foco é o poder da clareza e compromissos absolutos; 2) O que isso significa? Significado para ele é emoção e emoção é vida e 3) O que você decidiu fazer a respeito? E para ele não fazer nada também é uma decisão.

Ele diz que, quando acontece algo assim, como, por exemplo, o atentado terrorista daquele dia nos Estados Unidos, as pessoas vão para o seu lar emocional no lado bom e no ruim e que, por isso, ele via pessoas chorando ou com raiva. E então ele nos pergunta: “Com que frequência você sente culpa? Raiva?” Segundo ele, se for um lar antigo que não satisfaz é hora de mudar: o cuidadoso vai ficar cuidadoso, o raivoso fica com raiva. Ele traz o exemplo de uma mulher no curso que chorava muito, pois tinha sido pedida em casamento por mensagem no telefone e o namorado estava no WTC na hora em que aconteceu o acidente. E ele complementa que, no dia daquele acontecimento, todos choravam, menos um muçulmano que disse ser o acidente uma retribuição para todos.

Para descobrirmos nosso lar emocional, era preciso listar quais emoções positivas e negativas sentimos naquela semana (as duas mais poderosas positiva e negativa eram a resposta do nosso lar de emoções) e ainda responder que sentimento nos levaria a outro

patamar. Após a tarefa, em trios e em fila, era preciso fazer massagem no colega do lado e então virar professor de dança (onde um imitava o outro). Todos fazem a tarefa. Quase ninguém do público está parado. Ele conclui:

“Ações são resultado do nosso estado. Dieta é difícil quando você tenta, mas não quando você resolve. Comprometido é fácil. Hoje mudamos nosso estado, por isso nos sentimos melhor. Mudar o corpo radicalmente por isso nos transformamos hoje” (TONY ROBBINS, TONY ROBBINS BRASIL. 2018).

Além disso, ele discorre sobre algumas pessoas famosas pelas quais foi contratado, como, por exemplo, a atriz Brooke Shields e o ex-presidente da União Soviética, Mikhael Gorbachev. Ele assegura que perguntas mudam o foco, pois são a resposta. Dito isso, pede que pensemos em algo de que temos orgulho, pelo que somos gratos e que prestemos atenção na expressão do nosso rosto, na respiração. Ordena que a gente levante a mão e diga “Yes!”. Após, sugere a dinâmica da terapia do riso em que precisávamos rir por um minuto, pensar no momento mais sexy ou romântico da vida (algo empolgante) e em como estamos respirando no momento da lembrança e que, depois disso, com um colega, façamos mais uma atividade: conversar primeiro sem vontade com o colega, depois com vontade, e, por último, exagerando.

O público está feliz e leve. Tony Robbins coloca no telão a propaganda de seu curso em Londres e Nova Iorque, que seria realizado de 8 a 11 de novembro de 2018. O valor do curso era de U\$ 695,00 e o curso teria duração de três dias de imersão. Ainda assim era preciso pagar um valor a mais de U\$ 395,00 para a tradução simultânea.

Logo após, ele complementa: frustração e apreço é quando o cérebro e o coração sob estresse trabalham junto e sugere que façamos mais uma atividade. Pergunta pelo que somos gratos, do que lembramos e o que resolve? Durante essa atividade, as luzes estão apagadas, o vídeo no telão é de muitas velas acesas e nós estamos de olhos fechados. A tarefa é colocar a mão no coração, esticar a mão para a frente e pegar as coisas do passado. Trazer novamente a mão para o coração. Esticar a mão para o futuro e trazer para o coração. Nessa hora precisamos dizer “Yes” (sim) junto com Tony Robbins por 15 segundos com a mão no coração. As luzes se acendem e devemos falar para o colega do lado o que sentimos ao fazer isso.

Em pé, todos batem palmas, a música aumenta e ele grita “Depois desse dia, sua vida não será mais a mesma”. Ele desce do palco, corre no meio das pessoas e sobe novamente no palco. Existem pelo menos quatro seguranças próximos a ele quando ele faz isso. A palestra termina e o evento também. O público começa a sair do local: estamos felizes, suados e

pretensamente transformados. Após o término do evento, me dou conta de que a verdade/receita que tanto esperamos ao longo de todo dia, não estava em Tony Robbins nem em Elany Leão, José Roberto Marques ou Richard Tan, estava em nós mesmos, mas eu precisava verificar isso no evento Desperte seu Poder para o qual José Roberto Marques tinha dado de presente o ingresso.

Então o dia 23 de junho de 2019, terceiro e último dia do evento Desperte seu Poder, inicia novamente com a distribuição de uma *#coachsenha* para a realização de um sorteio no palco. Marcus Marques, no palco, pede que façamos massagem no colega do lado. Todos riam, porém já não estamos tão envergonhados como no primeiro dia de evento. Logo após, ele ensina o terceiro movimento do guerreiro. Marcus Marques (2019) afirma que “foco é igual a energia direcionada para um foco específico” e que o *coach* ensina a lidar melhor com a gente, com o outro e com nossas tarefas/metastas.

Logo após, ele faz propaganda sobre o curso PSC e explica que esse curso tem mais de 1500 turmas no Brasil, é realizado em um bom hotel, com um número menor de pessoas em sala nas formações e que é possível vivenciar, mas também aplicar no outro. Para Marcus, a procrastinação é o mal do século XXI e a magia do *coaching* está em ver você, mas também ver você com o outro, um relacionamento essencial em qualquer profissão. Depois, explica sobre o curso *Business e Executive Coaching* (BEC), para dominar o mundo dos negócios, mas que, para realizar esse curso, deve-se fazer o PSC antes. E ele garante: “Quanto mais formação profissional, melhor” e nos pergunta: “O que governa mais nossa vida: o lado racional ou o inconsciente? E ele mesmo responde que é o inconsciente.

Além desses, ele fala sobre o curso de *coaching* ericksoniano (CEK) que, segundo ele, é o curso que dá o poder do inconsciente em nossas mãos (PSC é pré-requisito); o curso *master coach* (pré-requisito PSC e BEC), que é a excelência e maestria na *performance* humana (só realizado em São Paulo porque atende o Brasil todo). E ele afirma, “de coração: não é porque eu quero convencer você, mas o sucesso não vai bater na sua porta” (MARCUS MARQUES, DSP, 2019).

E então começa o sorteio. Música do programa do Sílvio Santos e ele pede que o sorteado suba no palco fazendo uma “despirocation”, ou seja, mostrar que está feliz em ter ganho o sorteio. Pede também que a gente mentalize o número que queremos que seja sorteado e diz: “Quem tá me ouvindo bate uma palma, duas palmas. O público obedece. Logo após, pede, no microfone, que quem tomou a decisão de fazer a formação do PSC ontem na promoção no valor de R\$ 5.000,00 e está com o cordão do crachá azul levante-se e vá para o

palco para tirar uma foto. Nessa hora, o palco grande está lotado de gente e ele afirma: “Essas pessoas confiaram na oportunidade de dar um passo”.

José Roberto Marques sobe no palco e começa a explicar os tipos de meditação, informando que mente consciente trabalha com técnicas e mente inconsciente só trabalha por histórias. Explica também as quatro frequências do cérebro (ondas beta; ondas alfa; theta, estado de meditação profunda; e delta, sono dormindo). Revela que nossa mente inconsciente protege nosso consciente de coisas que não estamos preparados para receber e relembra o trabalho que fez no dia anterior: a meditação que, segundo ele, é um presente audacioso. Ele declara ainda que tem o sonho de fazer uma faculdade de Psicologia baseada em *coaching* e diz “Será a Harvard de psico do mundo, ‘tô’ profetizando que vai dar certo” (JRM, DSP, 2019).

Nesse ponto, ele sugere vermos um vídeo intitulado “*Lost and found, our story*”⁴³ (perdidos e achados, nossa história), que fala sobre uma pessoa que fica com a bateria baixa e precisa recarregá-la. Propõe um exercício para recarregarmos nossa bateria e garante que “se conectando, você ilumina novas percepções” (JRM, DSP, 2019). Ele faz um esquema em seu *flipchart*, mostrando que, a partir da reflexão, passamos para novas percepções, depois elaboramos um plano e então agimos, com ousadia, foco e realização. O resultado disso é uma pessoa feliz.

Após, ele sugere que respondamos a algumas perguntas, salientando que propósito é o que nos guia: 1) Por que você nasceu? 2) Pelo que você vive?; 3) O que te faz acordar todos os dias?; 4) Como quer que seja sua vida de modo geral?; 5) Que aspecto da minha vida eu gostaria de poder mudar? Ele pede que, em dupla, façamos essa dinâmica como *coach* e como *coachee*. Eu sentei no chão com uma menina que estava do meu lado e fizemos o exercício. Ainda era de manhã, mas eu estava exausta e, na primeira pergunta dela na posição de *coach*, eu chorei. Muito. Respondi e, na última pergunta, eu chorei novamente. Foi um exercício emocionante para a maioria que estava ali na minha volta. Parecia que a exaustão e a convivência tinha nos levado a uma abertura maior para expor nossos pensamentos e alma.

Terminado o exercício, José Roberto Marques afirma que o processo de *coach* americano é mais rápido e que cada sessão tem um tema diferente. No Brasil é diferente porque, segundo ele, as pessoas têm foco diferente e, se formos superficiais, não vai ser bom. Segundo o *coach*, os Estados Unidos trabalham menos, em torno de 1995 horas, mas produzem cinco vezes mais. No Brasil, trabalham 2125 horas, mas tomam café, vão no

⁴³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ok8KYvvOjKA>. Acesso em: 16/12/2020

banheiro bater papo. Ele afirma que a cultura é diferente e pede: “Surpreenda seu cliente entregando serviço a mais! Decisões difíceis podem trazer você para outro nível, então viva! Coloque em prática o que você aprendeu porque você já tem o suficiente” (JRM, DSP, 2019). O palestrante acrescenta que na

“nossa vida precisa ter decisão e o tempo que precisa é viver agora! O resto é Hellmans Airlines (viajar na maionese), então eu acredito que você tá pronto o suficiente. E por isso que a gente traz pras pessoas oportunidades. Todo mundo precisa de um *coaching*” (JRM, DSP, 2019).

Logo após, ele anuncia uma oportunidade do IBC em que vende um curso de vida extraordinária somado ao curso *Mindset* milionário. Ele afirma que prosperidade é o estado da alma e seu desafio é dizer ao público como é fácil ganhar o dobro.

Há um intervalo para almoço a partir das 13h30min. Voltamos às 14h40min para o evento. Marcus Marques está no palco e nos ensina que “rotinas de excelência fazem pessoas de excelência” e afirma que, tanto em vendas, como liderança e falar em público, todos nós vendemos (ex: namoro), todos nós somos líderes da nossa própria vida/caminhada e a coisa que mais lidera na vida é o exemplo. Se colocamos isso na nossa cabeça, a gente se abre. José Roberto Marques volta para o palco, de terno preto e com uma camiseta que diz “Eu sou livre”.

O *coach* nos ensina o ciclo da prosperidade que consiste em quatro quadrantes: em cima, constam o verbo agradecer (entregar a mais) e o verbo declarar (autoconhecimento), e, nos quadrantes embaixo, o verbo arriscar (atitude inovadora) e o verbo solicitar (planejamento). Ele nos conta também que a Disney atende pessoas de todas as idades e ela não é uma empresa, é um encantamento, como por exemplo, o cheiro de pipoca no ar, que é artificial. Ele chama a atenção para o fato de que o Mickey não fica velho, é uma magia, um mundo encantado. E tem um segredo: se uma criança cai e se machuca, ela ganha um Mickey (e quanto maior o machucado maior o Mickey) e isso para ele é ser gênio.

José Roberto Marques conta que estudou a Disney e a teoria que utilizam sobre palco e bastidores, onde, no palco, a parte que as pessoas enxergam, tudo é perfeito. Existem portões para salvar alguma coisa, como por exemplo, nunca ninguém viu o Mickey sem cabeça: isto é, se ele passa mal, alguém tira a cabeça dele do lado de fora, nos bastidores. E ele conta que Disney só tem água e ela foi construída para cima. E então ele afirma: “Quer ser próspero? Surpreenda o mundo! Você e seu cliente entregando a mais. Onde eu mostro minha

vulnerabilidade? Nos bastidores! Teoria do palco e bastidores é prosperidade” (JRM, DSP, 2019). E revela que, na Disney, não tem sujeira, pois, a cada 25 passos, tem um cesto de lixo e uma linha amarela (onde o personagem surge e desaparece). E afirma que o IBC tem uma linha amarela: “Vá encher o saco na linha amarela, no palco não! Pessoas vão lá trabalhar de graça na Disney. Gente normal não tem lá. Não é uma empresa, é uma empresa de encantamento, que desperta a criança” (JRM, DSP, 2019).

Além disso, ele nos apresenta os quatro verbos da abundância: 1) declarar: “meu lado coroinha diz: Quais nossas crenças estamos profetizando/servindo/trabalhando?” (JRM, DSP, 2019); 2) solicitar: “a dificuldade do mundo é que as pessoas não falam o que querem. É eu saber pedir” (JRM, DSP, 2019); 3) arriscar (fazer diferente); 4) agradecer: “entregar mais, adoro esse verbo TBC, tira a bunda da cadeira. Gente, é bíblico! Bendito o maldito que sai da coisa do homem” (JRM, DSP, 2019).

Então, o *coach* pede ao público para planejar o segundo semestre de 2019 e o que se finaliza: Quais foram os três maiores sucessos, o que fizemos para alcançá-los e quem nos ajudou e como? E nisso ele afirma que, para ele, tirar férias é muito difícil: foi a Cancun oito dias e, no quinto dia, achava que ia morrer por ficar parado, mas que gostou de Cancun. Ele pede que, em três palavras, a gente resuma o semestre e diga qual livro/filme fez sentido esse ano. Informa que o livro do Desperte seu Poder (que ganhamos no evento) é de auto *coaching*, é uma caminhada em direção à gente mesmo, segundo ele.

Esse livro, conforme José Roberto, é primeiro lugar nas revistas brasileiras Veja e Exame e quem deu lugar na Rede Globo de Televisão para ele. É um *best-seller*. Ele afirma que, se não fosse pela causa, não trabalhariam tanto, as pessoas vão trabalhar com eles e diz que acredita “na família, que o IBC é uma corrente do bem filosófica, e que a vontade louca de servir tá dando certo” (JRM, DSP, 2019) e estão próximos a 600 colaboradores no IBC.

José Roberto ainda aponta três pontos muito poderosos: pai, filho e espírito santo. Em seguida ele declara “meu corpicho tá melhorando. Para o cérebro, a imagem real ou imaginária ele acha que é real. Então muda o estado. Na hora que aprende isso, nunca mais fica triste, altera o metabolismo” (JRM, DSP, 2019). Ele fala sobre a bondade de sua alma e que está criando um documentário sobre sua vida, que vai aparecer no próximo programa, intitulado “Geração de Valor”, como um empresário de sucesso e que o jantar caro que ele tinha comentado anteriormente era com Flávio Augusto,⁴⁴ o bilionário que ele tinha falado. E

⁴⁴ Flávio Augusto é dono da escola de inglês Wise Up e apostou recentemente no mercado do futebol, adquirindo o Orlando City nos Estados Unidos. Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42998803> Acesso em: 19/01/2021.

relata “vão fazer um estudo de caso da minha vida. Se eu parar na Netflix,⁴⁵ desculpa aí, é porque Deus é bom. A fé minha é tão grande que vai dar certo!” (JRM, DSP, 2019).

E então ele nos pergunta na vida de quem faremos diferença, por isso que é *coaching* com alma. Fala ainda sobre os verbos dar e receber e que “o que o universo tem de bom, se for bom, mereça e, se for ruim, trabalhe e transcenda” (JRM, DSP, 2019). Logo após, começamos uma meditação para planejar o futuro que, assim como as outras, foi guiada por José Roberto Marques e durou em torno de uma hora. Ao longo da meditação, fizemos planos para o segundo semestre do ano, imaginando as cenas e o que estávamos sentindo ao conquistar o planejado. Para encerrar a atividade, tomamos fôlego e gritamos “Eu sou livre!” bem alto, junto com ele.

Marcus volta para o palco e assevera que agora somos um exército do bem e declara “Quem tá apaixonado pelo Zé bate três palmas! A gente é luz, nos fazem acreditar que a gente não é grandioso, você é sim!”. Dito isso, Marcus conta que o dinheiro arrecadado foi de 6 mil reais do público e que o IBC dobrou o valor para doar e ainda 600kg de alimentos foram arrecadados. O evento encerra com um vídeo dos melhores momentos do evento e depoimentos. Gritamos novamente a frase “Eu sou livre!” e, ao final, dançamos e pulamos com a música Vamos Pular da dupla Sandy e Junior.

Esse terceiro dia, intitulado, assim como no livro, “Eu vou agir agora” traz a ideia “Do que adianta mudar o caminho se não mudamos o jeito de caminhar?” (DSP, 2017, p. 157). Era possível perceber que, na direção cristã, assim como nesse último momento do evento Tony Robbins Brasil e último dia do DSP, tínhamos estabelecido o que Foucault (2014) chamou de uma relação de obediência à vontade do outro e a obrigação constante de dizer a verdade sobre si mesmo e a propósito de si mesmo, na forma de confissão, através daquelas inúmeras técnicas ao longo do dia.

Digo isso, pois, refletindo sobre a última seção do livro Desperte seu Poder (2017) do IBC, existem perguntas sobre ação e realização, conteúdo sobre felicidade, equilíbrio, prazer e satisfação, comprometimento e empoderamento (SHOUKRY E COX, 2018). Assim como no livro, o último dia do evento pede que estejamos mais abertos à mudança, como, por exemplo, fazer massagem no colega ou confessar nossos segredos a um desconhecido sentado ao lado, nessa exaustiva obrigação de dizer tudo, numa espécie de relação detalhada consigo

⁴⁵ O *coach* Tony Robbins tem um documentário intitulado “Não sou seu guru” na plataforma Netflix que mostra os bastidores de um de seus eventos. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80102204>. Acesso em: 19/01/2021.

mesmo, numa discursivização de si mesmo ou *exagoreusis* que ajuda a examinar o fluxo e fazer a triagem dos nossos pensamentos (FOUCAULT, 2014).

Nesse dia, o que nos fizeram acreditar é que líderes são leitores e nosso estado e o modelo de vida influenciam, que quanto mais formação profissional melhor, que o inconsciente governa nossa vida, que o sucesso não vai bater na nossa porta, que existem pessoas ali no público que são prova de quererem ser pessoas melhores (por exemplo, comprando os cursos caros do IBC), que a palavra profetizar começa a ser repetida em eventos como esses, que a ideia de se aproximar/igualar aos Estados Unidos é forte, seja entrando em Harvard ou dizendo que eles trabalham menos porém melhor do que nós brasileiros (reforçando uma visão colonizada de si, dos outros e do país). Além disso, é preciso entregar a mais para nossos clientes e, apesar do IBC passar uma boa parte do evento vendendo cursos, podemos colocar em prática tudo o que aprendemos, pois, segundo eles já temos o suficiente.

Aprendemos ainda que rotinas de excelência fazem pessoas de excelência, que o ciclo da prosperidade consiste em agradecer, declarar, arriscar e solicitar e que o IBC utiliza a teoria aplicada na Disney: palco e bastidores, sendo que, no palco, tudo é perfeito. Para José Roberto, a Disney, não é uma empresa e sim um encantamento, e talvez o ser humano nada comum a que Sennet (2006) se referiu esteja lá, uma vez que, segundo José Roberto Marques, gente normal não tem lá. Ele ainda nos conta que acredita na família, que o IBC é uma corrente filosófica do bem e que a vontade de servir deu certo. Fala de sua bondade e alma, porém anuncia que fará um documentário para um programa, de economia. Afirma que somos luz, que nos fazem acreditar que não somos grandiosos, mas somos sim e na meditação planejamos nosso futuro para começar a agir ao som da música empolgante “Vamos Pular!”. Dessa forma, penso que tais exercícios propostos remetiam à ideia de Foucault (2014, p. 100) sobre a direção de consciência, em que “existe alguém que guia minha vontade, que quer que minha vontade queira isso ou aquilo e eu não cedo à minha vontade, continuo querendo até o fim, mas querendo a cada instante aquilo que o outro quer que eu queira”.

4.6 EXAUSTA, PORÉM PLENA: REFLEXÕES SOBRE O PALCO E OS BASTIDORES DO FENÔMENO DO COACHING

Ao reviver aqui a imersão nos eventos, volto meu pensamento para o início disso tudo. Na época, quando comecei a pesquisar sobre o objeto do *coaching*, reativei um endereço antigo de e-mail para não utilizar o atual, pois a quantidade de e-mails recebidos dessas instituições com promoções e promessas seria muito grande e, depois de colocar uma vez o nome ou o contato em algum site de *coaching*, retirá-lo seria uma tarefa quase impossível.

Noto também que, ao receber esses e-mails ou acessar as páginas dos eventos normalmente era preciso clicar em algum link e se inscrever informando, no mínimo, o nome e o endereço de e-mail, e, quando o curso era pago, informar um telefone para que alguém da instituição entrasse em contato comigo. Não cheguei a receber ligação, ou, se recebi, não atendi, mas acredito que a narrativa deles para a negociação deve ser forte e “atraente”. Porém fui incluída nos grupos de whatsapp do IBC e, frequentemente, recebo promoções de cursos da instituição.

Já no conteúdo desses e-mails, eu via que as promessas versavam em torno de mudança de vida e felicidade e faziam uso de termos superlativos como, por exemplo, “mente milionária”, “vida extraordinária”, “evento memorável”, “potencial infinito” e que tudo era o maior, como por exemplo, Tony Robbins, o maior *coach* do mundo; José Roberto Marques, o maior *coach* do Brasil; IBC, a maior escola do Brasil, com o maior número de alunos.

Além disso, tais conteúdos, tanto dos e-mails quanto das páginas das instituições, sugeriam mudanças de comportamento e pareciam contemplar qualquer área da vida: “Sinta o impacto do DSP em diversas áreas da sua vida: financeira, familiar, conjugal, profissional, pessoal, cognitiva e espiritual” (IBC, 2021). Dessa forma, o público alvo para estes eventos também tinha como foco qualquer perfil: casais, pais e filhos, líderes e empresários, *coaches* ou simplesmente alguém que gostaria de “transformar” algo em sua vida.

Tendo como foco o empresário de si, nesta tese, como já citado anteriormente, meu olhar concentrou-se no curso de Foucault do ano de 1980, já que ali vejo elementos que me ajudam a pensar o fenômeno do *coaching*. Assim, na seção de análise dos dados, optei por narrar o que experienciei nos eventos, para que o leitor também pudesse vivenciar essa imersão, provocando outras reflexões ou até sensações que não foram tratadas aqui e que podem melhorar esse trabalho ou ainda inspirar outros.

As expressões palco e bastidores, mencionadas por José Roberto Marques ao falar sobre a Disney, ajudam a pensar sobre o que vi no palco daqueles eventos, mas também fora dele e que, por falta de espaço dentro do texto, ou imaturidade na análise dos dados, viraram questões que não foram contempladas nas seções anteriores ou não “cabiam” nas categorias

estabelecidas para este estudo, mas que entendo necessário que sejam mencionadas aqui e que podem dar suporte, hoje ou em um futuro, para algumas novas reflexões.

Quando volto o meu pensamento para agosto de 2018, no evento em São Paulo, Tony Robbins Brasil, lembro daquela sensação forte que senti, conforme mencionei aqui em outro momento, ao chegar no credenciamento um dia antes e também no dia do evento. Ao entrar no local, no primeiro dia, meu coração batia forte, a música era muito alta e, pelo que me disseram, isso era inclusive proposital para que sentíssemos o barulho do coração batendo. O clima do evento era de harmonia, esperança e certo *status*, afinal era a primeira vez de Tony Robbins no Brasil e seríamos um pequeno grupo no Brasil que teríamos visto o maior *coach* do mundo e mais, saberíamos o que ele faz e como ele faz. Sem muito tempo de intervalo e sem atrasos, ouvimos as palestras de Elany Leão, José Roberto Marques e Richard Tan, que traziam o tom do evento e abriam caminho para uma verdade pretensamente transformadora.

Após essas três palestras, começou um intervalo para o almoço. As cortinas se fecharam e a orientação era para que todos nós saíssemos daquele espaço e o pessoal da organização pudesse arrumá-lo. Ainda sentada, eu observava aquela multidão saindo do local, a maioria sorridente. Os participantes pareciam ser gentis uns com os outros, porém se empurravam, para sair do local e enfrentar as filas que já começavam a se formar: fila do banheiro, fila dos estabelecimentos de comida, fila para retirar o aparelho de tradução simultânea para a palestra de Tony Robbins que viria a seguir. Era preciso fazer tudo isso naquele intervalo das 13h às 15h. Era muita gente e tudo tinha fila.

Como eu disse, o local do evento era grande, dividido entre o espaço do espetáculo, onde havia o palco e cadeiras para o público de 13 mil pessoas, e uma praça de alimentação, com vários *food trucks (traillers)*, vendendo comida de todo o tipo: hambúrguer, pizza, churros, sorvete, lanches, buffet, café. As filas começavam a se formar e eu puxei conversa na fila do almoço. Perguntei para um jovem porque ele estava lá e ele me respondeu “para saber o que o tal Tony Robbins tem de especial né?!”. A menina que estava com ele complementou: “eu sou *coach* e vim de muito longe, a viagem foi horrível, mas acho que está valendo a pena”. Almocei, enfrentei a fila do banheiro e retirei meu aparelho de tradução simultânea (era preciso deixar um documento com eles e devolver no final do evento o aparelho).

Comecei a caminhar pelo local tirando fotos. Pôsteres com fotos de Tony Robbins com pose de vencedor e frases dele faziam parte da decoração, como por exemplo: “Mudar uma organização, um país e o mundo começa com o simples passo de mudar a si próprio”; “Não deixem mentes pequenas te convencerem de que seus sonhos são grandes demais”; “Há

sempre espaço na sua vida para pensar maior, superar limites e imaginar o impossível”; “Quando você é grato, o medo desaparece e a abundância aparece” e, a minha favorita: “Por que viver uma vida comum, se você pode viver uma vida extraordinária?”. Ainda assim, alguns banners de Tony Robbins, propagandas de cursos e livros dele: os quatro passos para a transformação – curso de quatro dias onde acontece a experiência citada por Elany Leão do *firewalk* (caminhar nas brasas) e o livro de Tony intitulado “Inabalável - seu guia prático para liberdade financeira”. Lembro que voltamos para o evento e a tarde foi toda com Tony Robbins no palco até as 19 horas, conforme prometido.

No término do evento, voltei a caminhar pelo local e notei que muitos participantes estão perto do palco. Como eu disse, o ingresso mais caro do evento dava acesso às primeiras filas para que se ficasse mais próximo. O que vi foi que muitos participantes corriam para tentar tirar fotos com os famosos que lá estavam. Fiz o mesmo. Consegui tirar foto com Thamy Gretchen e com o casal ex-participante do Big Brother Brasil 11, Adriana Santana e seu marido Rodrigão. As pessoas tiravam fotos com algumas pessoas que eu não conhecia. Perguntei para os fãs quem eram: *coaches* famosos na internet. Patrícia Abravanel continuava no palco e falava com o público que estava ali embaixo entregando carta para ela mandar ao seu pai, Sílvio Santos. Tiravam fotos com ela.

Caminhei mais um pouco. Uma menina me perguntou as horas e eu fiquei conversando. Ela estava no local que dava acesso ao camarim. Fiquei ali, junto com ela. Havia vários seguranças de terno e uma barreira de ferro impedindo que ultrapassássemos. Perguntei para o segurança se ele trabalhava com Tony Robbins e ele disse que não, que tinham sido contratados para esse evento e que iam receber R\$200,00 pelo trabalho naquele dia. Pessoas entravam e saíam do camarim. Realmente ele parecia ser intocável e muito difícil chegar perto dele. O repórter do programa da Ana Maria Braga da Rede Globo de Televisão estava esperando para fazer uma matéria com Tony Robbins no camarim. Tony Robbins estava ali dentro recebendo as pessoas, que tinham pago R\$7.500,00 para tirar foto com ele.

Além disso, havia mesas montadas perto do palco para quem quisesse se inscrever no evento divulgado por Tony Robbins tinha divulgado e que aconteceria em novembro, em Nova Iorque. Pedi informações e a promoção naquele valor divulgado no evento valia até o final daquele dia pelo site ou preenchendo os dados com os atendentes. Muitos participantes já estavam se inscrevendo ali mesmo. Perguntei para a menina que me deu as informações o que ela fazia e ela respondeu que assessorava Tony em todos os eventos. Era brasileira e

viajava muito com ele. Perguntei como ele era e, após um suspiro, disse que ele era legal e era aquilo mesmo que vimos no palco.

Saí dali, devolvi meu equipamento de tradução simultânea e andei pela praça de alimentação. O evento tinha terminado no horário prometido e o local começava a esvaziar. Muita sujeira no chão entre as cadeiras onde aconteceu o evento: copos de café, guardanapos de papel, folhas de caderno. Os funcionários começavam a limpar. Havia uma loja montada (estande) vendendo os produtos do Tony Robbins. Comprei a sacola com o material dado no evento para quem tinha pago o ingresso de maior valor. A sacola era de cor preta, escrita Tony Robbins Brasil em verde e amarelo e com os patrocinadores - Indústria do Conhecimento e *Success Ressources* - estampados na sacola. Dentro tinha um copo, um *squeeze* de água, uma caneta, um bloco de anotações, tudo personalizado com o nome do evento e os patrocinadores. Gastei em torno de R\$ 30,00. Além disso, tinha chaveiro, camisetas, canecas e copos para vender no estande. Saindo dali, fui visitar o estande do Instituto Brasileiro de *Coaching* (IBC), do qual o palestrante José Roberto Marques era presidente. Para vender, havia livros escritos por ele e produtos do IBC. Eu comprei as “100 perguntas poderosas⁴⁶”, ferramenta utilizada nas sessões de *coaching*, onde constam 100 cartões com perguntas sobre sessão de *self coaching* ou sobre sessão de *coaching* de carreira.

Comprei as duas versões. No verso da caixa diz “O jogo de cartas que você tem em mãos traz 100 perguntas para que você possa conduzir as mais poderosas sessões de *self coaching* (ou de *coaching* de carreira). Crie uma forma de usá-las, lembre-se que cada pergunta leva a um mundo de possibilidades que você, *coach*, saberá como explorar para criar *insights* extraordinários” (IBC, 2018). Abri e li alguns exemplos de perguntas do *self coaching* nesse jogo de cartas, entre elas: “Quais são suas maiores conquistas até aqui? Quem é sua família? Qual seu sentimento com relação a ela? O que quer dizer espiritualidade para você? O que o sentimento de gratidão representa para você?”. Já no jogo de perguntas sobre *coach* de carreira, algumas das reflexões propostas eram: “O que você deseja alcançar como profissional? Fale sobre sua capacidade de liderar. Você almeja ser um líder na sua profissão? Que sentimento você tem sobre ‘mudanças’? Você se sente estagnado ou progredindo? O que vem primeiro vida pessoal ou trabalho?”.

Saí dali e comprei uma pipoca. Os estabelecimentos de comida já estavam fechando. Continuei caminhando pela praça de alimentação e vi um grupo na volta de alguém. Era José

⁴⁶ Disponível em: <https://www.ibcshop.com.br/acessorios/100-perguntas-poderosas-de-self-coaching>. Acesso em: 20/01/2021.

Roberto Marques conversando com umas cinco pessoas. Eu, com meu balde de pipoca, fiquei ali, junto com eles. Ele, muito simpático, respondia às perguntas que o grupo fazia sobre os próximos cursos do IBC. As pessoas estavam empolgadas, abraçavam e tiravam fotos com ele, parecendo grandes amigos. Ele olhava e sorria para todos nós que estávamos ali. Alguém o chamou para começar uma reunião e, ao sair, perguntou se podia pegar uma pipoca minha. Sorri, disse que sim e pedi uma *selfie*. Tiramos a foto, eu e ele, e saímos cada um para um lado, comendo pipoca.

Ao sair do local, vi que tinha muito trânsito e uma fila esperando para pegar Uber. O trânsito era organizado por um grupo do evento, porém era intenso. Voltei para o meu hotel e, no dia seguinte, para a minha cidade. Nesse momento, eu já havia recebido por e-mail meu certificado de participação do evento, concedido pela Indústria do Conhecimento e *Success Resources* certificando que participei, segundo eles, do

Day Training no evento Tony Robbins Brasil, em São Paulo, no dia 09 de agosto de 2018, com carga horária de dez horas, comprometendo-se a partir deste dia, pautar suas ações em valores mais elevados e continuar a moldar sua qualidade de vida (TONY ROBBINS BRASIL, 2018).

Um ano depois, em 2019, como disse, eu havia chegado mais madura para a imersão *Desperte seu Poder* do Instituto Brasileiro de *Coaching* (2019). Participei de todos os momentos do evento, fiz muitas anotações, observei, realizei as tarefas e me concentrei durante os ensinamentos e meditações. O espetáculo era muito intenso e com poucos intervalos. Assim como no outro evento, era muita gente para dividir aquela praça de alimentação que tinha poucos restaurantes e banheiros. O horário de início era muito cedo e o de término muito tarde. Era bem pouco tempo para socializar com os participantes e não conseguíamos conversar durante o evento porque era preciso prestar muita atenção para não perder nenhuma tarefa pedida. Se ouvíssemos um burburinho na multidão, os participantes pediam silêncio e os “anjos” que cuidavam do evento paravam do lado de quem estava conversando.

No terceiro e último dia do evento, eu estava muito cansada. Eu tinha participado de todo o evento do DSP, cumprindo o horário marcado e realizando todos os exercícios ordenados. O tempo de sono entre uma noite e outra era pouco, afinal, saíamos meia-noite do evento e, no outro dia, antes das 9h já estávamos lá novamente. As cadeiras eram estofadas, mas o tempo que ficávamos sentados era muito grande. Eu, a cada intervalo do evento,

sentava em um local diferente para tentar socializar ao máximo, mas como eu disse, tudo era muito rápido e intenso. Noto que, nos dois espetáculos, os intervalos eram corridos, já que era preciso se alimentar, ir ao banheiro, retocar a maquiagem e desodorante (afinal suamos muito de tanto que pulamos e nos mexemos).

Eu estive ali nas duas imersões, como me pediram, suspendendo meu julgamento e aberta para pensar e fazer o que viesse à mente ou o que fosse pedido. Sinto que, no primeiro dia do DSP e nas primeiras horas do Tony Robbins Brasil, estávamos nervosos, com olhar ansioso sem saber o que aconteceria. Tínhamos vergonha de cumprimentar o colega ou puxar assunto, quanto mais tocar na pessoa, mas, ao mesmo tempo, ao fazermos os exercícios pedidos, em dupla ou trio, parecia que conhecíamos aquela pessoa há muitos anos, já que contávamos a ela o maior ou os maiores segredos da nossa vida.

Nesses dois eventos e pelo que entendi também em um processo de *coaching* individual, o primeiro momento era um olhar pra dentro de si, para nos conhecermos e nos livrarmos das faltas. Todos no palco estavam empolgados tentando nos manter motivados e dar esperança para continuarmos nossa transformação durante os acontecimentos que viriam. No segundo momento dos eventos, já estávamos mais emocionados devido aos exercícios de olhar para dentro de si e se conhecer, perdoar nossa história, fazer nosso ritual de penitência passando a vida a limpo. A emoção tomava conta, mas estávamos com esperança e sentindo-nos empoderados, com a sensação de que tínhamos deixado as coisas ruins para trás. Tínhamos recomeçado: já estávamos mais sorridentes, mais abertos a mudanças, querendo saber o que fazer para sermos melhores.

Não parecíamos amargurados, ansiosos. Naquele momento, estávamos acreditando (ou desconfiando) que a vida podia ser melhor. Já sorriamos uns para os outros e puxávamos assunto. As costas doíam, tínhamos descansado pouco nos dois eventos devido à agenda e horário exaustivo, mas, quando entrávamos no local, após cada intervalo, a energia boa, alegre e de esperança tomava conta e conseguíamos aguentar mais algumas horas sentados ou pulando.

No último dia do evento do DSP, eu procurei aquele participante que tinha caído no chão durante a meditação do elefantinho, afinal aquilo tinha sido muito estranho. Quando o encontrei na fila do almoço, me apresentei e perguntei se ele estava bem já que eu estava sentada próxima a ele e fiquei muito assustada com o que aconteceu durante a meditação. Ele respondeu que estava muito bem e que aquilo aconteceu porque ele realmente estava no estado de transe durante a meditação. Revelou que não tinha se machucado, apenas com uma

dor no ombro porque se jogou no chão, imaginando que ele era o elefantinho e que precisava lutar para vencer as amarras. Contou que estava molhado, porque na hora em que se jogou no chão, derramou a água que estava segurando, mas que estava bem e que isso já tinha acontecido com ele em outras meditações. Ele contava isso, sorridente, empolgado e, de uma forma alegre, elogiava muito o IBC, dizendo que já tinha feito todos os cursos deles, que todos lá já conheciam ele.

Até hoje eu penso se essa cena durante a meditação era verdade ou fazia parte de um roteiro do IBC. Aliás, eu até hoje penso se realmente aquelas pessoas compraram os cursos caros oferecidos lá ou ainda se o choro da Elany Leão e do Marcus Marques eram reais. Nesse último dia do DSP, ao final do evento, em algum momento, estou sentada, exausta, mas prestando atenção e anotando muito em meu caderno de campo. Olho para o lado e vejo uma menina com a camiseta do IBC. Atrás da camiseta, estava escrita a seguinte frase: “Exausta, porém plena!”. Eu sorri e concordei com a cabeça porque era exatamente assim que eu me sentia.

A expressão “exausta, porém plena”, estampada na camiseta, parece ser o início de alguns pensamentos sobre a análise do fenômeno do *coaching* no Brasil e sua relação com o indivíduo empresário de si, o objetivo deste trabalho. Pensando que esse estudo nasceu da ideia de continuar minha investigação sobre o discurso do empresário de si que eu havia desenvolvido no mestrado, noto que, após essa análise sobre o *coaching*, algumas reflexões precisam ser feitas e complementadas.

Neste estudo, parti da ideia de que o neoliberalismo é um fenômeno que transforma nossa forma de estar no mundo (ROSE, 1990) já que amplia para outras esferas da vida a forma empresa, disciplinando as condutas e provendo esse autogoverno dos indivíduos (DARDOT E LAVAL, 2016). Dessa maneira, para vencer (no mercado e na vida), é preciso internalizar a forma empresa, tornando-se empresário da própria vida (EHRENBERG, 2010) e ser o único responsável por si mesmo. Considerando que na área de Estudos Organizacionais não foram encontrados estudos que realizassem a relação entre o tema empresário de si e *coaching*, a ideia aqui é suprir essa lacuna e avançar um pouco nessa discussão.

A partir dos estudos de Foucault (2014) sobre o governo das condutas e pensando sobre o eu ideal do neoliberalismo, pode-se inferir que o fenômeno do *coaching* é um dos responsáveis por atualizar essa forma de governo do neoliberalismo, construindo ou reificando um comportamento ideal a ser seguido. Ao que parece, em 2014, quando estudei o empreendedor de si através do discurso do SEBRAE, era preciso que o indivíduo, nessa

lógica empreendedorística, virasse seu próprio patrão ou internalizasse as características empreendedoras para vencer, em meu pensamento, no mercado de trabalho.

Porém, considerando que neste trabalho entendo que, nessa crise de governamentalidade neoliberal, o indivíduo empresário de si emerge e é construído e reificado a partir do fenômeno do *coaching*, após analisar o evento Tony Robbins Brasil e Desperte seu Poder do IBC, retomo a pergunta de pesquisa desta tese: Como o fenômeno do *coaching* se relaciona à constituição do indivíduo como empresário de si? Tais percepções foram possíveis de chegar ao fazer uso das categorias estabelecidas aqui para análise deste estudo: batismo, ou seja, a morte voluntária da primeira vida, entendida como o momento no qual nos libertamos dos erros; a penitência, quando Cristo abre as portas do perdão pela segunda vez e é possível passar a limpo nossas ações; e a direção de consciência, com as técnicas que nos fazem entrar numa ordem (FOUCAULT, 2014).

No fenômeno do *coaching*, os eventos parecem seguir a mesma ordem, assim como as três práticas do cristianismo: num primeiro momento, olho para dentro de mim (quero me conhecer); em um segundo momento, vou me transformar e brigar, expulsar esse outro eu que está em mim; e, no terceiro momento, vou agir, manifestar/confessar o que sinto e seguir os exercícios para alcançar. Nessa tentativa, a premissa básica é de que, quanto mais eu me conheço, mais eu me curo e curo os outros (IBC, 2021) ou ainda, quanto mais esse indivíduo evoluído busca ser perfeito, mais ele é dirigido para a salvação (FOUCAULT, 2014).

Percebi, na análise dos dados, que o empresário de si, esse indivíduo que para Foucault (2014) é alguém que faz dele seu próprio capital, sendo para si mesmo esse capital, é visto pelo fenômeno do *coaching* como alguém com energia, participativo, que venceu seus medos, valoriza sua família e é comprometido em dar o seu melhor. Além disso, é livre de julgamentos, honra e respeita sua própria história, a dos pais e das pessoas que se relaciona e é conectado com seu nível mais profundo. É um ser de luz/iluminado. Para além da ênfase na ação e da pouca reflexão, como mencionaram Dardot e Laval (2016), o empresário de si constituído pelo *coaching* é também um homem de fé, espiritualizado e que recorre ao otimismo para suportar o fracasso ou os dilemas do mundo real.

Esse perfil é construído pelo fenômeno do *coaching*, fenômeno este que se autointitula como um movimento filosófico com alma e que busca mudar o mundo, despertar a melhor versão, desenhar o futuro, acelerar objetivos e metas, lidar com os medos e proporcionar uma vida extraordinária. O estilo de seus eventos é dinâmico e fazem o público experimentar sensações e sentir-se parte de algo. Os *coaches* fazem uso de palavras exageradas

e também de termos como quântico, espiritual, prosperidade, alma, perdão, profetizar, gratidão; além de termos em inglês e palavras. O “*start*” para se tornar *coach* ou para a transformação, normalmente, é a partir de uma experiência de quase morte (com ele mesmo, ou alguém próximo), denominada por eles como EQM e que o faz mudar de vida. Seus valores de vida são judaico-cristãos.

O *coaching* promete felicidade e transformação em curto espaço de tempo, recorre à ciência, mas também a um conjunto de conhecimentos de cunho religioso/espiritual e de senso comum (dinâmicas e relatos do cotidiano). Sugere que a maturidade humana se dá através da espontaneidade, merecimento, dos verbos dar e receber, da aceitação da dualidade do ser humano, da ideia de autorresponsabilidade (de que precisamos de nós mesmos e de que tudo é culpa nossa), flexibilidade e do recomeço pelo amor. Relaciona a ideia de prosperidade com a capacidade de ajudar os outros (doações), agradecer, declarar, arriscar e solicitar ao universo.

Nessa dinâmica, para enriquecer, é preciso alcançar objetivos e acreditar que rotinas de excelência fazem pessoas de excelência (quanto mais formação, melhor). Além disso, a liberdade é associada ao ato de perdoar (parar de sofrer por aquele episódio), é preciso ter iniciativa (ritualizada através de expressões como “tirar a bunda da cadeira”, “sair da zona de conforto”, “entregar a mais para o cliente”, “ser protagonista” e “declarar o interesse”), sugerindo que o mundo é de resultados e próspero. Autoconhecimento, resiliência, positividade e ação são exaltadas como as quatro atitudes empreendedoras e todos são considerados empreendedores porque, para eles, o empreendedor é alguém que empreende sua história.

O trabalho é algo a ser adorado e carrega a ideia de legado/chamado e não mais de carreira e missão. A receita de sucesso é atalhar, lendo ou sendo inspirando por pessoas que já conseguiram alcançar os seus objetivos e tendo em mente que quanto mais energia dermos, maior será nosso ganho. Além disso, o empreendedorismo continua sendo associado à iniciativa, determinação, fracasso previsto, mas associa-se também à ideia de algo maravilhoso, sonhar grande, ensinar a sonhar, intermediar felicidade das pessoas e às palavras propósito e alma. Se, antes, qualquer um poderia se tornar empreendedor, hoje, todos somos empreendedores, pois, além das características que já faziam parte do conceito, como correr riscos, ser dinâmico, ter iniciativa, o empreendedor de hoje, repito, é aquele que está empreendendo a sua própria história.

Muito distante daquilo defendido pelos clássicos da economia, como Schumpeter, Say, Cantillon, o empreendedor é agora alguém que é o responsável por intermediar a felicidade e os sonhos e a ideia de abrir um negócio, uma empresa, hoje é residual. Seu espaço de trabalho muda e sai da empresa (PAES DE PAULA, 2002) e agora aparece no palco. No estilo de um animador de plateia, esse empreendedor de palco empodera esses indivíduos e fabrica robôs-alegres (BINKLEY, 2011), trazendo ensinamentos, na tentativa de promover o capital humano de cada um, a partir de conselhos e abordagens teóricas e/ou técnicas apresentadas de maneira simplista. Um exemplo desse tipo de abordagem foi o tão esperado ciclo de sucesso utilizado por Tony Robbins nas suas 51 empresas. Em síntese, tal ciclo não foge daquilo corriqueiramente evidenciado na literatura de negócios ou em cursos de Administração.

Tais ensinamentos são disseminados a partir de *slides* com fotos contendo frases/citações de impacto “assinadas” por alguém importante na história, porém deslocadas de contexto e esvaziadas de conteúdo. Além dessas frases, há também dinâmicas e tarefas que prometem mudar a fisiologia (a “energia quântica” e até o DNA!), sugerindo que a resposta está dentro de cada um e que, com o pensamento positivo ou o poder da mente, conseguimos qualquer coisa.

Tudo isso revela que, apesar de fazer menção a aspectos científicos, cuja ocupação é com a descrição da realidade, o fenômeno do *coaching*, para ensinar esse modo de se comportar, essa outra forma de vida, adota uma abordagem essencialmente prescritiva (dever ser, dever fazer), que faz daquele grupo testemunha dessas ações, desse “querer ser/fazer/mudar” e que, ao romantizar a força do pensamento, despreza a essência do que nos constitui como sociedade: as relações sociais, como por exemplo, as relações de poder, a concorrência, a exploração, etc.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Lua de cristal, que me faz sonhar
Faz de mim estrela que eu já sei brilhar
Lua de cristal, nova de paixão
Faz da minha vida, cheia de emoção
(Lua de Cristal, Xuxa)*

Chego ao final desse trabalho refletindo que esse estudo teve início muito antes do que imaginei. No ano de 2012, com a minha dissertação de mestrado em Sociologia, que objetivou analisar o papel do SEBRAE na disseminação e reprodução do empreendedorismo no Brasil, percebi que o espírito empreendedor era disseminado pela “voz” do SEBRAE (que também era a “voz” do Estado) como uma receita de sobrevivência. Além disso, o indivíduo encontrado nas minhas pesquisas, que, calcada em um estudo de Barbosa (2011), chamei de empreendedor de si, era alguém que internalizava as características empreendedoras e, para sobreviver, era convocado a virar-se por conta própria, buscar sempre mais e não olhar para trás.

Essa ideia e esses resultados encontrados na dissertação estiveram presentes na seleção para o doutorado e continuaram comigo ao longo de todo o processo, porém, em algum momento, percebi que o conceito de empreendedor de si que eu havia adotado era insuficiente, uma vez que não parecia representar exatamente o que era disseminado como o indivíduo de sucesso da atualidade. Como eu disse anteriormente, esse indivíduo estava diferente: ele tinha algo mais, que, na época, eu ainda não sabia o que era, mas suspeitava que tivesse a ver com espiritualidade.

No ano de 2017, entrei para o curso de Doutorado, mas foi somente em 2018 que, interessada nos estudos de Foucault (2008) sobre a arte de governar e no que ele chamou de empresário de si, comecei a refletir sobre o neoliberalismo como regime de governo e me aprofundar sobre o que seria esse indivíduo da atualidade. Encantada pelas discussões de Foucault (2014), percebi também que poderia projetar meu olhar para algo que me despertava curiosidade e dor de estômago: o discurso raso e curioso do *coaching*, que crescia de forma ampla e desenfreada, chegando, inclusive, à novela do horário nobre da maior rede de televisão brasileira. Desconfiei que talvez esse fenômeno pudesse contribuir para refletir sobre essas manifestações do eu no neoliberalismo.

Depois de algumas leituras, cheguei ao objetivo geral desta tese: “Analisar como o *coaching* atua na constituição do indivíduo empresário de si”, esboçando os seguintes

objetivos específicos: identificar e selecionar os sujeitos/organizações do *coaching* no Brasil; analisar, a partir dos dados empíricos coletados, o fenômeno do *coaching* no Brasil; e, por fim, discutir as manifestações dos *coaches* selecionados e sua relação com o empresário de si.

Ao longo das leituras, ao perceber que na obra *Do Governo dos Vivos*, Foucault (2014) discute regime de governo e o faz a partir do exemplo do cristianismo primitivo, comecei a pensar o fenômeno do *coaching* a partir, não do regime da fé do cristianismo, mas do que o autor estabeleceu como lente também: o regime de reconhecimento das faltas que, segundo ele, organiza-se em torno de três práticas: o batismo, a penitência eclesial e a direção de consciência. Feito isso, iniciei a pesquisa a fim de identificar e selecionar os sujeitos/organizações do *coaching* no Brasil e cheguei a três nomes: o Instituto Brasileiro de *Coaching* – IBC (mencionado na novela da rede Globo), Febracis *Coaching* Integral Sistêmico e a Sociedade Brasileira de *Coaching* (SBC).

Ao realizar essa primeira pesquisa, verifiquei na página do IBC que aquele que é considerado o maior *coach* do mundo, Tony Robbins, estaria pela primeira vez na América Latina, em um evento intitulado Tony Robbins Brasil, ocorrido em São Paulo no ano de 2018. Nesse dia inteiro de treinamento, ouvi, dentre outras palestras, o *coach* e presidente do IBC, José Roberto Marques, que, ao final de sua fala, presenteou cada participante com um ingresso para um curso do IBC. Essa imersão intitulada *Desperte seu Poder*, tinha duração de três dias e seria realizada em 2019 em alguma capital de escolha do participante: eu escolhi participar em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Esses dois eventos deram origem à coleta de dados primários da pesquisa, realizada a partir da técnica de observação participante. Além disso, o material fornecido nesses eventos, a saber: o livro *Desperte seu Poder* e o curso *on line* de 12 semanas de *autocoaching*, intitulado *Ferramentas do Desperte seu Poder*, materiais de divulgação, sites e redes sociais compuseram os dados secundários dessa pesquisa, que foram tratados mediante análise de conteúdo conforme Bardin (2016).

Continuando a pesquisa e refletindo sobre o fenômeno do *coaching*, retomo aqui o meu ponto de partida da tese. À época, adotei a ideia de que o *coaching* era a catarse neoliberal e reforçava a ideia de indivíduo empresário de si. O que eu tinha em mente era que essa catarse, essa expurgação se dava na virada/conversão para uma vida transformadora em algum momento da formação em *coaching* ou da participação no evento. Porém, no final desse trabalho, concluo que nessa teatralização que compõe o processo de *coaching*, a catarse não acontece em um dado momento (no momento de iluminação ou de conversão, por

exemplo). Hoje, eu entendo que o evento inteiro é a própria catarse, que essa purificação/expurgação acontece o tempo todo durante os espetáculos.

Digo isso refletindo sobre o estudo de Binkley (2011) e esse movimento de terapização e de cura. Se adotarmos que essa concorrência imposta pelo neoliberalismo sugere uma busca incessante, antes por qualificação/técnicas, mas agora pela melhor versão de si mesmo, é possível pensar que esse regime propicia a existência de um adoecimento dos indivíduos por não terem alcançado o objetivo e por não conseguirem fazer parte desse cenário de sucesso, felicidade e prosperidade que lhes foi prometido. Dessa maneira, se havia já um desamparo em termos de garantia de direitos fundamentais por parte do Estado, hoje, existe também um desamparo psíquico, no regime do neoliberalismo, que incentiva essa indústria do sofrimento e do ressentimento que, por sua vez, vai alimentar a indústria da cura, ou melhor, da felicidade, já que hoje o sucesso se dá a partir do trauma e da história de sofrimento (EQM), mas permanecer infeliz já é um sinônimo de fracasso.

Com isso, o fenômeno do *coaching* que, na propaganda, exalta os encontros alegres, com música alta, danças, abraços, sorrisos e choros, apresenta no processo também um misto de ciência e espiritualidade, sugerindo que podemos ser o que quisermos, pois já temos tudo o que precisamos. Parece que a busca e a oferta por cursos para qualificação nessa economia/mercado dos afetos, objetiva melhorar o que já se é para chegar ao mais próximo da perfeição, ou seja, nesse mercado de gerenciamento das emoções, o produto é um indivíduo cada vez mais “especialista em si mesmo”, que, a partir de um trauma, evolui, busca a solução em si mesmo e consegue ser feliz e próspero.

Para ilustrar esse argumento, recorro aqui à capa de um dos livros mais vendidos no evento *Desperte seu Poder*, de Porto Alegre, em que o *coach* José Roberto Marques está sentado em posição de meditação e, ao fundo da imagem, estão as pirâmides do Egito, um helicóptero, um carro da marca BMW e uma placa do evento *Desperte seu Poder* (DSP). Esse movimento de bondade, ou “Exército do bem” como eles se intitulam, tem crescido muito nos últimos anos no Brasil, tanto por meio de pessoas que buscam esses cursos ou palestras, ou àquelas que fazem a formação em *coaching*. A inspiração é em Tony Robbins, considerado o maior *coach* do mundo, que tem seu comportamento e técnicas seguidas e aplicadas. Os nomes dos eventos, expressões e as palavras de ordem são muito próximas ou às vezes até as mesmas.

Importante mencionar ainda que, ao adotar o cristianismo primitivo nesse trabalho, minha ideia foi utilizá-lo como lente teórica para analisar o fenômeno do *coaching*. Porém,

após observar os eventos e examinar os dados, percebo que, no fenômeno do *coaching*, os valores judaico-cristãos estavam muito presentes desde os primeiros minutos dos dois eventos. As palavras “família”, “Deus” e “Brasil” eram frequentes e pareciam sugerir o que defendeu Brown (2019), de que as coordenadas da religião e da família ganham legitimidade como valores públicos e, ao se juntarem ao mercado, moldam a cultura pública para deslocar a democracia. Digo isso, pois o evento aconteceu em agosto de 2018 e talvez já fizesse parte de todo um cenário que aconteceria nas eleições presidenciais de outubro de 2018, as quais anunciavam no Brasil a chegada de um governo defensor de uma nação “privatizada e familiarizada” (BROWN, 2019, p. 143).

Esse discurso do *coaching* analisado aqui parece sugerir essa formulação do neoliberalismo sobre a liberdade, que inspira e legitima a extrema direita para justificar suas violações, violentas ou não, e que objetivam não apenas expandir o capital, mas assegurar a hegemonia branca, masculina e cristã (BROWN, 2019). Assim, ainda que esse estudo tenha partido do cristianismo primitivo como lente para analisar o neoliberalismo e o *coaching* como elemento que constitui o empresário de si, ao final deste trabalho, entendo que o cristianismo primitivo não ficou lá nos séculos II ao V e descolado da atualidade, mas que ele, no Brasil, aparece atualizado e associado ao neoliberalismo na constituição do empresário de si, caminhando lado a lado.

Como exemplo disso, podem-se citar as políticas econômicas que primam por liberdade, a lógica de concorrência e de autorresponsabilização e ainda através dos elementos morais do conservadorismo judaico-cristão. Se lembrarmos dos eventos analisados aqui, podemos citar os valores de Deus e da reconstrução das famílias, mencionados a todo momento; o patriotismo de Elany Leão, ao fazer referência à bandeira do Brasil e a um país melhor; os valores xenofóbicos de Tony Robbins, afirmando que somente o muçulmano não chorou no evento que aconteceu no dia do atentado de 11 de Setembro dos Estados Unidos.

Refletindo sobre essas manifestações dos *coaches* selecionados no estudo e a sua relação com o empresário de si, é possível pensarmos que esse indivíduo (que ainda é um condenado a vencer) precisa sobreviver e não mais vencer apenas no mercado de trabalho, mas sim na vida. Porém, existe agora uma nova exigência: lapidar seu lado espiritual também, não para tornar-se uma pessoa boa, ou melhor, mas apenas para apontar-se como pecador.

Penso isso porque quando adoto as técnicas do cristianismo de reconhecimento das faltas como categorias desse estudo, a saber: batismo, penitência eclesial e direção de consciência, identifico que, nesses rituais dos *coachings*, há, assim como no cristianismo, uma

ordem que indica como devemos proceder para chegar à tão sonhada (e vendida) transformação. Na técnica do batismo, definido como esse segundo nascimento que encaminha para a purificação, as obrigações fundamentais a Deus, no cristianismo, e as características do comportamento do empresário de si, no fenômeno do *coaching*, são ensinados nos primeiros momentos para que se possa chegar ao processo de purificação/iluminação. Além disso, na penitência, essa ruptura que se desprende do passado e traz esse momento de conversão para a iluminação, através da *exomológesis* o catecúmeno, no cristianismo, se reconhece como pecador (*confessio*) e, no evento de *coaching*, o indivíduo se livra/cura de seus pecados ou faltas; em ambos os casos, de uma forma dramática/teatralizada. Na prática da direção de consciência, há essa obrigação de falar que, através da *exagoreusis*, traz essa discursivização de si mesmo.

Ao fazer isso, o indivíduo se identifica como aquele que tem faltas, erros e as reconhece diante de um outro. Nesse ato de confissão, que foi “pensada para produzir efeitos de salvação em um mundo de vida imperfeita e indefinidamente sujeita ao pecado” (AVELINO, 2017, p. 6), ele torna-se livre e expiado da culpa, culpa essa que atribuo ao fracasso ou à vontade de querer competir/vencer e orientar-se para o mercado. Nesse ato de confissão, ele se perdoa (para de sofrer) e consegue competir com todo seu poder/potencial. Conforme afirmaram Saraiva e Veiga-Neto (2009), se, no liberalismo, a liberdade de mercado era algo natural, no neoliberalismo, essa liberdade que é produzida e também é objeto de consumo desse regime de governo, deve ser constantemente maximizada para que todos possam entrar no jogo econômico.

Nesse cenário, a concorrência é o comportamento a ser seguido e esses *coaches*, ou empreendedores de palco, ou governadores da alma, ou administradores do eu (ROSE, 1988), vendem sonhos, felicidade para esses indivíduos ressentidos, ansiosos, culpados e sedentos por uma receita rápida sem grande esforço. Esses *coaches*, ou empreendedores do eu, fazem do fenômeno do *coaching* o suprassumo da cura rápida, já que, em um dia ou em um final de semana, a ideia vendida é de mudança de comportamento, quebra das crenças limitantes para que todos saiam “transformados”. Quando uso aqui a palavra “todos”, refiro-me tanto ao público que está participando quanto aos próprios *coaches* que estão dando curso/imersão, já que defendem estar também aprimorando suas habilidades ao longo dos processos.

Esse público, ressentido por não ter conquistado, está novamente inserido, fazendo parte agora do que eles chamam de “Exército do bem”. Já que o neoliberalismo defende a

meritocracia, esse indivíduo empresário de si, criado por esse regime de governo, entende que ele é sim merecedor.

Importante mencionar ainda que tal estudo tenta suprir uma lacuna na área de Estudos Organizacionais, a partir dos desdobramentos dos dados empíricos sobre o processo do organizar e das organizações. Dessa forma, pode-se dizer ainda que, nessa constituição do empresário de si, assim como as organizações se tornam mais flexíveis, ao que parece, esse indivíduo-empresa, carrega e é, em si, uma nova forma de organização que se enriquece através da sua história. O processo de *coaching* sugere que não devemos ter vergonha de falar sobre algum evento antes secreto, da vida pessoal ou profissional, já que agora esse é vendido para milhares de pessoas num palco no país e mundo afora, até porque o empreendedor de hoje é alguém que empreende a sua história, e claro, faz isso em um palco e não mais dentro da empresa. Seu sucesso está na arte de contar e de vender essa história, seja ela de vida ou profissional.

No cenário do empreendedorismo onde o fracasso está previsto, o *coaching*, com sua formação rápida e de certa forma barata (já que consegue pretensamente despertá-la em um final de semana e precisa de pouco investimento), encaixa-se como um processo de cura/transformação ou, para aqueles indivíduos que escondem o fracasso/sofrimento, mostra-se apenas como algo a mais no currículo. Então, se antes as técnicas eram necessárias, hoje, com o fenômeno do *coaching*, a alma e o inconsciente entram no jogo de produção dessa verdade, e agora as histórias e as memórias são o passaporte para vencer.

Assim, é possível pensar que a forma de inserção no mercado de trabalho (ou de socialização na vida) se dá a partir dos traumas, das experiências íntimas, dos segredos (esses geralmente grandes ou parecendo grandes) ou na linguagem do *coaching* aparecem na forma de alguma EQM (experiência de quase morte), que serve como divisor de águas na vida daquele indivíduo ou daquele “profeta” que está contando.

Essa audiência busca, no processo de *coaching*, os mestres que “venceram” e têm o atalho de como conseguir tudo isso, para reinventar seu modo de estar no mundo. São pessoas descoladas, que misturam um discurso religioso com o palavrão e as gírias, mostrando o paradoxo de serem pessoas comuns e humildes (como, por exemplo, o fato de não ter um dente ou usar terno barato), mas pretensamente evoluídas espiritualmente, que chegaram ao topo e hoje são intocáveis (como, por exemplo, cobrando um valor exorbitante para tirar uma foto).

É possível pensar ainda que, se a empresa busca lucro, esse indivíduo-empresa, que não é autônomo mas sim heterônomo, uma vez que se sujeita a uma lei/ordem ou à vontade de outro, potencializa, através desses administradores da alma, o eu (já que conta apenas consigo mesmo) e busca prosperidade. Para alcançar tudo isso, os espíritos devem ser controlados e as pulsões canalizadas (GAULEJAC, 2007) e minha ideia, aqui nesta tese, foi pensar o neoliberalismo, esse produtor de empresários de si, como um regime de verdade, já que a alma do cidadão entrou na prática do governo, conforme já indicava Rose (1988).

No início da escrita, eu sabia que, se o cristianismo, conforme sugere Foucault (2014), é uma confissão, impõe aos indivíduos não somente a obrigação da verdade, mas a de saber quem é e o que acontece consigo na tentativa de conhecer as tentações a que se está exposto e testemunhar contra si mesmo. No cenário do neoliberalismo, a palavra de ordem é concorrência e, se pensarmos que o “*Homo oeconomicus* é um empresário, e um empresário de si mesmo, sendo ele o seu próprio capital, sendo para si mesmo o seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de sua renda” (FOUCAULT, 2008, p. 308), é possível dizer que, nessa condução das condutas da agenda neoliberal, o objetivo é o autogoverno do indivíduo (essa relação consigo mesmo).

Apesar de concordar com a afirmação de Lazzarato (2017, p. 175) de que a “negociação permanente consigo mesmo é a modalidade específica da subjetivação e do controle próprios às sociedades neoliberais”, reflito sobre a sua afirmação de que o “indivíduo, isolado pela sua própria liberdade, é remetido não apenas à concorrência com os outros, mas também consigo mesmo” (LAZZARATO, 2017, p. 175). Para mim, após a análise dos dados, entendo que, impulsionado pelo fenômeno do *coaching*, o empresário de si é alguém que concorre, mas não mais com os outros e sim com ele mesmo.

Os *coaches*, nas formações, referem-se a cada um de nós ali presentes, utilizando, por exemplo, a palavra “você” no singular e não no plural, ainda assim, pedem que levantemos a mão a todo momento para responder alguma pergunta numa espécie de engajamento/comprometimento com o que está sendo dito. Ainda assim, eles, muitas vezes, descem do palco e falam, olham ou tocam em alguma pessoa do público. Ao recebermos esse contato olho no olho, combinado com essas ações de empoderamento e engajamento, o que parece é que somos os únicos ali naquele salão, apesar daquele grande público, e que esses empreendedores de palco estão falando exclusivamente conosco ou pra gente. Os exercícios realizados pedem que pensemos sobre nossas vidas, nossas características e medos, mas nunca pensando no coletivo, apenas no eu. As respostas a essas perguntas também indicam

posicionamentos individuais, e não, por exemplo, relacionados à sociedade. Nesse esvaziamento de pensar o coletivo, a ideia que se tem ali é que parece não haver mais ninguém, tanto naquele grande evento, como no mundo. Somos ali o indivíduo-empresa que agora precisa otimizar os processos, olhando para dentro de si e se curando cada vez mais. E tudo isso acompanhados de nós mesmos.

Com isso em mente, ao considerar que um bom governo é aquele em que as pessoas se autogovernam, conforme afirmou Rose (1988), é possível pensar que no neoliberalismo o foco e o fim são o indivíduo empresário de si. Dessa forma, embora a ideia de empresa funcione como um referente, a empresa, enquanto organização ou instituição, não é central nesse processo. Isso não quer dizer que o empresário de si não concorra, mas que nesse projeto de governo pela liberdade, ele não está ligado a ninguém, apenas a ele mesmo, ou seja, ele não concorre na ou contra a organização ou a instituição. Ele, como organização, pulveriza a ideia de coletivo, competindo, antes de tudo, contra si próprio.

Dessa forma, acredito que o fenômeno do *coaching*, nesse ritual de produzir felicidade, indivíduos não sofrentes ou, como disse Binkley (2011), produzir robôs-alegres, mostre-se como uma forma atualizada do neoliberalismo de conduzir os vivos. Nesse livro de Foucault (2014), ao pensar sobre a maneira como somos dirigidos para a salvação (AVELINO, 2012), nessa relação de submissão de um dirigente e dirigido, ilustrados aqui pelo *coach* (aqueles deuses-profetas dos eventos) e o *coachee* (nós, o público-testemunhas), entra-se num estado de obediência que, juntamente com a confissão, torna-se importante para pensarmos a subjetividade e verdade no Ocidente Cristão.

Importante lembrar que Foucault (2014), em sua última aula do curso de 1980, apresentando algumas leis que sugerem a importância do que está dentro da gente (Lei do aprofundamento ao infinito); de arrancar a interioridade (Lei da exteriorização); e de inclinar-se ao secreto e detectar o que está oculto em mim (Lei do tropismo). Para ele, nessa aleturgia de mim mesmo, é preciso renunciar a sua própria vontade para poder produzir verdade, o que produz a subjetividade cristã: esse procedimento de mortificação de si e produção da verdade de si mesmo.

Ao fazer essas observações, Foucault (2014) encerra o curso de 1980 e nos dá pistas para relacionar o cristianismo, a religião dos perfeitos, com o fenômeno do *coaching*. Digo isso, pois, se pensarmos que a crise de governamentalidade (SHOUKRY E COX, 2018) atual, que o neoliberalismo produz, abre espaço para discursos referentes ao sujeito e ao modo de estar no mundo, é possível pensarmos que o cristianismo primitivo pode ser inspiração para a

prática do *coaching*, uma vez que essa subjetividade cristã (da veridicção de si para renúncia de si) se faz por oposição ao tema da perfeição, a fim de estabelecer uma religião da salvação desvinculada da perfeição.

Dito de outra maneira, o cristianismo marcou a imperfeição para esses que pensavam estar salvos quando separou o conhecimento de Deus e o conhecimento de si (indispensável para chegar à perfeição). Era preciso crer em Deus e conhecer a si mesmo (uma tarefa de constante aperfeiçoamento jamais concluída). Além disso, Foucault (2014) observa que a relação de subjetividade e verdade aparece através de três formas no cristianismo: a provação da alma no batismo (a mortificação), a publicação de si na penitência e na *exomologese* (o outro ou o Satã) e a exploração dos segredos e mistérios na direção e *exagoreusis* (a verdade). Foucault (2014) afirma que, mais importante do que o batismo e a penitência, é a direção na história da subjetividade e verdade já que, nessa cultura cristã, somos obrigados a falar nós mesmos para dizer a verdade.

Dessa forma, se pensarmos que, para haver poder, é preciso que haja manifestação da verdade, o neoliberalismo, adotado aqui como um regime de governo, opera como um regime de governo pela verdade, isto é, um regime em que é preciso confessar os segredos. Na medida em que um governo eficiente é aquele em que as pessoas se governam (ROSE, 1988), o neoliberalismo parece não ter como foco a forma como um indivíduo é governado, mas sim depender da forma como ele próprio vai se governar. Nessa manifestação da verdade em torno do eu mesmo, nessa autoaeturgia, o indivíduo se governa conformado que está ali por ele mesmo e aceitando aquelas normas de ser conduzido, o que Foucault (2014) intitulou como um governo pela liberdade.

Além disso, o autor defende que toda tragédia grega é uma aeturgia, um dizer-a-verdade, já que, na cena de teatro na Grécia, a verdade vem à luz através dos heróis e mitos, na sede de um oráculo ou em uma praça pública e, nessa tragédia de Édipo Rei a que ele se refere no curso, nessa dramaturgia da verdade, Édipo é o próprio motor da tragédia, pois busca a verdade e descobre ser o objeto da procura. Nesse sentido, é possível pensar que o *coaching*, através dessa lei das metades entre deuses e testemunhas (*coaches* e *coachees*), sugere que deixemos escapar nossos segredos e mostremos nossa alma para encontrarmos a verdade. O *coaching* parece ser a própria tragédia grega e nós, Édipos/testemunhas, o motor dessa tragédia.

Dessa maneira, conforme sugere Foucault (2014), não se tem mais necessidade de ser rei ou de matar o próprio pai, esposar a própria mãe, nem reinar sobre a peste para

descobrir a verdade sobre si mesmo. Ele afirma que, para sermos obrigados a dizer a verdade sobre nós mesmos, precisamos não mais interrogar a um escravo, assim como Édipo, “precisamos simplesmente interrogarmo-nos no interior de uma estrutura de obediência sob o olhar de um outro e de quem quer seja” (FOUCAULT, 2014, p.139). O cristão não tem a verdade acima de sua cabeça assim como Sétimo Severo, mas a tem no fundo de si mesmo, constrangido a revelar a um outro, fazendo com que essa colocação em manifestação da sua verdade não seja uma obrigação essencial, mas sim “uma das formas primeiras da nossa obediência” (FOUCAULT, 2014, p. 140).

Se considerarmos que a confissão é “um mecanismo de controle e instrumento de salvação, e adquire função normativa e de estabilização da subjetividade em escala social” (AVELINO, 2016, p. 7) e que, segundo o autor, essa prática tem a característica de ser: a passagem do segredo para a revelação, um ato livre, que exige a presença de um outro e um momento de engajamento e não somente informação, ao que tudo indica, nesse cenário do fenômeno do *coaching*, a confissão pode sim, ser pensada como um serviço público que retira a obediência do corpo e coloca agora na subjetividade (AVELINO, 2016).

Para finalizar, é importante mencionar ainda que a ideia aqui é reforçar as críticas existentes às práticas do *coaching* e essas promessas de felicidade, sucesso e cura rápida. Dessa forma, a ideia desse trabalho é contribuir, em função dos baixíssimos números de trabalhos na área de Administração que contemplam a crítica a esse fenômeno, o que resulta em pouco referencial sobre o tema e a necessidade de adoção de pesquisas de outras áreas e internacionais. Além disso, o conteúdo de pesquisa encontrado sobre *coaching* e ainda os materiais disponibilizados são extremamente rasos (e inclusive mal escritos!), trazendo dificuldades no entendimento e muitas vezes truncando a forma de escrever nessa Tese.

Dessa maneira, reafirmo aqui o meu interesse em continuar pesquisando o tema, trazendo questões, por exemplo, relacionadas ao *coaching* e aos indivíduos, tanto no que se refere às discussões que abordam sofrimento e felicidade, quanto também, mapear o perfil dos participantes desses eventos para quem sabe afirmar uma suspeita que tenho: de que o *coaching* é a religião da classe média.

Além disso, pensando sobre o modo de conduzir-se, e apesar de não ser o foco do trabalho aqui, afirmo ainda que é possível olhar para a obra posterior ao curso *Do Governo dos Vivos* de Foucault (2014), intitulada *Subjetividade e Verdade*, e pensar o fenômeno do *coaching* como o que o autor denominou de “Arte de viver”, ou seja, uma literatura sobre as artes de conduzir-se.

Nesse curso, o autor inicia descrevendo a fábula do elefante, que faz parte do livro “A introdução à vida devota” e que, segundo São Francisco de Sales, bispo da igreja Católica, em referência às lições da natureza dadas ao gênero humano, esse exemplo do elefante (honesto que nunca muda de fêmea) é um dos mais recomendáveis e interessantes para servir de inspiração aos cristãos casados (FOUCAULT, 2016). O elefante representa o modelo e o brasão de boa conduta conjugal, virtudes sociais, fazendo de sua manada um modelo para a sociedade humana, e apresentando características como ser “prudente, corajoso, sangue-frio, obediente, fiel aos amigos” (FOUCAULT, 2016, p. 4).

Considerando que, em nossa sociedade, há certos discursos verdadeiros sobre o sujeito organizados em torno da confissão, o autor parte, nesse curso, da seguinte pergunta: “Qual experiência podemos fazer de nós mesmos?”. Tal questão servirá para nortear a continuidade desse estudo, no sentido de analisar esses manuais de boa conduta, uma vez que considerando esse olhar que fazemos para dentro de nós mesmos, para nos conhecermos e a partir da pergunta de Foucault (2016), podemos vir a refletir sobre a seguinte questão: Após essa obediência exaustiva a um outro e à verbalização de si, o que faremos com essas descobertas de nós mesmos?

Digo isso, pois, em relação a esses manuais de conduta, nesse curso, Foucault (2016) afirma que tais literaturas que indicam o modo de conduzir-se desapareceram, afinal, ao dar esse curso no ano de 1981, o autor afirma que ninguém mais ousaria escrever um livro sobre a arte de levar uma vida tranquila ou a arte de alcançar a felicidade. Ouso dizer que, no Brasil, esses manuais de conduta ou o que ele chamou de regime geral de existência, para mim são escritos por esses administradores da alma e têm se tornado os mais vendidos nos últimos anos. Aquele velho ditado anunciava: “Se conselho fosse bom não se dava, se vendia”. E aí surgiram os *coaches*.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Daniel. P. O que é neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado**. v. 32, n. 1, Janeiro/Abril, 2019.

AVELINO, Nildo. Governamentalidade e anarqueologia em Michel Foucault. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 25, n. 74. out. 2010, p.139-195.

_____. Subjetividade e confissão no curso ‘Do governo dos vivos’ *In*: IV Seminário Conexões: Deleuze e Política e Resistências, **Anais...** Campinas, Faculdade de Educação da universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2012.

_____. Confissão e Normatividade Política: controle da subjetividade e produção do sujeito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. VOL. 32 nº 93, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Ed. 70, 2016.

BAUER, Martin; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. *In*: Bauer e Gaskell. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

BENDASSOLLI, Pedro. F. Público, privado e o indivíduo no novo capitalismo. **Tempo Social**, vol. 12, n. 2, 2000, p. 203-236,

BINKLEY, Sam. Happiness, positive psychology and the program of neoliberal governmentality. **Subjectivity**, v. 4, n. 4, 2011, p. 371–394.3

_____. O Governo da Intimidade: Saciação, Intensificação e o Espaço da Reciprocidade Emocional. **Journal of Economics, Culture & Society**, v.24, n. 4, 2012, p. 556-573.

BRÖCKLING, Ulrich. The enterprising self and its genders. **Leviathan**, v. 30, n. 2, 2002, p. 175-194.

_____. Gendering the enterprising self: Subjectification Programs and Gender Differences in Guides to Success. **Distinktion: Scandinavian Journal of Social Theory**, v. 6, n. 2, 2005, p.7-25.

BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019. 256 p.

BRUNILA, Kristiina; SIIVONEN, Päivi. Preoccupied with the self: towards self-responsible, enterprising, flexible and self-centred subjectivity in education. **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**, v, 17, June, 2014, p.1-14.

_____. Preocupado com o eu: para subjetividade auto-responsável, empreendedora, flexível e autocentrada na educação, **Discurso: Estudos na Política Cultural da Educação**, v. 37, n. 1, 2016, p56-69.

BURLAMAQUE, Arthur. Dilemas Pessoais Contemporâneos em contexto de trabalho imaterial na perspectiva do *coaching*. **Dissertação (Mestrado)**. Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

CLEGG, Stewart. **As organizações modernas**. Oeiras: Celta Editora, 1998.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: Zaluar, A. (org.) **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1980, p. 87 -121.

COLBARI, Antônia. A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira. **SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição Especial de Lançamento, n. 1, v.1, Abril, 2007, p.75-111.

CUSHION, Christopher. Reflection and reflective practice discourses in *coaching*: a critical analysis. **Sport, Education and Society**, v. 23, n. 1, January, 2018, p.82-94.

DAHLSTEDT, Magnus e FEJES, Andreas. Family Makeover: *Coaching*, Confession and Parental Responsibilisation. **Pedagogy, Culture and Society**, v. 22, n. 2, 2014, p.169-188.

DANTAS, Edmundo Brandão. **Empreendedorismo e Intra-Empreendedorismo**. Lisboa: Universidade Fernando Pessoa, 2011. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em 02/03/2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a cidade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2017.

DELLAGNELO, Eloise Helena; MACHADO DA SILVA, Clóvis. Novas formas organizacionais: onde se encontram as evidências empíricas de ruptura com o modelo burocrático de organizações? **Revista Organizações e Sociedade**, v. 7, n. 19, set./dez, 2000.

DELLAGNELO, Eloise Helena; SILVA, Rosimeri. C. Análise de conteúdo e sua aplicação em pesquisa em administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa em Administração**: teoria e prática. São Paulo: FGV, 2005.

DENZIN, Norman. K; LINCOLN, Yonna. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (orgs.) **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2 Porto Alegre: Artmed, 2006. P. 15-41.

DESPERTE SEU PODER. Porto Alegre, 2019.

EHRENBERG, Alain. **Culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2010.

ESCARLATE, L. F. **Aprender a empreender**: Brasília: Fundação Roberto Marinho, SEBRAE, 2010.

FARIA, José Henrique. Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte. **Cadernos EBAPE.BR**. v. 7, n 3, 2009.

FODGE, M. Governing through career *coaching*: negotiations of self-marketing. **Organization**, v. 18, n. 1, January, 2011, p.65-82

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica** – Curso dado no College de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Do Governo dos Vivos**. Curso dado no College de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **Subjetividade e Verdade**. Curso dado no College de France (1980-1981). São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GARRATT, Dean; PIPER, Heather; TAYLOR, Bill. ‘Safeguarding’ sports *coaching*: Foucault, genealogy and critique. **Sport, Education and Society**, v.18, n. 5, September, 2013, p.615-629.

GAULEJAC, Vincent. **Gestão como doença social**. Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

GEORGE, Molly. Seeking Legitimacy: The Professionalization of Life *Coaching*. **Sociological Inquiry**, v. 83, n. 2, May, 2013, p.179-208.

GODOY, Arilda. S. Pesquisa qualitativa – Tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, 1995, p. 20-29.

HARVEY, David. **O neoliberalismo. História e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KOVÁCS, Ilona. **Globalizações: novos rumos no mundo do trabalho**. Florianópolis: Ed: da UFSC, 2001.

LANDRY, Jean-Michel. Généalogie politique de la psychologie. Une lecture du cours de Michel Foucault ‘Du gouvernement des vivants’ (Collège de France, 1980). **Raisons Politiques**, n. 25, 2007, p. 31-45.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal**. São Carlos: EduFSCar, 2011.

_____. **O governo do homem endividado**. São Paulo: n-i edições, 2017. 240p.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo. O consumo como investimento: a teoria do capital humano e o capital humano como Ethos. **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, 2009, p. 217-230.

MAITRA, Sabrani. Crafting ‘enterprising’ workers through career training programs among Canada’s South Asian professional immigrants. **Studies in the Education of Adults**, v. 49, n. 2, 2017, p.196-213.

MÄKINEN, Katriina. The individualization of class: a case on working life *coaching*. **The Sociological Review**, vol. 62, 2014, p. 821-842.

MILLS, Joseph. P.; DENISON, Jim. How power moves: A Foucaultian analysis of (in)effective *coaching*. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 53, n. 3, 2018, p.296-312.

NETO, Otávio. Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Maria Cecília de Souza Minayo (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NIELSEN, Anne E. & NORREKLIT, Hanne. A discourse analysis of the disciplinary power of management *coaching*. **Business Review**, v. 4, n. 3, 2009, p.202-214.

_____. Self-realisation and control in the discourse practice of management *coaching*. **Employee Relations**, v. 34, n. 2, 2011, p.159-176.

NUNES, Nei. A. A crítica genealógica de Michel Foucault às governamentalidades do liberalismo. **Tese (Doutorado)** Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. 313p.

PAES DE PAULA, Ana Paula. Tragtenberg revisitado: as inexoráveis harmonias administrativas e a burocracia flexível. *In: EnANPAD*, Rio de Janeiro, **Anais do XXIV Enanpad**, 2002.

PAGÈS, Max. et al. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1987.

PARKER, Martin. **Against Management: organization in the age of managerialism**. Cambridge: Polity, 2002.

POTRAC, Paul. JONES, Robyn. Power, Conflict, and Cooperation: Toward a Micropolitics of *Coaching*. **Quest**, v. 61, n. 2, 2009, p. 223-236.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. *In: Silva, Tomas Tadeu da (org.)*. **Liberdades reguladas**. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. Governing the enterprising self. *In: P. Heelas and P. Morris (eds)*. **The Values of Enterprise Culture – The Moral Debate**. London: Unwin Hyman, 1990.

_____. Inventando nossos eus. *In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.)*. **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 137-204. 2001a.

_____. Como se deve fazer a história do eu. **Educação e realidade**. v. 26, n. 1, 2001b, p. 33-57.

_____. Psicologia como uma ciência social. **Psicologia e Sociedade**, v. 20, n. 2, 2008, p. 155-164.

SARAIVA, Karla e VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. *Educação e Realidade*. Mar/Ago 2009.

SENNET, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14ªed. – Rio de Janeiro: Record, 2009.

SHOUKRY, Hany; COX, Elaine. *Coaching* as a social process. **Management Learning**, v. 49, n. 4, 2018, p. 413-428.

SOARES, Simone. M. M. As relações entre o *coaching* executivo e o sofrimento psíquico do trabalho: um estudo qualitativo. **Dissertação (Mestrado)**, Programa de Pós-Graduação em Administração, Centro Universitário FEI, São Paulo, 2017.

STIMILLI, Elettra. Per una vita in debito. **Aut Aut**, Milano, Il Saggiatore, n. 355, 2012, pp. 154-170. Tradução portuguesa de Selvino J. Assmann.

TAVARES, Bianca. F. C. O *coaching* no cenário brasileiro: uma análise de conteúdo das publicações no meio acadêmico e na mídia de negócios. **(Dissertação) Mestrado**. Mestrado Profissional em Administração, IBMEC, Rio de Janeiro, 2017.

TAVARES, Larissa Ferreira. **Condenados a vencer**: a atuação do SEBRAE na produção discursiva do indivíduo empreendedor de si mesmo. 2014. **Dissertação (Mestrado)**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014, 156f.

TONY ROBBINS BRASIL. São Paulo, 2018.

VEIGA-NETO, Alfredo. Governo ou governamento. **Currículo sem fronteiras**, v. 5, n. 2, 2005, p. 79-85.

_____. **A facilidade de se fazer algo difícil ou, se quisermos, a dificuldade de se fazer algo fácil** (apresentação). *In*: Foucault, Michel. Do governo dos vivos (Tradução Nildo Avelino). 2ª edição. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011, p. 9-16.

VIEIRA, Marcelo. M. F.; ZOUAIN, Deborah. M. **Pesquisa qualitativa em Administração**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.